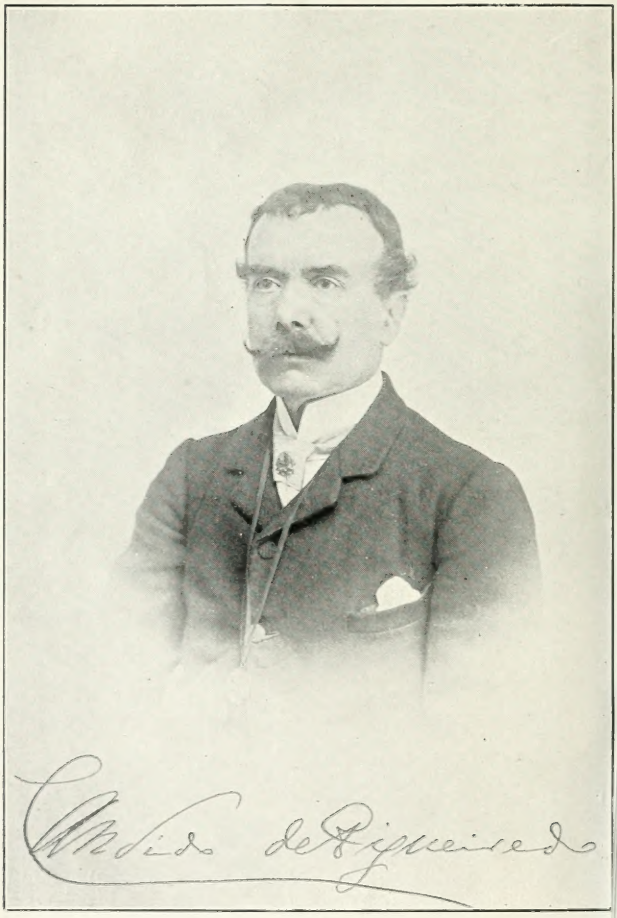
3 1761 07047944 9

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/peregrinaes100figu

$3


Conde de Figueiredo

PEREGRINAÇÕES

(1868 a 1908)

VERSOS

DE

CANDIDO DE FIGUEIREDO

(Escolhidos, corrigidos e anotados)

EDIÇÃO DEFINITIVA

1908
EMPRÊSA LITERÁRIA E TIPOGRÁFICA — EDITORA
178 — RUA DE D. PEDRO — 184
PORTO

Typ. a vapôr da Emprêsa Litteraria e Typographica
178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

PQ
9261
F52P4

RAZÃO DO LIVRO

Ao assomar o inverno da existência, são horas de fazer contas, pagar o que se deve e inventariar o que resta.

Não foi minguada a minha colheita em sazão de poësia; e certamente houve nela frutos pêcos e verdes ou mal sazonados. Mas, no conceito dos mestres, que não no meu, alguma coisa aproveitável ficou em seis volumes de versos e varios poëmetos meus, afora numerosas composições, dispersas na imprensa periódica e não coleccionadas até hoje.

Parece-me pois que, formando colectânea do que parece representar qualquer valor, eu poderia legá-la aos meus filhos e aos

meus amigos, — já que os vindoiros ficam longe da minha ambição, — certo de que o aceitarão como legado afectuoso de quem mais não tem que deixar.

Á parte o carácter genérico dêste legado, pareceu-me que devia especializar, entre os legatários, aqueles que mais de perto me distinguiram com o seu carinho, com as suas mercês e com as suas lições.

Se eu fòsse argentário, deixaria a cada um ao menos uma pequena jóia, como lembrança amiga. Á falta de mais e melhor, deixo-lhes versos, que êles estimarão, menos pelo que valem, que pelo que significam.

E grande pena tenho eu de que já não possam receber em vida as minhas rendidas homenagens escritores que, como Herculano, Mendes Leal, Castilho, Tomás Ribeiro, Camilo, Wilhelm Storck, Vegezzi Ruscalla, Marco-Antonio Canini, e outros, que, em Portugal e lá fóra, me distinguiram com o seu afecto e as suas lições; como não menor pena sinto de que já não possam coherdar a minha afectuosa lembrança muitos dos meus queridos companheiros de viagem na

travessia das letras, como João de Deus, Simões Dias, Teixeira de Vasconcelos, Visconde de Benalcanfôr, Gonçalves Crespo, Júlio César Machado, Eduardo Coelho, Dom Antonio da Costa, Pinheiro Chagas, e tantos mais.

A uns e outros a expressão póstuma do meu acatamento e da minha saudade.

*

Obviando á fácil e gratuita acusação de que, escolhendo versos meus, sou juiz dos próprios méritos, parece-me oportuno atenuar a minha responsabilidade com abonações idóneas de verdadeiros juizes no assunto.

Assim se explica a reprodução, que poderia parecer immodesta, de conceitos que versos meus sugeriram a Castilho, Herculano, Camilo, Quental, Mendes Leal, Chagas, etc.; e, como alguns dêsses conceitos estavam, até agora, consignados em documentos inéditos, é interessante e patriótico não fur-

tar à publicidade escritos inéditos de gloriosos mestres.

*

Ao peregrinar largamente pelas regiões da imaginação e da arte, não deixei marcos miliários a atestar aos pósteros a minha passagem; mas deixei ligeiras construções, que o vento de àmanhan esboroará, mas de que me apraz relembrar a fórma e o significado, como paragens queridas e saudosas num longo itinerário: *Quadros Cambiantes*, *Tasso*, *Parietárias*, *Poêma da Misèria*, *Nictagineas*, *Livro de Job*, *Crisàntemos*, e várias notas esparsas, que não chegaram a congregar-se em volumes.

Em oito jornadas pois se divide a aludida *Peregrinação*, mais longas umas do que outras, e mais ou menos distintas entre si por cambiantes de espírito ou sentimento. Essa distinção ou variedade atenuará por ventura a fadiga de estranhos, que se aventurem a estender os olhos pelo obscuro itinerário...; e os legatários destas memórias, — os meus

filhos, os meus amigos, — melhormente poderão repartir a deixa, tomando para si o que mais quadre á sua indole, aos seus afectos e ás suas recordações.

Certo de que não haverá demandas na partilha, tranquilamente cérro o meu testamento, que assino:

1—I—08, Pedroiços.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

JORNADA I

QUADROS CAMBIANTES

(EXTRACTOS)

OS «QUADROS CAMBIANTES»

Foram os meus primeiros versos, versos de colegial, escritos dos 16 aos 20 anos. Recebidos todavia lisonjeiramente pelos homens de letras e pela crítica, reeditaram-se em 1874, tendo-se feito em 1868 a primeira edição, na Imprensa da Universidade.

Para a boa aceitação do livro contribuiu, por sem dúvida, a cuidada revisão, de que, por intermédio de Tomás Ribeiro, então doente no Hospital da Estrêla, se incumbiu gentilmente Antonio Fernandes de San-José, secretário de Castilho, e que também fôra o revisor do *Dom Jaime* e não sei se da *Paquita*.

Pobre moço! Aos vinte e poucos anos, cheio de talento e de bondade, morreu tísico em Viseu, aí por 1870 ou 1871.

À sua querida memória estas duas palavras de saudade e afecto.

Palavras de Castilho

Lisboa, 28 de janeiro de 1868.

Meu incontestavel Poeta Candido de Figueiredo.

Li immediatamente os seus *Quadros Cambiantes*, e reli-os, e venho tarde agradecer-lh'os.

A razão é porque sobre tão notavel collecção eu desejava dizer-lhe muitissimo, e esperava para isso horas de menos occupação, que me não chegam nunca.

Para me não ficar eternamente pasmado, como o rustico de Horacio, que aguardava na margem do rio que elle lhe acabasse de

manar, rompo hoje as demoras, e acudo ao agradecimento singelo, renunciada a esperança de poder expressar-lhe a minha opinião, motivada e por extenso, ácerca do seu livro.

Receba-me por elle parabens muito cordeaes. É uma obra verdadeiramente distincta: poesia de pensamento e de afecto, estylo acertado e nobre, linguagem formosa e original, versificação e rima de primeira qualidade! Com metade só de tudo isto já se fazem obras applaudidas.

Mas o seu livro extrema-se ainda do vulgo dos livros mais ou menos metrificados e aconsoantados, porque representa deveras o interior de um espirito de bem, muito sensitivo, que se pasce nas flôres das suas tristezas reaes: *lacrimae rerum*, e dahi assume principalmente o seu feitiço.

Quer que lhe diga? Os seus *Quadros Cambiantes* lembraram-me trinta vezes, ou, por melhor dizer, sempre, aquelle tão sympathico Jocelyn, para quem a' solidão se tornou musica, e a dôr poesia. Oxalá que as analogias entre o amante de Lourença, lá nos

ermos dos Alpes, e o nosso Serrano da Estrella, não sejam ainda mais profundas e radicaes. O seu Seminario dá-me em que scismar.

Isto não é pedir-lhe a chave do enigma. Guarde-a muito embora; mas diga-me sequer que passou aquelle periodo de melancolias, e que o sacrificio não chegou a consumar-se. Só isto lhe pergunto, mas com o interesse de verdadeiro amigo, pois muito realmente, depois desta leitura, o ficou sendo

De V. Ex.ª

A. F. Castilho.

Palavras do Bispo de Viseu, Alves Martins

Viseu 23-2-68

Ill.mo Snr. e Am.o

Recebi a sua carta e o mimo dos seus *Quadros*. Depois da ceia li metade, ou quasi. Não tenho voto na materia, porque não sou do officio, e mesmo até já não posso sofrer as cantilenas das consoantes avariadas, com que vem á rua petiscos que para tudo e por tudo fazem versos.

O rithmo é um molde eufônico, em que se vàzão inspirações quasi divinas. O Poeta nasce, não se faz como o Philosopho.

Afigura-se-me que no seu livro se encon-

*

trará poesia, e a parte, que li, garante-me o resto.

Não se arrependa de o ter escripto.

Os fogachos da idade, quando vêm a a tempo e horas, em vez de escurecerem, abrilhantam o quadro.

A Benção divina lhe envia quem é de

V. S.ª

Am.º e Servo

ALVES MARTINS.

Palavras de Mendes Leal

Os *Quadros cambiantes* formam um opúsculo de poesias, recentemente colligidas e publicadas. Ha nestas strophes soltas viço e frescor, ha esmero metrico e o sentimento da harmonia, dote menos vulgar do que talvez se creia. O autor não é apenas um versista como tantos, é um poeta. Não procura seus effeitos na extravagancia, mas na naturalidade. Deve-se-lhe levar em conta esta virtude, cada vez mais rara!

É tambem muito para memorar o desprendimento com que, fiel á vocação, aspira á gloria tenteando a aspera e improductiva subida do Parnaso, quando tinha a celebridade e o lucro tão facil nas prosas politicas,

em que pullulam com pouco trabalho os Montesquieu e os Mirabeau.

É autor dos *Quadros cambiantes* o sr. Candido de Figueiredo, que neste livro faz a sua estreia. Saudamol-o como se saúda uma aurora. Persista com a fé que segura o èxito, e terá por seu o futuro. [1]

---

[1] (Na revista *America*).

MENDES LEAL.

Palavras de Camilo

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Agradeço-lhe o brinde do seu livro. Já conhecia versos de V. Ex.a, bem que, em idade muito de prosa, escassamente os leio e poucas vezes os entendo. Entendi, porém, os de V. Ex.a, e pareceram-me a alliança duma formosa intelligencia com um coração em flor e perfumes dos 20 annos. Escreva: o *último cantico* ha de ser como a promessa Ovidiana, e a de Garrett e a de todos os grandes obreiros num momento de desalentada fadiga. Escreva, por que de hoje a 10 annos V. Ex.a ha de ter muitissimas saudades do tempo em que escreveu o seu bellissimo livro.

Porto, 10 de fevereiro de 1868.

De V. Ex.a
Adm.or affectuoso e Cr.o

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

MARIPOSAS

Viste ao serão a doida borboleta
volitar descuidada
e arder depois na luz. Tiveste pena,
e disseste: — coitada! —

E eu, que a toda a hora ardo nas chamas
dêsse olhar adorado,
ò! quando te ouvirei compadecida
dizer também: — coitado! —

MARGARIDA

Mais de uma vez tenho pensado, flor,
mais de uma vez me veio
à ideia o puro aroma do teu seio,
— cofre de puro amor!

E que eu não possa haurir mundos de amor
na tua pura essência!
não adoçares tu minha existência
com teu perfume, flor!

ROSA

¿ Para que afastas irosa
êsse rosto alvo de neve ?
¿ acaso um anjo se atreve
a negar o que me deve ?

Não fujas, ouve-me, Rosa :
tu prometeste-me um dia
que o teu amor pagaria
da minha ausência a agonia.

Três annos daqui ausente,
ora a teu lado me vejo ;
e, quando a paga desejo,
de ti recebo um só beijo.

Concedo que um beijo ardente
nesse rosto de açucenas
compense um ano de penas...
Quantos faltam ? dois apenas.

L'AMOUR C'EST LA VIE!

(Ao Conde de Sabugosa)

I

Um dia, vi-te só. Estavas triste,
pendida a frente, e os olhos rasos de àgua;
e, ao ver que te oprimia funda mágua;
preguntei-te porquê, mas não me ouviste.
Certo, o quadro da vida contemplavas;
e, saudosa do céu, donde vieras,
em teu seio arcangèlico anelavas
por deixar dêste mundo as primaveras.
Tinhas razão! E eu preguntei-te ainda
se na terra um encanto não achavas,
que te levasse alivio ao coração;
ergueste a fronte pálida mas linda,
e respondeste: — Não! —

II

Mas depois, quando o amor, em doce calma,
em asas de oiro e neve te envolvia,
e na fronte gentil te entretecia
corôa de rainha da minha alma;
quando o amor, seus sorrisos entreabrindo,
veio fechar aqui nossos abraços,
e, sôbre a terra flores espargindo,
por flòrea senda nos guiou os passos;
logrei um céu em cada teu sorriso,
li a ventura no teu rosto lindo,
vi-te ditosa, e preguntei-te emfim
se êste mundo não era um paraiso,
e respondeste: — Sim! —

HELENA

A. J. Abrantes

Femina, cosa mobil per natura...
Tasso (*Aminta*, act. I, sc. II).

Helena, meus senhores,
se é verdade o que dizem as histórias,
deixou dos seus amores
perpétuas e tão trágicas memórias,
que eu tremo em vendo que inda alguem adora
as Helenas de agora!

Menelau espartano
a tinha por espôsa; mas que importa?
basta passar um ano,
e a Helena mais fiel os laços corta:
quando bem lhe parece, a outro prende,
e... ela lá se entende!

O caso é que em segrêdo
Teseu a leva um dia, e o pobre espôso
ficou sòzinho e quêdo,
a sós vertendo lágrimas saudoso,
na ausência do seu bem idolatrado
que um *traidor* lhe há roubado.

Mas a final, Helena
vem — depois de um viver delicioso, —
a minorar á pena,
a matar as saudades ao espôso:
o rei espartano abraça os seus encantos,
e adeus, saudade e prantos!

Na mais doce harmonia
vivia a bela Helena e o rei espartano;
eis senão quando, um dia
lhes entra em casa um hòspede troiano.
Se me lembro, trazia ao rei de Esparta
de Priamo uma carta.

Deixemos a embaixada.
Helena é mesmo um sol, Páris galante,
e não vos digo nada:
amarem-se foi obra de um instante;
e o maganão, tomando a prenda doce,
atè mais ver, safou-se.

Páris e o par amado
satisfeitos puseram-se a caminho;
e Menelau, coitado,
lá se ficou mais uma vez sòsinho.
Mas agora o vereis! — acende a guerra,
e faz tremer a terra! —

De toda a parte chama
reis a vingá-lo da traição e engano;
e vai empós de fama
acometer o pérfido troiano.
Houve proêzas; mas a vil tramòia
foi quem arrasou Tròia.

Não quero agora ler-vos
a hístória dos dêz anos dessa guerra;
e basta só dizer-vos
que os grandes males, que então viu a terra,
sortiram de uma causa bem pequena,
de uma mulher, — Helena!

E morto Páris, inda
Helena com Deifobo se desposa;
que uma mulher, que é linda,
sempre tem o condão da mariposa,
que, volitando, atrai, prende e enfeitiça
a quanta flor cubiça

Evaporou-se a essência
a esta outra flor ; e o meu Deifobo — é bôa ! -
mordeu-lhe a consciência,
péga em Helena, e a Menelau levou-a !
e, já se vê, o pobre do marido
acolhe o bem perdido.

Ora, o rei espartano,
depois de muitas lágrimas, finou-se ;
e Cupido magano
mandou então a Helena que se fôsse
a espalhar a saudade pelos mares,
tomando novos ares...

Foi ter com um parente ;
mas êste, que não era para graças,
diz muito bôa gente
que dera fim às burlas e trapaças
de Helena, que expiou a vida errada,
numa árvore enforcada.

E as Helenas, hoje em dia,
a dizer que nos de agora
não há a firmeza que havia
nos belos tempos de outrora !

Eu vejo aí as formosas,
— sem excepção de nenhuma, —
adoradas..., caprichosas...;
mas enforcadas..., nem uma!

OS MEUS DESEJOS

(AO DR. GÖRAN BJÖRKMAN)

Se Deus me preguntasse o que eu queria,
¿ que pensas tu que a Deus eu pediria ?
¿ talvez sabedoria,
como a pediu outrora Salomão ?
¿ ou de Creso os innúmeros tesoiros,
que assombraram presentes e vindoiros ?
Ò ! não, mil vezes não !
— Eu calcaria as pompas da opulência,
eu fecharia os olhos á ciência,
e só pedira então,
— como palma devida ao meu martirio, —
respirar teus perfumes, branco lirio
unir-te ao coração.

———

SAUDADE

(A D. Maria José Coelho de Alarcão)

Nos extremos do horizonte,
o sol poente flutua,
e da serra na clareira
fagueira
lá surge a lua.

A viração vespertina,
— gemido de orgam etéreo,
segreda um canto de dores
às flores
do cemitério.

Roxos lirios e saudades
ladeiam campa gelada,
e a sombra da cruz se estampa
em campa
humilde e ignorada

Deus! ¿ não tinhas milhões de anjos
na tua côrte celeste?
á gloria do paraiso
preciso
inda era mais êste?

Bem sei eu que a branca nuvem
desampara o charco immundo;
bem sei que a pomba de neve
não deve
viver no mundo!...

Mas se era a minha ventura
e na terra a minha guia!
se era na vida mesquinha
a minha
doce alegria!

Ás vezes, quando o sol, tibio,
no oceano se atufava
e do bronze a voz sentida
na ermida
ao longe soava;

Quando a triste lua ermava
do céu na vasta planura,
espelhando o rosto mago
do lago
na face pura:

Da meiga virgem da noite
eu via que tinha zelos;
ela ao céu a fronte erguia,
sentia
vagos anelos!...

Ó! ela tambem sabia
onde existe o prazer todo!
e bem sabia que a terra
encerra
só negro lodo!

Minha irman! entre os arcanjos
lembra-te de a quem na vida
só deixaste, ó lirio santo,
o pranto
da despedida.

VERSÃO DE UM EPIGRAMA DE SANNAZZARO

(Ao General Zeferino Brandão)

Tal ardor o meu peito por ti sente,
que os olhos suam liquidas centelhas!
— Sou um Nilo de lágrimas, em quanto
no peito sinto um Etna encandescente!
Ó pranto! apaga-me este fogo ardente!
Ó fogo! enxuga meu continuo pranto!

HORÁCIO A NERA

(Epod. XV)

(Ao Dr. Lopes Praça)

Era uma noite... lembras-te?
brilhava o firmamento
e á luz da lua pálida
ouvi teu juramento.

Abriste os braços lânguidos,
ao peito me apertaste
como se abraça ás árvores
a hera, e assim juraste:

— « Em quanto — ouve e acredita-me —
em quanto o alvo cordeiro
fugir do lobo rábido,
do lobo carniceiro;

e o inverno negar trêguas
á onda enfurecida;
e em quanto o sol esplêndido
der luz, amor e vida:

eu juro, amigo, juro-te,
uqe sempre dêste peito
beijos virão aos lábios
em troca dos que aceito!»

Ai, Nera! o teu perjúrio
roubou minha alegria;
mas destilar-te lágrimas
há-de uma dôr tardia!

Sim, há-de, quando pérfida
não aches, ao fugir-me,
em teus errados trâmites
amor assim tão firme;

e eu busque, aceso em cólera,
quem mais fiel me fale,
e me traduza em ósculos
amor que o meu iguale!

Então, se a mim, se á vitima
pedirem os teus prantos
perdão para o perjúrio,
não cedo aos teus encantos!

E tu, homem feliz, que eu gôzo te extasias,
libando beijos mil um rosto festival,
cospes no denso vêu, que me escurece os dias,
folgas co'a minha dôr, e ris do alheio mal.

Rico, bem sei que o ês, e sábio entre os mais sábios;
beleza, vejo que ês mais belo que Mireu;
mas, á! virá um dia, em que seus tredos lábios
Nera inda os ceda a outro, e então me rirei eu!

SALMO DE DAVID

(Ao Senhor Arcebispo de Calcedónia)

I

Erga louvor a Deus o humilde e o innocente,
e o nome do Senhor bendiga eternamente:

II

desde o raiar da aurora até o sol se pôr,
bendito seja sempre o nome do Senhor!

III

Acima das nações se eleva a majestade
daquele, cuja glória abrange a immensidade!

IV

E Deus, que lá em cima a sua mansão tem,
não sofre — o meu Senhor — confronto com alguém!

V

É grande, sim! Mas Deus, na terra e nas alturas,
atende e escuta sempre humildes criaturas;

VI

e o pobre e o desvalido ampara, e quando quér
leva a fecundidade ao seio da mulhér.

RIPOSO SULLE RIVE DEL BOSFORO

(Ao Dr. Alfredo da Cunha)

Calou-se a branda festa
das aves na folhagem.
Adormeceu a aragem.
Ardente vai a sesta.

Da olaia a sombra doce
buscou, do monte á falda,
e em leito de esmeralda
a bella reclinou-se.

Na mão apoia a fronte,
os olhos vai cerrando...
Domina-a sono brando,
ao tintilar da fonte.

O ardor do sol a pino
côa-se na ramagem;
afasta-se a roupagem
do seio alabastrino;

a trança se desprende,
e a beijos mil se atreve,
mal ocultando a neve
que chamas na alma acende.

Digam-me agora os sábios:
— ¿ que diz aquele anseio,
que nasce lá no seio
e vem morrer aos lábios?

Vejo que está sonhando;
sonha a gentil donzela;
¿ mas que sonhará ela
naquelle sono brando?

Eu vou, eu vou sabê-lo!
— « O seio não me escondas...
deixa afastar as ondas
do trêmulo cabelo...

Quero escutar-te ao perto
as pulsações do seio:
o sonho que te veio
quero saber ao certo!...

Perdòa, se è pecado
sondar um peito alheio!
Perdòa! no meu seio
tudo será guardado... » —

Meu peito se arreceia
de lhe tocar o peito...
reclino-me no leito,
e a trança nos enleia.

Dos làbios seus à beira
sinto assomar meu nome:
nos braços estreitou-me,
dormindo, a feiticeira.

VINGA-TE!

(A Eduardo de Noronha)

Como dama que foi do incauto amante
em amorosos brincos maltratada...
Camões.

E queixas-te, porque ousei
tocar no vedado pomo,
furtando-te um beijo — como
se o amor tivesse lei!

Não foi culpa; mas em fim
eu sei o que são mulheres! —
queres o teu beijo; queres
que t'o restitua; sim?

Não queres?! Não basta só
que o beijo te restitua?
Cruel! é vontade tua
vingar-te de mim sem dó?

Paciência! Vinga-te pois,
vinga-te pois sem tardança;
não demores a vigança!...
Furtei-te um? Furta-me dois.

A FÉ

(Ao Cónego Sena Freitas)

Virgem celestial,
de gesto sem segundo,
nas trevas deste mundo
tu és o meu fanal.

Formosa, sei que o és;
mas onde estás, formosa?
dize! que esta alma anciosa
te irá cair aos pés!

Louco! — Em o seio meu
ela gravar-se veio,
jorrando-me no seio
as luzes lá do céu.

Vejo-a, — de um casto alvor
cingida a fronte calma, —
a despertar-me na alma
visões de um santo amor.

Oiço-lhe a voz que diz
segredos de outra vida:
da terra prometida
me fala, e a Deus bendiz.

Certo que voz assim
vir só podia donde
aos homens Deus se esconde,
e o anjo e o querubim.

Oh! não me engano, não! —
a voz que seduz tanto
é nota de algum canto
da perenal Sião!

Que a fé, mandou-m'a Deus
lá desse céu profundo,
e a fé desceu ao mundo
para me erguer aos céus.

E ela me guia, a fé,
por flóridos caminhos,
furtando-me aos espinhos
que esta alma a sós não vê.

No rir de cada flor,
da rosa no veludo,
ensina-me e eu estudo
o nome do Senhor.

Ás vezes, quando além
rebrilha o sol no espaço,
ela me aponta o braço
que o sol no céu sustém.

Diz-me que a mão de Deus
solta ou enfreia o vento,
e póde num momento
fundir a terra e os céus.

Diz-me tambem a fé
que é sonho da alvorada
a vida; o mundo, nada;
que o homem nada é!

Que é nada o homem, sim,
mas que — depois — um dia
eterno principia,
desta existência ao fim!

Que além da vastidão
dessa azulada esfera,
eterna primavera
os bons desfrutarão!

E diz-me ainda a fé
que nesses mundos de oiro
franqueia o seu tesoiro
aos bons *Aquele que é!*

que os olhos erga aos céus,
e os passos meus escude
na sólida virtude,
para chegar a Deus.

. . . . . .

Em quanto eu não entrar
nessas mansões felizes,
repete-me o que dizes,
meu anjo tutelar.

PRISÃO DE AMOR

(Versão de um epigrama grego)

(A Francisco Serra)

Um dia cortou ela um só cabelo
da longa e fina trança de oiro belo,
e as duas mãos com êle me ligou.

Deixei ligá-las, e sorri-me quando
vi fácil o quebrar o laço brando,
com que a travêssa minhas mãos atou.

Mas quando de tão frágil embaraço
me quis livrar, achei que o brando laço
numa dura cadeia se tornou.

ADEUS

(IMPROVISO)

Deixa cair já agora as tuas lágrimas
sôbre o sacrário de um amor tão triste!
Deixa! talvez que em breve o riso e o júbilo
venha secar teu pranto: Deus existe,

e Deus não quer que a nuvem, sublimando-se
às alturas do céu, entolde a estrêla,
sem que a estrêla, ao roçar da aragem tépida,
rebrilhe em céu azul, nitida e bela!

— Ergue os olhos a Deus! Nunca o martirio
nos excrucia, sem nos dar a palma;
nem eu te deixo a sós co'as tuas máguas:
dor companheira, fica-te a minha alma...

Deixo-t'a, e vais comigo! — êste mistério
há de sondá-lo que sondar o oceano,
ou quem apreciar uma só lágrima
que resvale em teu rosto sôbre-humano!

Ó! vais comigo, sim! O céu aliga-nos,
¿ e desta alma quem póde separar-te?...
— A tua imagem vaporosa e cândida
hei de vê-la ao meu lado em toda a parte!

Sempre que o sol desponte sobre o Herminio,
ver-te-ei *ainda* nesse mago instante
á janela assomar, e os braços niveos
recruzá-los no seio palpitante!...

Quando saudosa modulares cânticos,
e o piano gemer sob os teus dedos,
hei de escutar-te ao longe a triste música,
e comprender *ainda* os teus segredos!

À tarde, quando o sol, já froixo e tibio,
me diga o extremo adeus, ver-te-ei *ainda*
inclinando na mão a fronte lânguida,
vergando á dôr de uma saudade infinda!

E quando... Ai! eu não sei que voz tão intima
impõi silêncio á voz, que os labios vibram:
pois quem desligará dois fachos trémulos
que Deus uniu, e que no céu se libram?...

Quando a noite desdobra a immensa cúpula,
cravejada de estrêlas cintilantes,
¿ não tens visto dois astros a sorrirem-se,
e a mutuarem-se um olhar de amantes ?

Bem póde a tempestade erguer-se em fúrias
e turbar-lhes a face alegre e linda ;
mas, ó ! se os contemplares de hoje a um sèculo,
no mesmo pôsto os acharás ainda !...

É êsse amor como êste amor santissimo,
sem fim, sem mancha, sem o pó da terra !
é essa luz como esta luz perpètua,
que èste meu seio e o seio teu encerra !

Deixa pois deslisar as tuas lágrimas,
as lágrimas que insulta a primavera,
e eleva os olhos a um futuro esplèndido !
Curva-te pois ao meu destino e espera !

Quando eu voltar, e no cristal purissimo
dos olhos teus me fòr mirar *ainda*,
fresca, louçan, se entoucará de pèrolas
a primavera graciosa e linda !

Hoje ri ela, e êsse riso insulta-nos,
porque à ledice não se casa o pranto,
porque a amargura nos assoma às pálpebras,
porque se quebra o nosso doce encanto.

Ai, vou deixar-te! Adeus!... Os labios trêmulos
mal traduzem a mágua que me assiste!
— levo comigo a tua imagem cândida,
deixo a minha alma neste adeus tão triste!

A PROVIDÊNCIA DOS POBRES

(A D. Ana de Castro Osório)

Leonor... não sei quem era!—Às vezes, penso e creio
que era um anjo de Deus, que das alturas veio
aqui viver saudoso! Eu inda a conheci;
vi-a só uma vez, mas dêsde que eu a vi
nunca pude esquecer aquela imagem triste,
pálida, pensativa... Ainda a vejo! existe
ante os meus olhos, tal, qual eu a contemplei.

Era ao cair da tarde. Ao longe, o astro rei
descia brandamente às horas do sol-pôsto,
com o último reflexo iluminando o rosto
da virgem solitária e triste. À branca mão
encostava-se a face, aonde o coração
vinha espelhar fiel seus intimos anelos.
Soltos à viração, os trêmulos cabelos
caiam em aneis no seio de marfim.
Aquele olhar!... — Ó! nunca o sol brilhou assim! —
Aquele olhar sem norte, incerto, vago, etêreo,
perdido pelo céu..., no mundo era um mistério!

Debruçada á janela, eu vi-a disparar
por todo o céu em fóra o pensativo olhar.
Vi-a tão triste e só! avizinhei-me dela,
e fui-me debruçar também sôbre a janela.
Olhei-a, e não me olhou! tinha perdida a côr,
a côr que veste em Maio a pudibunda flôr;
dos olhos em redor vi-lhe uma orla preta,
onde de quando em quando a lágrima indiscreta
vinha denunciar o triste coração!
E eu disse: — Que vês tu, lá nessa vastidão,
onde se vão perder teus lacrimosos olhos?
— Um porto, — me disse ela, — ao fim de um mar de es-
colhos,
e no porto um farol, que chama para os céus
aqueles que no mundo abrem sua alma a Deus!
— Mas quem te move o pranto, e nesse olhar profundo
lança pesado véu? saudades de outro mundo?
saudades dessa pátria, aonde Deus sorri
aos anjos, teus irmãos, que ansiosa vês daqui?
ou tédio dêste val de lágrimas salgadas,
onde por pranto e ais as horas são contadas?
— Pregunta, — me disse ela, — á alma do poeta
porque vive do amor; pregunta á borboleta
porque se vai queimar na chama que a seduz;
pregunta á flôr do val porque abre o seio á luz
pregunta ao roxinol porque ao raiar da aurora
entorna o seu cantar por sôbre a flôr que chora;
á lua, que nos céus divaga sem parar,
pregunta-lhe quem busca em seu peregrinar;

ao cipreste, que geme um cântico funéreo
em tôrno aos mausoléus, no frio cemitério,
pregunta pórque é triste ; e, se depois alguém
te responder a ti, responderei também.

Um dia — era no inverno — o vento estrondeava
em cima do telhado ; e a chuva fustigava
os vidros da janela, onde eu sózinha vi
a pálida Leonor. Há pouco eu vira ali,
bafejada do mundo, a branda sensitiva
dobrar-se na sua haste, absorta, pensativa,
olhando o céu azul ; e agora onde estará
a lânguida florinha ? Acaso o inverno já
lançou por terra a flôr que os anjos cultivaram
e no pragal da vida um dia abandonaram ?

A janela, que o vento e a chuva açoitar vem,
hoje cerrada está ; mas, se atentarmos bem,
veremos, através dos vidros da janela,
formosa imagem triste e pensativa... É ela!

Na rua uma criança ia passando então,
de farrapos coberta ; a enregelada mão
ela estende, implorando o pão da caridade ;
mas da indigência os ais ¿ quem escutá-los há-de ?
quantos dos homens vão as portas descerrar
aos que gemem a sós, sem mãi, sem pão, sem lar ?

Leonor vê a criança; e as lágrimas em fio
rompem dos olhos seus.
Dentro de pouco, o frio
nos membros da criança não tremia já:
Leonor dá-lhe agasalho, e lume e pão lhe dá.
Mas era pouco: despe as sedas da opulência,
e faz da sua casa asilo da indigência!

Consôlo, amparo e mãi dêsses que a sorte fez
herdeiros só do mal, dizia muita vez:
— «Meus filhos, quando o bem nos foge nesta vida,
devemos esperar na *Terra prometida:*
Deus, pai de todos nós, nunca enjeitou ninguém,
e, quando o mundo é triste, o céu guardadas tem
no seio do Senhor eternas alegrias!
Que importa a vida aqui? Rápidos são os dias,
a dôr é de um momento... Ânimo, esp'rança em Deus!»

E o anjo da pobreza, abrindo os braços seus,
ao peito conchegava o filho do indigente,
dava-lhe do seu pão, beijava-o ternamente,
cingia-lhe ao corpinho as sedas que despiu,
sorria como nunca a terna mãi sorriu!
Depois, meiga e cuidosa a pálida enfermeira
ia-se recostar do enfermo à cabeceira,
levando à dôr alivio, à fome pão e amor.

Após santo lidar, a angèlica Leonor
chegou ao seu sol-pôsto, e descansou na morte!
Deus abendiçoou tão invejável sorte,
e os pobres do lugar choraram sua mãi...
Àquela que passou a vida em fazer bem,
lavraram-lhe o epitàfio os prantos da indigência;
e ela, que aos pobres foi segunda Providencia,
— ao regarem-lhe a campa as lágrimas da dôr, —
no céu escuta os ais de saudade e amor.

EM FIM!

(Ao Conde de Porto Covo da Bandeira)

Não profiro o teu nome! venturoso
outro o profere agora a teus ouvidos;
teu rosto se lhe volve carinhoso:
estremecem de amor os teus sentidos;
mas, ah! que ao menos possam na tua alma
um eco despertar os meus gemidos!

B. Pato.

Chegou a hora da suprema angústia!
Os dias, que a ventura
vinha doirar com lúcidos fulgores,
fugiram, como foge na espessura
o arroio que trepida entre verdores.
Ao rosto magoado
assoma agora a lágrima das lágrimas...
e lá no espêlho de um feliz passado
inda entrevejo a tua imagem pura!

Revolvo aqui o livro da memória,
e só encontro páginas doiradas
onde tu escreveste a nossa história,
com tintas que do céu te foram dadas;
mas, ah! na última página
a tinta são as lágrimas salgadas,
com que aí fica escrita em negras côres
uma epopeia de sublimes dôres!

Ontem, sorria a vida,
povoada de esp'ranças, fé e amor;
hoje, desmaias, purpurina flôr,
ao seio de outro unida!
Ontem, era-me a vida um paraiso!
guiava-me no mundo a luz dos céus,
se via almo sorriso
brincar alegre à flôr dos labios teus!
Hoje... abriu-se-me o inferno,
e fecharam-se as portas do meu céu...
— Nas praças da cidade,
prendeu-te um ecúleo a sociedade,
e a vitima... fui eu!...

Sacrilegos!... Julgaram que os altares
podiam arrancar-te do meu peito,
como se um dia fôsse dado aos mares
sairem do seu leito!

Sacrilegos! quiseram que uma estola
legitimasse uma união maldita!...
Maldita, sim! — o astro, que vai e rola
na abôbada infinita,
que vão casar-lhe os limos cá da terra
ao brilho que êle encerra...

E compram-te por oiro! e há quem diga
que uma estola doirada prende e liga
corações que jamais se comprenderam!
Mentira! Êsses, que os braços teus prenderam
a um seio frio, frio, enregelado,
venham rasgar meu seio,
e cá dentro verão as tuas lágrimas,
e cá dentro verão os risos teus,
— risos e prantos, com que a aurora veio
matizar-me as alfombras da existência;
e aonde um anjo verte uma só lágrima,
e aonde larga as flôres dum sorriso,
lá fica a sua essência!

Embora nunca mais os lábios trémulos
eu vá colar à tua rósea face;
embora alguém te abrace,
e impio te vá beijar,
em quanto eu, a sós,
segrêdo à terra e ao mar,

ao sol e á triste lua,
meu desespêro atroz,
se alguém disser que és sua,
sempre direi que és minha!...

O amor, quando se aninha
em um peito fadado para amar,
não morre, — cresce, ràpido caminha,
não há retrogradar! —
Hoje como ontem, àmanhan e sempre,
— e talvez inda lá na eternidade —
verei a tua imagem insculpida
na làmina infinita, desmedida,
do oceano dêste afecto!
Sim, quem há-de,
nos áridos desertos desta vida,
esquecer êsse oásis, onde um dia
dessedentàmos a alma sequiosa
em fonte cristalina? Quem havia
de esquecer essa vida tão ditosa
que tu me dêste, e os anjos invejaram?!

Não, não te hei de esquecer! — corram os anos,
leve-me longe meu cruel destino,
sulquem-me a face amargos desenganos...,
teu rosto peregrino,
perdido já seu nitido fulgor,
é sempre a estrêla pálida
nas trevas desta dor!

Ó! não te hei de esquecer! e tu... quem sabe?...
talvez... talvez que um dia ao chão desabe
o grandioso edificio dêsse amor;
e, erguendo-te sôbre essas ruinarias,
te esqueças de outros dias,
e venhas insultar a minha dor!...

Perdão! perdôa à louca fantasia
aprensões que lhe acodem nesta hora!
Perdão! juraste-o, e os anjos não perjuram!
juraste — e acreditei — que nunca um dia
além assomaria,
sem relembrares essas horas mágicas,
em que a mudez nos destilava a ambos
torrentes de eloquência!...

Se às vezes de mim foges e te ocultas,
quando a ti ergo os olhos magoados,
não é porque em teus seios jaspeados
o amor já não se albergue; é porque as lágrimas
podem trair-te à face dêste mundo,
que nos abisma num penar profundo!
.....
.....
Não sei o que te disse,
mas disse-o só a ti! O mundo ignora
a dor que nos lacera nesta hora,
e o mundo... o mundo ri-se!

Que ria embora! Tu, enxuga o pranto,
disfarça a dôr pungente,
e corre, corre à festa resplendente,
que lá te espera o noivo! Eu, entretanto,
irei... onde o destino me levar!

Desce o tremendo golpe! e o ferro crava
num peito que te soube tanto amar!
A sociedade o manda! és sua escrava.
vela os olhos, e fere sem piedade!
Acaso julgas que há-de

faltar aqui no peito já lugar
para tão funda e lancinante mágoa?
Não falta, não, que o peito dilatou-se-me,
de immensas dores na candente frágua!

Eis o meu peito! fere-o!
foi grande para o amor!
conteve grandes júbilos!
grande será na dor!

ÚLTIMO CANTO

A lágrima

Arcanjo cismador dos meus altares,
visão celeste dos meus sonhos breves,
lirio sem mancha, minha doce espôsa,
adeus! Cansei os olhos a mirar-te
e a vêr se via a luz que o peito almeja
ao arraiar da infancia... Doido anelo!
Em asas de condor, minha alma ansiosa
leda esvoejava ás regiões que habitas,
em demanda da luz que te aureóla!
E o sol queimou-me as asas! vento estranho
restrugiu, e varreu-me a luz dos olhos,
prostrando-me a teus pés, sem luz, sem nada!

Adeus! O moribundo, que se estorce
nos paroxismos últimos da vida,
¿ que mais póde deixar-te, ó alma cândida,
do que esta lágrima, que pura escorre
dos olhos meus sôbre o teu seio puro?!
Abre o teu coração, pomba de neve,
descerra-me hoje a urna preciosa
que encerra tanto amor e tantas mágoas!
— quero lá esconder mais esta pérola
que me subiu do coração aos olhos!
quero, sim! que esta lágrima é um livro,
onde hás de lêr, em horas de saudade,
os mistérios de uma alma que te adora!

— Quando a saudade te ensombrar o rosto,
hás de inclinar a fronte no teu seio
e ouvir lá os segredos desta lágrima!
Hão de lembrar-te aquelas doces tardes,
em que a lua, a sorrir, nos espreitava
assomando nos pincaros do monte.
Hão de lembrar-te êsses harpejos de alma,
que os zèfiros da noite me traziam
das teclas sonorosas do piano,
— teu doce confidente... Há de lembrar-te
o relvoso tapête da alameda
e os cantos suspirosos da avezinha —
alvoradas da nossa primavera!
Hão de lembrar-te os sonhos que sonhámos!

Há de lembrar-te o rir da nossa infância —
paraiso perdido, aura que foge.

Recolhe a minha derradeira lágrima!
e, se àmanhan a lage do sepulcro
esmagar o meu peito..., vai chorá-la
na minha pobre campa, Margarida.

JORNADA II

TASSO

(Extractos)

O «TASSO»

(Do prefácio do autor)

. . . . . .

«A minha tentativa é, entre nós, quase nova na fórma. Lá fóra sei eu que Byron deu ao *Manfred*, e Quinet ao *Ahasvérus* e ao *Promethée* a fórma dramática. Em Portugal não conheço obra dêste género, se não falarmos de algum prelúdio de poéta incipiente em fôlha volante da imprensa periódica.

«Se por gentes, que mais olham o passado que o presente e o futuro, mal olhada fôr a novidade, confortar-me-á o exemplo de estranhos, e acolher-me-ei resignado aos braços do meu melhor mestre, — a consciência.

«Mas, admitido uma vez o que é novo sem deslustre da arte, resta-me sair ao encontro de observações que já prevejo.

«¿Porque alarguei eu, a capricho, dentro de um canto, o número dos quadros, e como justificar a variedade de lugares e païsagens no desenvolvimento de uma só acção, em oposição ás condições e leis ordinárias da representação dramática?

«Em primeiro lugar, a obra não foi escrita para o teatro; por onde, pouco me importa que ela se acomode ou não ás exigências, nem sempre justas, de um palco, em que a acção nunca póde ter desenvolvimento completo.

«Depois, se Aristóteles condenava as mudanças de lugar durante uma acção dramática, é sabido que a poesia moderna quebrou essas peias, e já Sófocles no *Ajax*, e Ésquilo nas *Euménides*, esqueciam essas leis do velho teatro. Hoje, para justificar a variedade das païsagens, escusado é citar exemplos de Shakspeare, de Byron, de Goethe, e de tantos outros.

«Possivel é também que alguém me peça contas pelo papel antipático que no poema representa o duque de Ferrara, Alfonso II.

«Ninguém contesta que êle encarcerou o

Tasso no hospital de Santa Ana. Na indagação da causa e do fim dêste procedimento, é que poucos biógrafos e poucos críticos se conformam.

«Alguns áulicos servis, que escreveram sôbre este assunto, não querem ver manchas na corôa ducal, e defendem a acção do duque, afirmando a loucura de Tasso.

«Fizeram-no Manzo e Muratori e Tiraboschi. Mas, para lhes avaliarmos a imparcialidade, convém saber-se que o primeiro era cortesão de Alfonso II, e os dois últimos eram bibliotecários dos duques de Módena, herdeiros colateraes do duque de Ferrara.

«O que admira é que, ainda nêste seculo, um poéta, cuja memória todo o mundo respeita, e cujas convicções democráticas tiveram manifestações esplêndidas, — Lamartine, — se vá, no último quartel da vida, rojar aos pés do trono de Ferrara, encarecendo a piedade ducal para com o poéta encarcerado! O homem enérgico e generoso de 1848 foi, por um momento, advogado de um tirano, e defensor de uma causa condenada por muitas gerações. As contradi-

ções, diz não sei quem, perdôam-se ás mulheres e aos poétas. Perdão á Lamartine.

«Ponho de parte, por fúteis, os arrazoados de Balbo e de Gaetano Capponi, quanto á prisão de Tasso: um diz que ela foi motivada pelas negociações secretas que o poéta entretinha com o grão-duque da Toscana; outro, pelo palacianismo e ceremonial da côrte, que não se casam bem com liberdades poéticas.

«Sigo pois a tradição constante e documentos de valia, para insinuar que o amor foi causa da prisão e desgraça do poéta.

«Nêste ponto, nova polémica acendem os biógrafos. ¿Quem foi a amada de Tasso? Foi Leonora de Éste, irman do duque? Foi Leonora Sanvitale, condessa de Scandiano? Foi Leonora, serva de Leonora de Éste? Foi Lucrezia Bendidio? Foi Lucrezia de Éste, irman de Leonora? Foi Livia de Arco? Giulia Guerrera? Marquesa de Lauro? Laura Peperara? Barbara Turca Pii? Condessa de Lodrona? Condessa de Sala? Tarquinia Molza? Constanza Belprato? Angelica? Ginevra? Victoria? Bentivoglia? Tassona?...

«Para todos êstes ídolos êle teve incenso. O seu turíbulo fumou nas aras de todas estas divindades, sem que os jardins da Italia fôssem teatro de cïumentas lutas, promovidas pela discórdia entre as Minervas, as Vénus e as Junos dêste novo Olimpo.

«Todavia, o amor dos poétas, que nós alcunhamos de *vário*, não me parece que mereça a alcunha. Eu imagino que o poéta, criando para si um mundo á parte, cria uma Eva á sua imagem, *e adora a sua obra*.

«Essa criação é o ideal do amor. Luminosa como a imaginação que lhe deu o ser, emite raios que se espelham nos olhos azues, verdes ou negros, dos anjos terrestres.

«O poéta, que tem concentrado o amor nas regiões da fantasia, encontra ás vezes na terra um e muitos reflexos vagos da imagem que êle criou. Daqui a multiplicidade de afeições que, partindo de pontos diversos, vão todas confluir no mesmo e único foco.

«Não sei se poderei assim justificar o politeismo dêstes idólatras do ideal, que o mundo nem sempre trata com justiça; mas livre-me Deus de concluir que o Tasso idolatrasse a

um tempo, e com o mesmo ardor, todos os pálidos reflexos do seu ideal.

«Espelhos há que reflectem a luz com mais intensidade que outros: todos os lagos espelham o céu azul, mas ninguém deixará de preferir a contemplação de um lago da Suiça em noites de lua cheia.

«Ora, se ao poéta de Sorrento se não póde contestar a predilecção por alguma das suas divindades, ¿porque não será Leonora de Éste a predilecta?

«O brinde especial, que êle lhe fez, de uma colecção de versos; os triunfos poéticos de Tasso na côrte de Ferrara, tão próprios para acordar a simpatia e o amor em peitos femininos; a aliança e a intimidade do poéta com toda a familia de Éste; as narrações de muitos biógrafos, para não se invocar o testemunho da tradição: tudo nos deixa crer na existência dêsse malfadado amor, que tinha de ser a ruina do poéta.»

Palavras de Antero de Quental

Ex.mo Sr. Candido de Figueiredo.

Acabo de ler com todo o interesse o seu formoso poema, e com toda a atenção o conceituoso prólogo que o precede. A sua maneira de ver a Arte é elevada e pura, cheia de medida, e, por assim dizer, clássica no romantismo. Mas não lhe parece que o poema histórico, tratado da maneira abstracta que ali indica, interpretando num sentido moderno os caracteres e as paixões, perde muito da sua realidade e por conseguinte do seu interesse, e fica sendo, em vez de um individuo localizado e com suas feições próprias, uma generalidade philosóphica e uma

entidade abstracta? É assim o theatro de Schiller, e o *Tasso* revela-me que o seu autor, pelos sentimentos e pelo *tom* da imaginação, pertence á escola daquelle nobre espirito. Mas não será aquella constante substituição de caracteres abstractos e ideaes aos caracteres reaes e históricos um dos maiores defeitos do theatro de Schiller, monumento a que se não pode negar elevação, pureza e nobreza, mas a que tanto falta o colorido, o *acento* e a realidade — ? Os personagens de Schiller não pertencem a uma epoca ou a uma civilização determinada. Acha isto uma vantagem? Cousin e os espiritualistas franceses dizem que sim, porque esses personagens sem patria nem idade certa, dizem elles, representam, não o que ha de accidental e fortuito no homem, mas o que ha de essencial e eterno. Mas esse homem assim não existe, nem pode existir, é uma abstracção. O verdadeiro homem é isso certamente, mas alem d'isso é ainda a forma particular que essas disposições universaes tomam em face de tal ou tal civilização e debaixo da influencia de taes ou taes

crenças, instituições e ainda climas; não me parece que haja verdadeira e radical oposição entre o mundo real e o ideal, porque o real, se é o limite, é tambem o meio, o instrumento e a forma do ideal. Os personagens de Goethe ou de Balzac, com terem tão acentuada a feição dos seculos e civilizações a que pertencem, são por isso menos ideaes? Não posso crel-o. A aspiração moral do homem, por ter esta ou aquella forma determinada, nem por isso deixa de ser aspiração, de subir, de se expandir, assim como é escusado aos rios seguirem uma linha recta para correrem; através dos mais caprichosos meandros seguem o seu curso, tanto mais bello quanto é mais variado, e mostrando em mil aspectos muito mais visivelmente a natureza da força que os impele, do que se seguissem uma direcção uniforme, inalteravel.

Meu caro Sr. Figueiredo, peço-lhe que não tome isto que ahi fica como conselho ou censura: não tenho nem auctoridade nem sciencia para fallar nesse tom a um escriptor com o seu talento, a sua experiencia

e os seus conhecimentos. Isto é simplesmente uma opinião, que não quer ter nem tem senão o caracter de *cavaco* (como cuido se diz ainda em Coimbra) isto é, uma coisa, cujo maior merecimento é a sinceridade e a despretenção.

Uma opinião que prova contra uma obra de merecimento? As opiniões passam, as obras ficam. A sua ha-de ficar por que tem, independentemente das intenções esteticas do auctor, mais ou menos discutiveis, uma coisa que ninguem discutirá, penso eu; talento, conhecimento da arte, altos conceitos e versos (como diz Baudelaire) impecaveis. Com isto vae-se a toda a parte, e se não se vae á posteridade é só porque não ha posteridade para os escriptores de uma nação que tem de morrer amanhã.

Receba, meu caro poeta, os meus emboras e creia-me seu

Sincero admirador,

Lisboa, Rua de S. Pedro de Alcantara n.º 111, 1.º de maio, 1870.

ANTHERO DE QUENTAL.

Palavras de Teófilo

Porto, 25 de março de 1870

Ex.mo Sr. Candido de Figueiredo.

Vae para tres dias que fui mimoseado com o affectuoso brinde da sua ultima publicação, o poema de Torcato Tasso, e ainda não o agradeci porque o li na cama, e só agora é que me acho restabelecido. O meu amigo, sobre este assumpto, tinha um terrivel adversario, nada menos que Goëthe, que tambem escreveu a *Morte de Tasso*, uma das suas melhores obras, e escreveu-a em tempo que os trabalhos historicos modernos não tinham ainda desfeito o ideal ou legenda do poeta de Sorrento. Agora sabe o

meu amigo o que é ter incubado um pensamento longos annos, ver, de certo dia em diante, que já lhe não pertence e anda exposto a todas as interpretações, a todos os sarcasmos e, o que é peor, á indifferença de um publico sem cultura e de uma litteratura sem ideal nem dignidade, minada e corroida de inveja muito pequenina.

As idêas estheticas que expande no seu prólogo são verdadeiras; como dogmaticas e inabalaveis, a fórma pessoal, introduzindo o eu nos seus juizos, limita o que é geral a uma mera impressão particular.

É um leve defeito exterior que passa desapercebido, e que tomo a liberdade de notal-o, como reparo de amizade, para futuro.

A parte propriamente do poema é animada, e a fórma dramática era na realidade a que se prestava mais a dizer tudo. Porém a união dos versos de redondilha, ou pela sua facilidade, ou por terem sempre sido muito empregados na baixa comedia de cordel do nosso theatro do seculo XVIII, abrandam o tom epico que exige a acção. Espero da sua intelligencia que verá nestas palavras

sinceridade de irmão, e para saber o valor do seu trabalho, não tem mais do que apreciar a satisfação moral que delle lhe provem.

Rua do Almada n.º 298.

Sempre amigo muito obrigado,

THEOPHILO BRAGA.

Palavras de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Ill.mo Snr.

Primeiro que tudo, peço-lhe perdão da minha demora em agradecer o seu precioso e inesperado brinde, assegurando-lhe que só o meu estado physico podia obstar ao cumprimento d'um gratissimo dever. Agora que decerto o seu bom coração me perdoou já, deixe-me V. S.a que eu diga, ainda que muito mal, a deliciosa surpresa e a admiração profunda que o seu livro me veio trazer. Que o seu nome era um dos mais brilhantes e esperançosos da moderna geração, sabia eu já, pelos formosos versos, que tenho lido, espalhados por aqui e ali em publicações

periodicas; mas o que eu não conhecia ainda era a vigorosa seiva e a encantadora originalidade da sua poesia.

Não vá julgar que sou pedante!

Isso não; pelo amor de Deus! Eu não sou mais que uma alma namorada de todos os esplendores!

Nada entendo de escolas, mas creio que entendo muito de coração, porque o meu sente, admira, e enthusiasma-se pelo que é bello e grande.

No seu livro ha tão dedicados cambiantes de sentimento, tão elevado arrojo de fórma, tanta força e tamanha suavidade, que apezar da bemfadada ignorancia de que não desejo sair, houve em mim um instincto que me advertiu de quanta belleza ali brilhava esplendida!.

Creia que o admiro saudando o seu talento com desinvejoso e profundissimo jubilo!

Já duas vezes li o *Tasso*, a primeira com avidez curiosa, a segunda com meditativa admiração! Sabe qual, foi um dos trechos que mais me enthusiasmou? Admirar-se-ha

porventura da escolha, quando lhe disser que são os versos que o poeta de Ferrara dirige a Roma ao entrar a cidade eterna. Que grandeza naquelles decasyllabos!

Depois desta homenagem singela, mas bem sincera, que eu lhe presto, permitta-me V. S.ª que agradeça do intimo d'alma a generosa indulgencia das palavras que escreveu na primeira pagina do seu livro. Não as mereço, mas sinto-me grata e feliz por lh'as haver inspirado.

Tenho em meio um poema no genero do primeiro que escrevi. Se Deus me ajudar a inspiração, em breve terá V. S.ª essa humilde offerta.

Termino esta, afirmando-lhe que ninguem lhe deseja com mais ardor a continuação dos triumphos que tanto merece, e pedindo-lhe me creia sempre

De V. S.ª

admiradora enthusiasta
e veneradora agradecidissima,

Casa de Puintès,
9 de abril, 1870.
(Correio de Tojal)

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Palavras de Michelet

Paris — rue d'Assas, 76.

M. Michelet á reçu le drame de Monsieur Figueiredo.

Combien il regrette de savoir si peu cette belle langue! Cependant il l'etudiera, avec grand plaisir, et *comprendra* par l'analogie de *sentiment*, la concorde interieure.

Il lui serre le main, et le remercie.

28 — III — 70.

CANTO I

PRIMEIRO QUADRO

(Ao Dr. Teófilo Braga)

. . . . . .
. . . . . .

A princesa Leonora de Éste, lendo o canto IV da «Gerusalemme Liberata» no caramanchão fronteiro ao Tasso

«Entre as formosas de Argos, Cipro ou Delos,
nunca se viu assim beleza tanta:
enfantiça-nos o oiro dos cabelos,
e, mesmo sob o véu, transluz e encanta!
assemelha-se a trança aos raios belos
do sol, que ora esplendente se levanta,
ora, velado pela nuvem branda,
ainda oculto seu fulgor nos manda.

Muitas vezes a trança se desata,
e do vento ao sabor tremúla e ondeia;
e o fascinante olhar, que prende e mata,
sob o párpado e os cílios se incendeia.
Parece que o vermelho de escarlata
do marfim do seu rosto se arreceia...;
mas, sòbre os lábios onde o amor habita,
pura escarlata fogo intenso excita!»

Tasso, aproximando-se a medo:

É sua a voz, e lê o meu poema!
atende os débeis sons da minha lira,
passa horas a ler o que me inspira;
porem amar-me era a ventura extrema!

Leonora, continuando a leitura do poema:

«É de alabastro puro o niveo colo,
e nêle o amor ingnota chama acende.
Avista-se uma parte e ainda um pólo
de cada mundo que ao pescoço pende;
a outra parte, um véu, talvez por dolo,
dos olhos indiscretos a defende;
porem o pensamento, por vingança,
os mais escusos penetrais alcança!

como um raio de luz que transparece
da lâmina de um vaso cristalino,
o pensamento vaga, e não conhece
barreira que se oponha ao peregrino:
percorre estranhos mundos, vôa, e dece
a devassar as minas de oiro fino,
aonde as maravilhas que não vejo
se engrandecem aos olhos do desejo!»

.....

.....

SEGUNDO QUADRO

Preparativos de uma caçada, em frente do palácio ducal. O Duque Alfonso II, o conde Anibal Spinosa, cortesãos e pagens.

Alfonso II, mirando o cavalo do conde Anibal:

Bravo! quem assim cavalga
um tão formoso alazão,
não admira se lhe dão
as honras da montaria!

O Conde:

Entre todos o primeiro
o meu alazão seria,
se o vosso corcel ligeiro
não tivesse a primazia!

O Duque:

Dizes bem: lá galhardia,
ligeireza, garbo e fôrça,
isso tem o meu corcel!
— na carreira vence a corça;
e, se os veados em bando
pudessem voar... ainda
os venceria voando.

Serena vai a manhan,
limpo o sol, e o vento brando:
formoso dia de caça,
em que esta minha azevan
e cavalos desta raça
jamais esquecem proêzas.

Lá vem os nossos monteiros
com as vistas todas prêsas
aos nossos corcêis ligeiros.

O Conde:

Mas o poêta? Em caçadas
sempre êle foi dos primeiros;
e, se os olhos não me enganam,
não o vejo entre os monteiros.

E é pena; pois quando a gente
não lobriga um javali,
e corre montes vanmente
sem bispar coisa que mate,
¡que bom não é ter ali,
do monte em cada clareira,
versos de fino quilate,
que suavisem a canseira!

O Duque:

Tambem já gostei do Tasso,
porque os ditos de um jogral
nem sempre são mal cabidos
em uma côrte ducal:
prestam-se ás vezes ouvidos
a bobices, porque em fim
nem sempre se quer dormir:
— Escuta-as a gente, e assim
algum tempo leva a rir.
Hoje, êsse gosto que eu tinha
trocou-se em desprêzo e dó:
Tasso, que, por via minha,
há pouco se ergueu do pó,
quis erguer-se tanto acima,
que, se aparece entre o povo,
pequeno e grande o lastima
por endoidecer tão novo.

O Conde, (surprendido):

Doido o Torquato!

O Duque:

Coitado!
tanto em vida tem trovado
amores, visões, estrêlas,
que ficou estonteado.
Olha, cabeças daquelas
não é sisudez deixá-las
andar ao ar livre assim.

O Conde, (indeciso):

Percebo: das vossas salas
ides lançar o mastim...

O Duque, (levando a atenção e a vista para deante):

Escuta! À *mata das cruzes*
ouvem-se vozes em grita;
no atalho do *lobo branco*
alguém lá corre que agita
as cimeiras dos giestais;
na extrema dos estevais
lá voou um cavaleiro...
é Girolamo di Rimini!
conheço o andaluz ligeiro

que êle monta... Lá se avista...
lá se embrenhou... Vai na pista
de cerdo, veado ou urso!
É cerva! como ela corre
das clareiras à chapada...
tão ligeira e tão armada...
tu verás como ela morre!
Ó! praza a Deus que eu a tope!
Conde! a galope! a galope!

.....
.....

TERCEIRO QUADRO

.....

Tasso, (desprendendo-se dos braços de Leonora):

Sinto ao longe um tropel de cavalgada...
São êles, os monteiros
que voltam da caçada.
Findam pois os momentos prazenteiros
que hoje lográmos, minha doce amada!
E que rápidos foram! Horas magas
são estas em que o amor traz luz aos dias
que a desventura ennoita;
mas, ai! são como as vagas
que beijam solitárias penedias,
e em circulos refogem, uma e uma,
até perderem-se em lençóis de espuma!

.....
.....

CANTO II

. . . . . .

SEGUNDO QUADRO

Um corredor que leva à câmara do duque de Ferrara. Avista-se Alfonso II estendendo a vista por alguns quadros que lhe ladeiam a câmara. Febo dirige-se para o duque.

Febo:

Buon giorno! cumprimenta-vos, e beija
as vossas mãos o vosso servidor;
e dias bons deseja
ao seu alto senhor.

O Duque, (prasenteiro):

¿Que novas hà, meu bom Febo?
certo, não vindes dizer
que algum novo Catilina
ás portas me vem bater;
portanto podeis sentar-vos,
descansar e...

Febo:

É minha sina,
ou sèstro de medicina,
visitar, falar e andar;
e agora, em boa verdade,
não vos posso conversar,
consoante a vossa vontade.
Mas, deixando a cortesia:
entre os doidos do hospital
hà um, a quem a final
se póde dar alforria...
pois revela são juizo
de tal geito, que a um mortal
nem tanto lhe era preciso!

O Duque, afectuoso:

Nesse caso, a medicina
é que cede a liberdade
ao liberto da doidice...

Febo, agradecido

Na casa de Èste a bondade
em todo o tempo condisse
com prosápia que deriva
das glórias da antiguidade...

O Duque, reflectindo:

Se não vem fóra de ponto,
dizei-me de quem falais.

Febo:

Falei-vos de um desgraçado
que, largo tempo, abafado
entre paredes sombrias,
póde, ao fim de longas noites,
ver o sol, passar os dias
sob o céu italiano,
da liberdade ao clarão.
Poéta, se não me engano,
eis o nome que lhe dão!

O Duque, afectando serenidade:

Torquato Tasso, bem sei.
Pois, meu Febo, dir-vos-ei
que a sciência vos engana;
nem eu me admiro; se é lei
de fraca razão humana!

Febo, acentuando a expressão:

Perdão, se vos contradigo,
— desta vez, não me enganou:
a praxe, que há tanto sigo,
e que sempre heis aprovado,
em toda a luz me indicou
que o poëta infortunado
a razão recuperou.

O Duque:

Foi num lúcido intervalo
que vós o ouvistes, bofé;
e em taes momentos, não é,
por certo, que heis de julgá-lo.

Febo:

Mas nobre senhor...

O Duque, franzindo o sobrecenho:

Silêncio!
Não sofro contestações;
e a quem xafurda e se atola
no lodeiro dos vilões,
não costumo a porta abrir.
Torquato Tasso está doido;
quanto a vós... podeis sair!
.....
.....

CANTO III

SEGUNDO QUADRO

(A Augusto de Lacerda)

O camarim da princesa Leonora. Meia noite. Leonora, à luz dum lampadário, ora aos pés de um crucifixo.

Leonora:

¿Porque morreste, ò Cristo, abrindo ao mundo os braços,
trazendo-nos do céu a liberdade e o amor,
quebrando-nos grilhões, por apertar os laços
com que fizeste irmãos os filhos teus, Senhor?

se o fraco geme aos pés dos fortes que o esmagam!
se o grande não escuta a voz de seu irmão!
se as bagas de suor, da gleba ao servo alagam,
em quanto folga ou dorme o inerte castelão!

Ergueste um grande templo! abriste o santuário
e o mundo então chamaste á comunhão do amor!
foste-lhe vida e sol! teu peito era sacrário,
fonte de graça e luz! E negam-te, Senhor!

—rasgam-te em negra orgia a túnica sagrada!
revolvem tua cruz em torpes lodaçais!
lançam-te escárneo e cuspo á face immaculada!
blasfemam do teu nome em córos infernais!

Ozas da nova idade, alçaram mão profana,
ao vento dispersando o livro sem igual!
e as folhas do *Evangelho*, emmudecido o hosana,
insulta-as a risada em torpe bacanal.

E homens, que o céu maldiz, ergueram como espectros
nos ágapes do amor ensanguentadas mãos;
cingiram uma c'rôa; e, levantando cetros,
calcaram tudo aos pés! — não viram seus irmãos!

A quem por senda errada os passos encaminha
rasgue-lhe os véus do êrro o esplêndido farol!
—o amor, que o andrajo humilde á púrpura avisinha,
desate-se em clarões de lúcido arrebol.

Suceda á noite o dia! — Oiça-se a voz do povo
onde se envolve o orgulho em sedas e ouropéis!
cumpra-se a tua lei, a lei que eu amo e louvo!
bemdigam tua cruz nobres, peões e reis!

A tua doce voz foi brado no deserto
que o pobre, o infante e o humilde apenas acordou!
— o grande alevantou-se; e ao povo mal desperto
lançou férreos grilhões, e altivo o espesinhou!

Mas tu és bom, ó Cristo! — a vista ao céu levanta,
e péde inda a teu pai que lhe perdôe, Senhor!
Luz ao pequeno! ao grande! ao verme! ao cedro! à planta!
pois és o sol e a vida, a liberdade e o amor!

Dois cavaleiros, armados, e de viseira caida, entrando no camarim:

Saudamos a alta beleza
da alta princesa Leonora!
Nenhum receio, princesa!
Todo o silêncio, senhora!

Leonora, aterrada:

Homens! espectros! demônios!
bandidos ou salteadores!
¿a quem procurais, senhores?
quem sois vós? que me quereis?

Os cavaleiros, fechando placidamente a porta do camarim

A paz vos desça ao espirito,
se não quereis dar ao vento
as queixas que soltareis!

Leonora, aflita:

Quê! pois já não sou Leonora?
a voz me tolheis assim?
¿Quem vos franqueou a entrada
dentro do meu camarim?
Mas se dorme o duque Alfonso,
ou por montados discorre,
¿está deserto o palácio?
¿ninguém aqui me socorre?

Caminha para a porta, que encontra fechada

Os cavaleiros:

É baldado todo o empenho
em pedir socorro agora!
não póde ouvir-se lá fora
o vosso brado! não póde!
e, certo, ninguém acode
á vóz da augusta Leonora!

Leonora, sempre aflita

Mas em nome de que leis
meu aposento invadis?
Essa viseira que diz?
Quem sois vós? que me quereis?

Os cavaleiros:

Nada importa que saibais
o nosso nome e direito;
e nada valem os ais
que irrompem do vosso peito.

O que importa, o que queremos,
é que o papel que trazemos,
e que ante vós ora está,
leve escrito o vosso nome
pela vossa mão, e já!

Leonora:

¿Que é pois mester que eu assigne?

Os cavaleiros:

As escrituras legais
de um casamento... do vosso!

Leonora:

Do meu casamento! e posso
saber quem por meios tais
atrás da fôrça se esconde
para ser meu noivo!

Os cavaleiros:

O conde...

Leonora:

Êle! e á fôrça! cobardia!

Os cavaleiros, levando a mão ao punhal:

Já não tarda a luz do dia,
e a evasiva é mal cabida;
— nada de apodos balofos
em que o tempo se consome!
Venha a razão, e decida:
ou escreves o teu nome,
ou então... perdes a vida!
Toma pois a pena! vamos!
ou nos dás teu nome escrito,
ou nós mesmo o traçamos
co'a ponta dêste punhal!
— a tinta será teu sangue
que espirre ao som de um lamento,
e papel o pavimento
dêste palacio ducal...

Leonora:

Deixai-me pensar na fôrça
desse dilema fatal,
alguns momentos...

Os cavaleiros:

Senhora,
esperamos meia hora!

.....

*

CANTO VI

TERCEIRO QUADRO

(Ao Dr. Coelho de Carvalho)

Tasso, assentado à beira-mar. As ondas vêm quebrar-se-lhe aos pés. De um lado, Sorrento; e do outro as águas azues do Adriático.

Tasso:

Nem Roma, co'os destroços e ruinas
que lhe restam dos tempos que passaram;
nem Màntua, o flòreo berço de Vergilio,
com suas festas e bulício e galas;
nem as vozes da glória que se elevam
das multidões que em tôrno a mim se agrupam;
nem o raivar da inveja que se morde
ante os triunfos do rival de Ariosto,
puderam abafar a voz contínua
que me fala de angústias e saudades!

Bem hajas, solidão! — só tu me ofertas
o calix onde bebo o esquecimento
de passadas torturas! mas não fogem
do coração as dores da saudade
que eu sinto junto ao mar. Pórcia de Rossi,
por estas praias, me levava ao colo,
fazendo-me aprender ainda infante
os gemidos das ondas! Escutei-os...
vingou em frutos a lição precoce!...

Também nestas areias eu vagava
a sós com minha irman! Pobre Cornélia!
nem tu me restas, companheira amiga
nos risos e folguedos de criança!

Dize-me tu, ó mar: ¿ a que paragens
levaste aquelas conchas esmaltadas,
que eu apanhava em tuas praias de oiro?
¿ onde abismaste aquelas brancas flores
que a fronte me adornavam quando infante?

Tudo caiu nessa fatal voragem,
em que os anos resvalam, sem que os anos
enchê-la possam! — dorna das danaides,
sem fundo, nem alivio para os mártires,
atreladós á roda do destino!
Tudo passa! mas tu ainda sóltas
de praia a praia cantos e lamentos!

Ruge o leão do Atlas na floresta;
esbraveja o simum na África adusta;
rompe o sol das montanhas do Oriente;
os campos atapetam-se de flores;
opulentam-se os ares de perfumes:
mas um dia o leão entra no fojo,
e cala para sempre a voz medonha;
mas o simum varre o Saharà, e foge;
mas esmaiam as flores sob a calma,
e não mais se respiram os perfumes!

E tu és sempre o mar, cantando às rochas
segredos que em ti guardas do passado!
quem t'os podêra lêr, ò livro immenso,
nas folhas que desdobras sôbre a praia!
quem decifrara a história dos gemidos
que espalhas pelas bibulas areias?
Sentinela que os tempos não curvaram,
tens visto as gerações passando ao nada,
e enviaste um lamento a cada uma!
E nunca a tua voz se extingue e morre,
como o vento que chora nos ciprestes!
— ontem, hoje, e àmanhan, e sempre, e sempre,
não cessas de carpir a humanidade!

Venho gemer contigo! Se os meus olhos
estilarem ao menos uma lágrima,
abre o teu seio immenso; em tuas pérolas

deixa esconder-se a pérola desta alma;
e, de envolta co'os ais que desentranhas,
leva às eras por vir os ais que eu sólto!

Um Gondoleiro, cantando:

As gôndolas de Sorrento,
não há nada a que as compare!
Minha gôndola, que o vento
te leve a Castellamare!

As gôndolas da baia
que voguem lá sobre a areia!
a minha já foi a Ischia,
e já volteou Capréa.

As auras sopram fagueiras,
e a tarde corre saudosa.
Lá ficam as laranjeiras
da Pausilippo formosa.

Nas cidreiras côr de esp'rança
ninguém há que não repare!
Minha gôndola, descansa!
Cheguei a Castellamare!

CANTO VII

PRIMEIRO QUADRO

(A D. Maria Amália Vaz de Carvalho)

As ruinas de Roma, entre o Capitólio e San-Giovanni de Laterano. Á esquerda os muros denegridos do Coliseu. Ao lado do Capitólio, a rocha Tarpeia. Ao longe, o Tibre.

Tasso, entrando em Roma

Rainha, salvè! Agora, que eu te vejo,
levanta-me os padrões da tua história:
quero ver se inda escuto a voz da glória,
que levava teu nome ao Nilo e ao Tejo!
¿Que è do manto real que nos teus ombros
flutuava á mercê dos quatro ventos?

¿Que è das corôas, que o valor tirava
da fronte aos reis, e t'as lançava ás plantas?
¿Que è dessa espada que em paragens tantas
negra mortalha a tantos reis talhava?

Tens bravos filhos, ¿ onde estão, rainha ?
heròis, que nunca na travada luta
arrancavam a espada da bainha,
que esta de novo a recebesse enxuta ?

Responde ! Mas que sombras agoirentas
da tua fronte o resplendor enturvam ?
¿ que maldições tua cerviz acurvam ?
que já não podes conjurar tormentas ?
Vacilas, tremes e resvalas dèbil
do erguido trono em que trajaste galas !
Choras, rainha ? Que suspiro flèbil
te rompe os labios, quando ao chão resvalas ?

Cinzas, que o vento sòi varrer gelado
desta necròpole onde o horror fascina,
falai-me vós de entre a eral ruina,
contai-me dèsse tempo que é passado !
Mário ! que nos destroços de Cartago
sentar-te foste, sò, meditabundo,
vem hoje ver o miserando estrago
que o tempo abriu na capital do mundo !

No ocaso, há tantos anos, escondidos,
surgi, César e Numa, sòis de glòria ;
alumiai as fòlhas dessa està̀ria
que tem por letras pedestais caidos !
Cipião ! tu, que na Àfrica inimiga,

de tuas glòrias espalhaste a fama,
esquece a ingratidão da Roma antiga,
surge do pó, vem vê-la, herói de Zama!
.....
Ninguèm responde! nem o virgem côro
das vestais puras, nem a voz dos bravos,
nem a grita confusa dos escravos,
nem o eloquente discursar do fôro!
Calou-se a vós de Cicero! o senado
e o universo não pendem dèsses làbios
que já fizeram, levantando um brado,
tremer traidores e pasmar os sàbios!

Filho desnaturado, que a ruina
procuras à mãi-pàtria, larga o pejo,
podes vir dar-lhe o traiçoeiro beijo,
podes entrar agora, Catilina!
Heliogabalo! surge, tripudia,
abre a porta aos bordéis em que te escondas!
Nero! respira sangue; ao sangue! à orgia!
ao matricidio! às saturnais hediondas!

Fundo silencio o Coliseu abraça!
— Tudo sem vida, silencioso tudo!
Ninguèm responde! està deserto e mudo
o anfiteatro flávio, o circo, a praça!
O Tibre apenas lànguido murmura,
e as faldas da Tarpeia vai beijando;

e as ruinas que o fogo denegrira
inda maldizem o feroz normando!

Se por este horizonte a vista alargo,
surgem nuvens de pó, que assim disperso
vela o sono á rainha do universo,
adormecida em secular letargo!
Onde as águias romanas esfaimadas
se opulentaram das nações co'o espólio,
vejo apenas ruinas, pó e ossadas,
e a cruz erguida, além, no Capitólio!

Como és grande, velando as ruinarias
em que firmas os pés, ó cruz bendita!
a quem os olhos em teus braços fita
¡que bálsamos do céu, que amor lhe envias!
Mais triunfante que os césares da história,
levantas-te de Roma nas colinas,
e o caminho da luz, da paz, da glória,
de gerações em gerações, ensinas!

Ruem por terra o pedestal e a arcada,
o deus de Belvedere, a palma e a esfinge;
derruba o tempo a auréola que nos cinge,
mas tu não cáis, ó árvore sagrada!
Quando as c'rôas me esfolhe o torvelino,
quando a foice fatal meus dias córte,
abre-me os braços! deixa o peregrino
á tua sombra descansar na morte!

.....

QUARTO QUADRO

Tasso:

.....

Não me chores, amigo! a eternidade
é manancial perene de ambrosia
a quem libou o fel da vida, e ao crente
que soube amar com alma de poêta!

.....

.....

Estou cansado, e a febre não descansa!
mas no meio da angustia derradeira
sinto não sei que alivio! — abrem-se os ares,
e acenam-me de longe as asas brancas
de um querubim... É ela, a minha esposa...

O Monge, rezando o salmo XXX de David:

« Eleva-me, ó Deus justo, ó sol da eterna luz!
« que toda a minha esp'rança em ti, Senhor, depus!

« À voz de quem te implora, inclina teus ouvidos,
« atende já, Senhor, meus intimos gemidos!

« Eu ando só, bem vês: sê tu meu protetor;
« abre-me a tua casa, abriga-me, Senhor!

Tasso, a Manzo:

Descerra essa janela... assim. Ver quero
pela última vez o céu da Itália!
Quero ver êsse céu, onde as estrelas
serviam de cortejo à triste lâmpada
que Deus suspende na infinita abóbada!
Agora, vem sentar-te aqui mais perto
do teu amigo, e escuta.
Não te esqueças
de quem na hora extrema não abraça
outro amigo, e que amigos não conhece!
Passei por entre os homens desprezado,
invejado dos grandes, e mal visto
dos pequenos. Mas tu, que inda na terra
ficas, até subir ao teu calvário,
dirás aos homens, meu fiel amigo,
que os amei como irmãos; que nos meus cantos,
como no puro espêlho da minha alma,
a imagem do meu Deus se reflectia;
que despedi o alento derradeiro
erguendo as mãos Àquêle que além-túmulo
premia os que na terra não tem prêmio!

e que, ao lado da cruz do Nazareno,
meus joelhos dobrei aos pés da virgem
que além me espera, por me dar a palma
de tanto amor!

.....

Desmaia no ocidente
o astro da alegria, já cansado
da carreira diurna! Espera um pouco,
ó astro dos meus dias venturosos;
não te escondas sem mim! leva-me! leva-me!
aos floridos jardins da minha esposa!
salva-me tu das sombras desta vida!
leva-me à luz! aos braços de Leonora!
leva-me aos pés d'Aquêle que te envia!

(Expira)

O MONGE, *continuando o salmo:*

« Nas tuas mãos, Senhor, entrego o meu espirito,
« pois que da tua mão
« agora me caiu nas trevas do meu cárcere
« a luz da redenção!

JORNADA III

PARIETÁRIAS

(Extractos)

AS «PARIETÁRIAS»

O livro *Parietárias*, publicado em 1871 pela Emprêsa do *Diario de Noticias*, para com êle brindar os seus assinantes, não entrou no comércio. Versos da adolescência, parentes próximos dos *Quadros Cambiantes*, se não atestam sensivel melhoria de fórma, registam certamente impressões de uma quadra da existência, em que a imaginação mais alto paira, e em que os afectos mais fundo se enraizam. Quem, dos 20 aos 24 anos, não é poéta, quase não merece as primaveras que Deus nos manda.

Palavras de Pinheiro Chagas

Tem o *Diario de Noticias* o formoso costume de presentear todos os annos os seus assignantes com o brinde de um livro de prosa ou verso, e, como já vae em sete annos a existencia da folha popular, dispõem os seus fieis soldados de uma bibliothecazinha de seis volumes, que, valha a verdade, nalguns pontos do nosso sertão, devem dar á casa do feliz possuidor a fama de ter dentro dos seus muros uma livraria conventual, que não cederá em riqueza bibliographica senão á livraria do mosteiro de Tibães ou á bibliotheca de Strasburgo, antes de os Prussianos a incendiarem.

Foi o ultimo brinde, como os leitores sa-

bem, um volume de poesias do sr. Candido de Figueiredo, intitulado *Parietarias*. Ácerca deste livro acho-me eu neste momento na mais original das situações. Habitualmente o revisteiro bibliographico indica ao publico o merecimento de um livro novo e incita-o a que vá compral-o. Ora o leitor deste folhetim ou é assignante do *Diario de Noticias*, ou não; no primeiro caso já leu as *Parietarias*, no segundo não pode tel-as. De fórma que os elogios que eu fizesse a essa formosa collecção despertariam os bocejos de uma parte dos leitores, e as maldições da outra. *C'est trop de deux, madame*, dizia o Ruy Gomes da Silva do *Hernani* em casos menos apurados.

Troquemos comtudo algumas palavras ácerca deste moço poeta. E' um talento verdadeiro, não acha? Pensador e enthusiasta. Tem estrophes de uma adoravel melancholia, e outras aquecidas por todo o calor de uma alma generosa. É delicadissima a poesia dos *Tres véus*, magnifica a *Ave, libertas*, profundamente reflectida a que se intitula *Crenças*. *J'en passe, et des meilleures*, direi eu ainda,

já que decididamente não faço neste folhetim senão tropeçar, com o devido respeito, nas barbaças brancas do venerando heroe de Victor Hugo.

Eu sigo ha muito, com verdadeira admiração, os passos do sr. Candido de Figueiredo na carreira das letras. Não são tão abundantes os talentos poeticos da nova geração que se não sinta um verdadeiro prazer, quando se encontra uma inspiração tão robusta como a do auctor das *Parietarias*.

PINHEIRO CHAGAS.

DEDICATÓRIA

Quando á tarde o perfume destas várzeas
com o fumo do albergue se alevanta
ao céu tranquilo; quando as auras tépidas
baloiçam lânguidas a mole acácia,
e quando o sol desmaia no ocidente
e cânticos resaltam das balseiras:
debruço-me á janela, a ver ao longe
as palhetas doiradas que o céu franjam;
e bebo, a longos haustos, o perfume
que me banha e que vem, mas não sei donde,
na corrente das auras vespertinas.

E o céu é vasto mar! as nuvens de oiro
são ondas vaporosas que me levam
por ignorados mundos de harmonia!
E quando eu assim vou, — ligeira pena
boiando á flôr de um lago desmedido, —
oiço harmonias que aprendi no berço,

e curvo-me no abismo do passado
a escutar cada nota dêsse harpejo
que me embalou infante! — notas soltas
de um cântico celeste, mas tão triste
como um lamento de feral agoiro.

Quem diz o que é saudade? Nessas horas,
em que, avoejando a alturas mal sonhadas,
corro de pólo a pólo o espaço e o tempo,
escuto embevecido o harpejo ignoto,
e vejo perpassar ante meus olhos
a doida valsa de ligeiros silfos;
passam gnomos; agitam-se grinaldas;
estrêlas tremeluzem; deslumbrantes,
joias das sete côres se dispersam
por tapetes e plácidos triclinios;
cambiantes de luz levam os olhos
presos ao voltear de brancas silfides!
E, inundado de luz e de harmonia,
eu sinto um vácuo immenso! — estendo á vista,
e assoma a tua imagem melancólica
a dizer-me dalêm: «Meu canto é triste,
porque é triste a saudade! se não pódes
encravar essa roda que te esmaga,
solta um gemido! eu gemerei contigo!»

Levanto a voz, e ao teu saudoso harpejo
eu vou juntar então meus tristes cantos.
Porque não? — A alvorada que assurgia,

aureolando de rosas minha fronte,
escutou-me os prelúdios matutinos,
e há de escutar-me os cantos magoados.
.....
.....
Desalentado no arraiar da vida,
disparo a vista pelo mundo em fóra,
e os crepes se me estendem sôbre as flôres
que matizavam minhas doces várzeas!
Dizem que a mocidade é sempre alegre!
Talvez! E que tem lá que eu seja moço?
Talvez! Antecipou-se a minha tarde!
Fatal entardecer! — Apalpo o mundo,
e já lhe sinto as pústulas que o rôem;
mas, de entre a ingrata podridão levanta-se
immaculado o arcanjo da poesia!
— Sacode as asas brancas, e esvoaça
por cima dos marnéis! Cái-lhe dos olhos
sentido pranto sôbre o têrreo lodo!
com a dextra nevada aponta os astros,
e, na outra mão, segura uma corôa,
— a corôa do gênio — entretecida
de espinhos, de martirios e saudades!
.....
.....
Vais escutar-me pois! Mas, se entre os cantos,
resvalar uma lágrima furtiva,
pára, e remira o rosto nessa lágrima,
por mim vertida ao relembrar teu nome!

Depois, fecha o meu livro, e estende os olhos
à nuvem do poente, que se estira
pelas orlas do céu, ao fim da tarde!
Estende! — nessa hora, os meus olhares
hão encontrar os teus no mesmo ponto!
E desça embora a noite! — é sono doce
o dormido nos braços da saudade!
— reponta a lua, e a sombra do passado
vem apertar-nos em abraço estreito,
dormindo-se conosco! Eu vos bendigo,
brancas visões, que me enlevais a mente,
ao fim do dia, às horas da saudade!

———

HARPA NOCTURNA

(A João Penha)

És bela assim! No levante
vem a lua a despontar;
beija-te a aragem fragrante,
e ilumina-te o luar!

Agitam-se as verdes frondes
do múrmuro laranjal,
onde a revêzes escondes
essa beleza ideal!

Andam no ar uns harpejos
que, donde vêm, não sei eu!
são talvez loucos desejos
de quem para amar nasceu!

— Tu não sabes os segredos,
que nestas noites de amor
vão por êsses arvoredos,
onde quer que a aragem fôr! —

A lua vê sua imagem
no teu seio de marfim,
e envolve-te na roupagem
de uma fada... És bela assim!

Tu és bela como a ondina,
vestida de espuma e luz!
como a estátua alabastrina,
que o génio da arte traduz!

como as criações formosas
que Deus ao seu lado quis!
como as visões radiosas
dos meus sonhos mais febris!

Mas quem poderá dizer-me
que não és uma visão?
que a tua branca epiderme
e os teus olhos algo são?

Perdôa! Eu tenho sonhado,
por noites de amor sem fim,
que vejo e sinto ao meu lado
as faces dum querubim;

e, quando a aurora reponta,
doirando-me as solidões,
sempre essa visão remonta
a ignoradas regiões!

Eu tenho sonhado tanto
que, mesmo aqui a teus pés,
os meus olhos não levanto,
sem duvidar de quem és!

Mas tu não serás um sonho,
que a aurora vem desfazer!
as crenças, que em ti deponho,
jâmais no pó hei de ver!

E dize-me: pois não há-de,
ao fim de tanto sonhar,
descer-me a luz da verdade
num raio do teu olhar?...

Se descerá! Tantas graças
me enleiam o coração,
que os braços, com que me abraças,
não sei se existem, se não!

Se não existem, se mente
o encanto que me seduz;
se os braços, que eu beijo ardente,
são braços da minha cruz...;

se um teu intimo suspiro
foi aragem que passou;
se apenas sônho e deliro;
se atrás de miragens vou...

Deixa-me andar vagueando
atrás de um fantasma vão;
eu quero viver, sonhando
contigo, doce visão!

Se nos montes do oriente
a madrugada apontar,
embala-me eternamente,
não me deixes acordar...

A ALGUÉM

(A Teixeira de Queirós)

Não creio no teu pérfido sorrir,
nem creio no dulçor do teu falar!
Em balde me procuras seduzir:
não me seduz, mulher, teu brando olhar!

Vozes mais francas poderia ouvir
quem aos antros do vicio fosse dar!
O amor, a chama que tu crês sentir,
é como o fumo que se esvai no ar!

E eu sinto um coração! em quanto fôr
vivendo vida escura, eu hei de crer
na luz que me enche o seio de esplendor!

Eu creio, sim! a Providência quer
que o amor floreje; mas, se existe o amor,
não existe num peito de mulher!

ALVORADA

(Ao Dr. Eugénio Egas)

¿Nem agora sorris? O triste inverno
levou consigo gelos e neblinas;
e um raio dessa luz do dia eterno
beija o seio fecundo das campinas!

Cornucópias de flôres
decoram a esplendente primavera!
Tudo o que sente, — o homem como a fera, —
sente no peito o fogo dos amores!

¿Porque não amas tu? Se te pregunto
o caminho que leva aos teus retiros;
se bem reparo nesse teu conjunto
de perfeições ideais;
¿porque respondes sempre com suspiros
que me endoidecem mais?
Ó! não sepultes coração tão vasto
no pó de uma tristeza prematura!
¿Já não crês na ventura?

Eu que, sem ti, chorosa vida arrasto,
posso mostrar-te onde a ventura existe!
Não quero ver-te solitária e triste,
êrmo de júbilos teu seio casto!

Lá baixo as alamedas
enramam-se e entrecruzam-se virentes;
e as avezitas, pipitando ledas,
celebram seus amores innocentes!

Avistam-se triclinios de verdura,
cascatas alvejando;
e o doido e alegre bando
de esquivas borboletas, que procura
nos nectários da flôr
a ambrosia do amor!

Escuta o que te diz
o anjo do amor, que vela a mocidade:
deixa à velhice o pranto e a soledade,
ama, e serás feliz!

A ESPANHA LIVRE

(1869)

(A Daniel Cortázar)

Voilà l'homme rouge qui passe!

V. H.

A mão, que terra e mar e céu governa
dês que existe a verdade, tinha escrito
no eterno livro da verdade eterna
— que havia ser liberto o povo aflito
que gemia entre ferros... Chega a hora!
a luz inunda a Europa, corre, lavra;
na Espanha faz-se ouvir uma palavra
que fala de resgate!... Rompe a aurora
da redenção bendita; e a treva espêssa
deixa lugar á vida, á luz, á ideia!
despedaçam-se os elos da cadeia!
levanta-se a cabeça
ao sol que no tugúrio e na cidade
espalha a santa luz da liberdade!

Olhai-o! fronte curva, de olhos torvos,
lá foge, procurando a solidão,
o fantasma da morte e da opressão!
Vão-lhe no rasto sanguinosos corvos,
que cheira a sangue o lúgubre fantasma...
Leva na fronte o estigma do carrasco;
nos ombros o machado fratricida;
entre os braços o cânhamo, que á vida
roubou da Espanha predilectos filhos;
esconde-se á verdade que o condena
e á luz que o cega; os olhos inquietos
fulguram como os da cativa hiena!
Vestes, da côr do sangue... Quantas vitimas
não deixaram cair sôbre essas vestes
o sangue que jorrava do patibulo,
que era ali o banquete de Tiestes!

Era a idade de ferro! — Os fariseus,
curvados nos degraus do santuário,
não mostravam aos homens o sudário
de quem vinha espalhar a voz de Deus!
Dos vampiros a tétrica falange
escavava o sepulcro dêsse povo;
e o crente, que buscava um dia novo,
sempre encontrava de Mafoma o alfange!...

Nas escalvadas rochas das Astúrias,
a sombra de Pelaio suspirava,
por ver immersa em trevas, triste, escrava,

essa raça de heróis! A Andaluzia
voltava as costas ao dragão da sombra,
e co'as ondas azues do mar gemia!

Eras um circo immenso, ó velha Espanha!
de um lado, os Alpes; de outro lado, a Estrêla;
ao sul, do Calpe a inóspita montanha;
ao norte os Pirenéus..., eras o corso,
em que o gênio das trevas lacerava
os filhos dêsta luz que a todos banha!
e, daquelas barreiras sôbre o dorso,
Portugal, França, Itália te espreitava!
Um dia rebentou vulcão estranho;
e, abrindo os Pirenéus, a Estrêla e os Alpes,
deixou entrar um esplendor tamanho,
que a Espanha foi um mar de luz e glória,
de Santander a Cádiz e Alcoléa,
onde um povo algemado se despeia,
e Espártaco ergue os hinos da vitoria!

Vales de Andaluzia e de Aragão,
doces margens do Bétis, alastrai-vos
de verdura e de flôres; o aquilão
já vos levou os repelentes laivos
que o sangue de innocentes vos deixára!
e a luz da liberdade, que vos banha,
foi a piscina que lavou a Espanha
da culpa original que a maculava...

Filhas do Manzanar, tecei corôas
aos valentes da pátria, aos filhos dela!
Rasgaram-vos as nuvens da procela
que inda obrumbava o céu peninsular;
arrancaram do solo a mancenilha
que a luz roubava ás flôres dessas margens;
e a sombra, que se fôra levantar
sob esse céu que de continuo brilha,
do Manzanar nas viridentes vargens,
fugiu deante do esplendor celeste,
que a liberdade sobredoira e veste!

Ei-las em terra as tábuas dos patibulos!
Irmãos a irmãos se abraçam! Nova estrêia
assoma além nos visos da montanha...
É vossa a luz, é vossa a glória, ó bravos!
longe, bem longe os ferros dos escravos!
ávante! eis o caminho! Ávante, Espanha!

MEMÓRIAS

(A Louis Lombard)

Ei-los aqui! Tão belos como quando
tu m'os dêste naquele triste dia!...
Deixa-me estar agora contemplando
estas santas reliquias — teus cabelos!
Se o pranto da agonia
me não cega de todo, eu hei de vê-los,
sempre que a tua imagem cá me envia
alguma triste e pálida lembrança!

Nada mais! — uma trança,
segura por um laço côr do céu,
de ti é quanto resta!
O mais é cinza! a negra sepultura
deixou cair o misterioso véu
que me veda o mirar-te, ó alma pura!

Vejo-te apenas, filha do martírio,
quando em noites de febre e de delírio,
eu recordo o teu gesto e a tua voz;
e quando no ermitério eu vago a sós,
ou me ponho a escutar falas tão doces,
como se viva fôsses!
Vejo-te, quando, á luz da madrugada,
já livre de nocturnos pesadelos,
deixo correr a vista embaciada
por esta longa trança de cabelos!

Como eu beijo estes fios reluzentes,
tristes memórias de um amor tão triste!
Cuidando ver presentes
as mãos que os entrançaram, imagino
uma daquelas horas bem-fadadas,
em que amparavam tuas mãos nevadas
esta cabeça que estuava; e inclino
de novo a fronte; e, do que sonho e vejo,
só a trança orvalhada abraço e beijo!

Esta comprida trança é um fragmento
dêsse manto de seda, que te vinha
da cabeça ás espáduas de marfim;
e que, se o baloiçava á tarde o vento,
se cruzava co'as franças do teu parque,
e absorvia os aromas do jardim!

Quantas vezes, á beira das camélias,
nesse manto gentil e perfumado
tu me abrigaste o peito lacerado!...
não era mancenilha que se abria
por me instilar a morte:
era árvore de vida, a cuja sombra
remoçar me sentia!

Em vão procuro em meu deserto agora
a tua sombra, ó árvore frondente!
queima-me os pés a areia abrasadora,
tisna-me as faces o simum ardente!
Tu és o meu oásis, pobre trança:
junto de ti, o viandante lasso
sente não sei que alívio! susta o passo,
dessua-se e descansa.

DEUS NÃO DORME

(Ao Conselheiro Dr. Antonio Candido)

A calma noite mil faróis esplêndidos
desenha ao fundo de azuladas telas;
ilumina-se o eterno santuário
que tem por làmpadas milhões de estrêlas.

No entanto, sôbre a face dêste mundo,
um véu de negras sombras se desdobra:
o rei da criação a fronte dobra,
e ei-lo sepulto num dormir profundo.

Diga-me alguém porque palpita a vida,
dessas estrêlas na brilhante coorte,
quando bafo do sono — irmão da morte—
toda a terra ficou adormecida!

Eu sei! — aqueles sóis de luz suavissima
deixam-me adivinhar outros fulgores:
são lâmpadas suspensas no vestibulo
do templo dos eternos esplendores.

Minha alma, eleva-te á amplidão dos céus!
Que vês lá?... — De continuo a Providência
trabalha no mistério da existência,
e... o mundo adormeceu, mas vela Deus!

EGEU

(A Ramalho Ortigão)

Corre serena a tarde. O canto dos barqueiros
vai casar-se no Himeto à voz dos pegureiros.

Espelha os céus azues, das águas o lençol;
nas tangentes do mar vai resvalando o sol.

E o mar arqueja ali, como alimária enorme
que, depois de lutar, caiu, repoisa e dorme!

Ó que saudade immensa o peito vem cortar,
às horas do sol-pôr, na Grécia, junto ao mar!

E o trémulo ancião, de cans ao vento dadas,
contempla de um fraguedo as ondas azuladas!

Como pintam no Horeb as lendas dos Hebreus
êsse, que estende o olhar aos campos canaaneus,

dói-lhe não ir a vista aonde o amor alcança;
e estende, estende o olhar... Que dolorosa esprança!

Se ao longe branquejar a vela de Teseu,
alegra-te, ancião, — regressa o filho teu!

Mas, se apontar ao longe alguma vela preta,
volta o navio só, — morreu teu filho em Creta.

E Egeu estende sempre o angustiado olhar
pelas ondas azuis do irrequieto mar!

A lua ergueu-se além; passam de largo as frotas;
a alcione suspira e gemem as gaivotas!

E a vela de Teseu não surge ainda ao sul:
azul é sempre o céu, o mar é sempre azul!

Aguarda, triste pai! o mar, que espelha a lua,
espelha o teu anciar, chora a saudade tua!

e há de trazer teu filho... Um ponto escuro! vês?
avista-se no sul! Repara! é nau talvez!

No olhar o velho abrange a vastidão das águas,
no indefinido olhar, núncio de fundas máguas!

E o ponto escuro cresce, e cresce mais e mais...
Quedai-vos um momento, ondas que baloiçais!

Surge um vela preta! O velho treme, hesita,
os olhos ergue ao céu, e ao mar se precipita!

Em circulos abriu-se immenso boqueirão,
levando a dôr e a vida ao desditoso ancião!

Foi-se um profundo ai repercurtir nas fráguas;
e a lua continuou mirando-se nas águas.

CARPE DIEM

(A Cristovam Aires)

Memória! luz sinistramente clara,
que deixas ver o negrejar de escolhos,
és sortilégio que me prende os olhos
às tábuas do baixel que naufragara!

Acendes-te, e o passado ressuscita
rodeado de fúnebre cortejo!
e, se ergo a vista ao alto, apenas vejo
nuvens toldando a abóbada infinita!

E, no entanto, eu sou moço, e a juventude
devia-me doirar a fantasia,
coroar-me de rosas, e devia
de rosas adornar meu alaúde!

Pois Abril, a estação florida e bella,
que varre as nuvens do horizonte escuro,
dêste meu triste inverno prematuro
não levará o frio que enregela?

Memória! eu te maldigo! Quando acorda
a voz das aves por manhans serenas,
surges fatal e triste, e me envenenas
o calix de ambrosia, que desborda!

Quem te apagara, ó minha luz funesta,
que èstes olhos diriges ao passado!
quem mos guiara pelo verde prado
que Abril enflora por manhans de festa!

Só tu, mulher, só tu me poderias
apagar a memória que me esmaga,
trazer-me as rosas, que frementa vaga
lançou no abismo de passados dias!

Só tu possúis a voz do Nazareno
que aos mortos dava luz e vida e fala:
— nada no mundo á tua voz se iguala!
nada semelha o teu olhar sereno!

Derrama um teu olhar na esconsa via
que leva... nem eu sei aonde leva!
seguir-te-á meu olhar, que inda se eleva
áquela triste luz que me alumia!

Sôlta essa voz! não sei de rocha dura
que, ao escutá-la, immóvel se ficasse!
aproxima da minha a tua face!
e eu saudarei a aurora da ventura!

Quero viver ainda! poucos anos
hão passado na fronte que se enruga!
Tu, novo sol, que os olhos meus enxuga,
hás de apagar-me a luz dos desenganos...

Para mim, o passado não existe!
quero crer no futuro e no presente!
Na quadra alegre, na estação florente,
¿que peito moço há, que seja triste?

¿Não ouves tu? Dos trêmulos salgueiros,
rouxinóis prenunciam a alvorada!
Não vês? Daqueles montes a assomada,
do sol a beijam os clarões primeiros!

Verdeja a encosta e o vale. Nesta hora,
em niagaras de luz o amor trasborda!
Se a luz do amor a natureza acorda,
acordemos também, saudando a aurora!

Espera-nos além o bosque denso,
com seus estrados de esmeralda e rosas;
e, de entre as bastas frondes rumorosas,
ao céu se eleva perenal incenso!

Á sombra do arvoredo, visitados
pelas réstias do sol, e pelas aves
que virão, com seus cânticos suaves,
tecer epitalâmios inspirados,

nadaremos em mares de delicias,
sem que o vento do norte agite as vagas;
embora as flôres, que no peito afagas,
desmaiem entre beijos e caricias!

Quero vazar a chama que me inspira
numa alma que me entenda, como a tua;
e ver se ante uma deusa semi-nua,
um peito lacerado inda suspira!

Quero ver teus cabelos desprendidos
num cabeçal de flôres; quero vê-los,
os teus longos e nitidos cabelos
com este meu cabelo confundidos!

Quero ver, face a face, êsse mistério
que me tem sido um pesadelo enorme;
de mil insônias a visão informe
eu quero ver se é mais que um sonho aéreo!

Eu quero que os teus braços me comprimam
bem contra o seio teu; para que eu diga
que uma cadeia só abrange e liga
duas almas que tanto se aproximam!

E, se a noite vier, será teu leito
a alfombra em que eu repoise os membros lassos;
terás por almofada um dêstes braços,
da aragem o outro livrará teu peito!

E, dormitando ali, hei de esquecer-me
do que sofri ; julgar-me grande e forte,
e rir-me alegre do ameaçar da sorte,
se do gigante póde rir-se o verme !

A CÔR

(Ao Dr. Pereira de Lima)

Confessas que um doce beijo
pòde uma culpa remir,
e á face te assoma o pejo,
que te não deixa mentir.

E, como a doirada abelha
que bebe o nèctar da flôr,
na tua face vermelha
eu bebo o nèctar do amor!

Quando a tua face còra,
tomando a côr da roman,
ficas linda como a aurora,
precursora da manhan.

Sempre que um louco desejo
ao pè de ti me levar,
eu hei-de pedir-te um beijo,
sò para te ver còrar!

*

Não imaginas o gôsto
e a profunda devoção
que eu sinto, quando em teu rosto
se espelha o teu coração!

Córas, por que és uma santa;
e, já que tão santa és,
ninguém por certo se espanta
de que eu me curve a teus pés;

nem pasma de que os meus cantos
um beijo vão celebrar!
¿ Quem é que não beija os santos?
¿ Quem os não há de cantar?

Feliz aquele que pede
um beijo em calma de amor,
e matar não póde a sêde,
de umas faces no calor!

Mas ai daquele que um dia,
abrazado o coração,
encontra uma face fria
e um peito gelado e vão!

Ó! se um dia, murcho o pejo,
não puderes ja córar,
não mais te suplico um beijo,
santa caida do altar!

AVÈ, LIBERTAS!

Para se recitar no teatro académico de Coimbra, no dia aniversário da independência de Portugal.

(Ao Conde de Cabral)

Salvè, aurora que irradias
da escravidão nos horrores,
braço amigo que allivias
ao escravo a sua cruz!
Salvè, sol da mocidade,
astro de vivos fulgores!
Salvè, doce liberdade,
filha do céu e da luz!

Estamos livres! passaram
aqueles dias de luto,
em que orfams tristes choraram
a perda da pátria-mãi!
Resurgiu um povo nobre;
e hoje o nosso rosto enxuto
nem véu de tristeza o encobre,
nem uma lágrima tem!

Já posso erguer esta fronte
ao astro que me ilumina!
posso já, subindo ao monte,
descendo ao esconso val,
repetir de serra em serra
e de campina em campina:
— Sou livre na minha terra,
é livre o meu Portugal!

Já podemos, sem receio,
falar dos brios que foram;
podemos abrir o seio
aos olhos de nosso irmão!
se a misèria nos oprime,
e se as máguas nos devoram,
podemos hoje sem crime
chorar e estender a mão!

Ontem, não! a tirania
vedava-nos os gemidos;
àquele, que mais gemia,
mais se uniam os grilhões!
e apenas, de quando em quando,
um ai de seios doridos
rompia a medo, acordando
os ecos das solidões!

Quando a pátria definhava
entre as mãos de seus algozes,
e jazia a nobre escrava
peada de algemas vis,
vinha o leão de Castela
sufocar-lhe altivo as vozes,
insultá-la, escarnecê-la
recalcando-lhe a cerviz!

Mas, quando mão imprudente,
desprezando a natureza,
vai represar a torrente
que no seu caminho vem,
a torrente cresce, engrossa,
toca os bordos da reprêsa,
derrui, arrasa, destroça
os diques, e passa além!

Foi assim a liberdade,
quando arredá-la quiseram
de cada nossa cidade,
de cada nosso casal:
não houve barreiras; que ela
sorri dos que a sustiveram,
prostra o Leão de Castela,
e vem banhar Portugal!

Bem-vinda seja! Quem há-de
entre nós cerrar os olhos
ao clarão da liberdade
que refulge sôbre nós?
Pisamos um chão de flôres,
desentranham-se os refolhos
do coração em amores,
da liberdade ante a voz!

Se estranhos de novo ousarem
invadir a pátria nossa,
e um povo livre ameaçarem,
com ferros de escravidão,
não vereis ingratos filhos,
nunca vereis gente moça,
da pátria manchando os brilhos,
dar os pulsos ao grilhão!

Vereis, sim, a galhardia
dos filhos de Aljubarrota;
de Valverde o claro dia
surgirá mais uma vez!
embora neste recinto
eu não veja malha e cota,
em cada peito presinto
um coração português!

Se a Polònia, a Hungria, a Irlanda,
cada qual ao chão se vèrga
perante a sombra nefanda
que lhe algema os pés e as mãos,
não nos algemem! — na guerra,
não há braço que não se erga
por salvar a nossa terra,
por salvar nossos irmãos!

Se é tão doce a liberdade,
se á pátria tanto queremos,
se é tão crente a mocidade,
se é tão negra a escravidão,
remocem brios antigos,
e neste dia saudemos
bem do peito, irmãos e amigos,
a aurora da redenção.

1868.

A UMA CRIANÇA

(De Schiller)

Loira criança! para ti, ditosa,
é largo espaço o pequenino leito!
Sê homem, surge, espalha a vista ansiosa,
e o mundo immenso te será estreito!

AQUELA PEQUENA

(A Gomes Leal)

Mora-me aqui à esquerda uma vizinha,
de olhos azevieiros, tão maganos,
que namora, apesar dos seus dez annos,
tutti quanti... Deixá-la, coitadinha!

Aquilo há de ir medrando, e Deus bem sabe
como prepara as coisas.
Dá esprança
a pequena; contudo, a vizinhança
olha-a de lado, e afina o rabecão...
Más linguas. Eu desculpo-a e até, ás vezes,
quando algum peralvilho se avizinha,
todo me delicio a ver como ela
repoisa a face triste sôbre a mão,
debruçando-se lânguida á janela,
como quem já tem penas! Coitadinha!

Eu cá, vizinhos maus, que os leve a breca!
Pois que importa que tenha o seu derriço
a criança? Palermas! Antes isso,
do que vestir as sáias á boneca!

TRÊS VÉUS

(Depois da leitura de uma balada de Murger)

(Ao Conselheiro J. Frederico Laranjo)

I

Alvo, mais alvo que a neve,
era o seu primeiro véu;
diáfano, brando e leve,
mais do que as nuvens do céu.

Uma grinalda bordada
nêle havia, e tão fiel,
que muita belha, enganada,
lhe vinha sugar o mel...

Debaixo daquêle manto,
lhe bateu o coração
um só dia — o dia santo
da primeira comunhão!

II

Fiou depois o segundo,
e a tecê-lo começou,
quando a mãi, deixando o mundo,
no mundo a filha deixou!

Era negro aquêle manto
como a sombra de uma dôr...
tinha umas nódoas de pranto,
vertido por muito amor!

Debaixo do vèu escuro
abrigou o coração,
quando, sem fé no futuro,
se escondeu na solidão!

III

Ao cabo de muitas dores,
mais um vèu teve depois;
mas êste não tinha as flôres
nem a côr daquêles dois!

Tinha flôres mais singelas,
e era azul este outro vèu;
era bordado de estrêlas,
tinha os aromas do céu!

Neste vêu inda reguarda
o innocente coração:
nos céus o anjo da guarda
lho vestiu por sua mão.

RIMAS

(À UMA VIZINHA DO SEXTO ANDAR)

Fica-me a tua janela
a tal distância da minha,
que os olhos cansam, erguendo-se
a tais alturas, vizinha.

Ainda a manhan não vinha
despontando dêsse lado,
quando hoje um doce trinado
me roçou pelos ouvidos.

Julguei eu que eram chilidos
de uma andorinha palreira,
que muitas vezes à beira
do telhado anda trinfando;

e acreditei-o; mas quando
à escuta me pus atento,
conheci o brando acento
da tua voz; acreditas?

Lá que tu prezas e imitas
as andorinhas, é certo;
ou tu não fizeras perto
do meu telhado o teu ninho.

Mas repara: se um vizinho
cá tão debaixo te avista,
não creias que êle resista
ao calor do sol a prumo!

Deus sabe que me consumo
em revirar a cabeça,
para ver a mão travêssa
que agita o lencinho branco.

Confesso-te, pois sou franco,
que, se não fôras tão bela,
jàmais á tua janela
se ergueria a minha vista.

Mas, em fim, uma conquista,
que não se paga a cruzados,
vale bem êstes cuidados
dêsde manhan ao sol-pôsto.

Quando penso no teu rosto,
e te vejo lá tão alta,
não sei que medo me assalta
de te ver ao pé da lua:

deante da imagem tua,
vèm-me uns sonhos de poètas;
porque dizem que os planetas
sustentam vulcões no seio.

Se assim fôsse, o meu receio
nunca tão justo seria!
Imagina tu que um dia
te fazias num vesúvio!

e ver depois um dilúvio
de chamas encandescentes;
e nos teus olhos ardentes
as fauces de uma cratera!

Como Plinio, não quisera
ver labaredas defronte,
quanto mais saber que o monte
fica em cima de Pompeia...

Tinha cá minha ideia
que é melhor ver-te ao meu lado,
do que junto do telhado
como a timida andorinha.

Não estarias sòzinha,
tão sòzinha como agora,
a ver se uma nova aurora
te leva a luz que te falta.

Olha bem : quem mais se exalta,
diz a *Biblia*, mais se humilha ;
e a luz que de longe brilha
nunca tão viva aparece.

E dize : ¿ não te parece
que esta vida sem amores
é como jardim sem flôres,
ou como noites sem lua ?

O sol, que no céu flutua,
¿ ama de longe ? Não ama :
aproxima a sua chama
do seu pálido luzeiro.

O amor, o amor verdadeiro,
aproxima, prende e enlaça.
Olha para o sol que passa :
como à lua se aproxima !

E tu inda lá por cima,
tão longe dêstes meus braços !
Lanço os olhos aos espaços,
e sempre o meu sol a prumo !

(Estou vendo que, se o fumo
que me sobe da cozinha
chega às faces da vizinha,
vão-se paixões e beleza ;

e, ainda que a natureza,
a formou assim tão bela,
se se conserva à janela,
temos um rosto estupendo).

Estava eu cá dizendo
com os botões da casaca
que me vem buscar a maca
do hospital, se não me acodes.

Eu não sou nenhum Herodes
nem Farrabrás barbaçudo,
que aterre e afugente tudo
quanto encontre no caminho.

Sou apenas bom vizinho,
que te pede a cada instante
que atendas um peito amante,
e desças lá dessa altura.

Se não desces, uma jura
faço aqui sôbre estas *Horas:*
— é que me vês qualquer dia
nas alturas onde moras.

LUZ PERPÉTUA

Á margem do «Lázaro» de Henri Heine

(Ao Conde di Guerrnatis)

Nas órbitas de fogo os olhos revolvendo,
— Ó mal, tu és meu bem! — ao mal Satan dizia. [1]
Tu dizes, vendo a terra, e o sol que te alumia;
— Ó mundo encantador, como tu és horrendo! —

Oiço-te, e ouvi Satan; e ainda não compreendo
se do avernal Satan a rispida ironia
mais punge que o sarcasmo em horas de agonia,
o sárcasmo que vem os lábios teus rompendo!

O gênio é sempre gênio! — aos últimos instantes,
o mártir da matéria avista nova idade,
e o gênio folga então como folgava dantes!

Ao pôr do sol da vida, á froixa claridade
que ao gênio mostra ao céu, lutam como gigantes
o espirito e a matéria, o tempo e a eternidade!

---

1 Milton. *Paradise Lost.*

CRENÇAS

(Ao Conselheiro Campos Henriques)

Que não amo o passado! Se acreditas
que lanço a vista além da minha sombra,
acredita que ás vezes eu descanso
a cabeça nas pedras das ruinas;
e, relendo as legendas que há escritas
no cabeçal musgoso, os olhos lanço
aos meandros escuros dessas minas
que o progresso explorou...
Escuta ainda:
quando o nosso horizonte se escurece,
quando uma nuvem presagia a vinda
de temporal desfeito, escuto a prece
que o seareiro envia a Deus; e abraço
os mártires que surgem do passado,
trazendo-nos confortos e esperança.

É um cortejo augusto! Á sua frente,
o venerando Sócrates avança:
traduz no olhar a aspiração do crente;

leva consigo a timida criança,
a quem aponta a estrêla do futuro!
vem anunciar-nos o cortejo augusto,
que a novas crenças há-de erguer altares;
demora na cicuta os seus olhares,
lança a primeira pedra, e morre o justo!

Vem depôs êle o encanecido ancião
que abraça a liberdade agonizante,
e, com ela morrendo, ergue na mão
a espada que arremessa ao carro ovante
dos tiranos do impêrio. Quando olharam
as rodas encravadas do seu carro,
encravava-as a espada de Catão...

La surge o grande vulto da Judeia,
o homem que é Deus, e vem salvar o mundo!
no aspecto cismador, no olhar profundo,
deixa espelhar-se a luz da grande ideia
que há de alumiar com uma nova luz
os que tempos que lá vêm. Sòlta umas vozes
mais doces do que o amor... ; e os seus algozes
pregam o mártir na infamante cruz,
como inimigo de seu culto velho.
O Mártir ergue a vista à luz futura;
e, esgotando o seu calix de amargura,
lança ao porvir as fôlhas do Evangelho!

Após séculos mil de noite escura,
alvorecem os tempos! A verdade
começa a difundir-se em luz brilhante;
e a misera, a cativa liberdade
algemas despedaça, e marcha àvante!

Percorre todo o mundo, e acha hospedagem
em todo o seio generoso e nobre;
mas ai do triste que se não encobre
para lhe dar abrigo na viagem!

— É crime ver o sol! os fariseus
andam de terra em terra apedrejando
as novas luzes e o piedoso bando
que deixa a noite e segue o novo Deus!

Dois apòstolos — vês? — lá vão caminho
do lugar afrontoso do suplicio!
Cinza serão! e o principe da noite
à noite ofertará o sacrificio;

Dos venerandos màrtires à beira,
simbolo do martirio, ergue-se a cruz;
e entòrno à cruz as linguas da fogueira
levam a Deus a queixa derradeira
dos que se dizem Praga e João Hus!

Não te canses de ler comigo as páginas
dêste martirológio do passado!
Hoje que a vida, hoje que o sol è nado,
apraz-nos contar bem os estadios
que nos separam desses vêus sombrios,
antepostos a um lúcido eldorado!

Hoje, que é feita em pó a mão de ferro,
que sufocou a voz de Galileu;
hoje, que o derradeiro fariseu
calou a voz que defendia o êrro;
hoje, que o mundo é os mundos giram livres,
surdos à rouca voz do vulgo ignaro:
penso no que já foi; e absorto paro
a contemplar as lutas e os trabalhos
dos que andaram, valentes mas sòzinhos
esmoitando çarçais, e abrindo atalhos
que são já hoje amplificos caminhos!

Que não amo o passado! Pois não vês
como piedoso e reverente o espirito
se me vai hoje prosternar aos pés
dessas imagens que transmontam séculos!

Pois Galileu e Hus e Cristo e Sócrates
não foram do passado? Imagens santas,
erguidas sôbre o altar da liberdade,
vós ensinais a quem vos beija as plantas
o caminho da luz e da verdade!

ESTRÊLAS

(Resposta a D. Mariana Angélica de Andrade)

E haver ainda quem mande
contemplar os esplendores
das estrêlas que, alta noite,
nos vêm segredar amores!

Por mais que no céu rebrilhem,
por mais que me canse a vê-las,
não creio, por vida minha,
nos amores das estrêlas!

Sabes porquê? O poêta,
a olhá-las, fica-se triste;
mas estrêlas, que entristeçam,
nunca em vida tu as viste!

Riem-se e brincam vaidosas
naqueles azues estrados,
ao gemer da aura que leva
da terra uns ais magoados.

E pensa a gente que os raios
das estrêlas nos abraçam;
mas elas surgem, esplendem,
brincam, sorriem e passam!

Ás vezes, fazem saudade,
quando as nuvens da procela
se levantam, escondendo
a face de cada estrêla.

Mas se rasgasses as nuvens
que as velaram, ¿acreditas
que as achavas todas tristes
nessas zonas infinitas?

Nunca! — Surprendê-las-ias
trocando froixos de riso,
anjos maus tripudiando
ás portas do paraiso!

Serão formosas, concedo;
mas são ingratas, não sentem:
se a luz delas nos inunda,
se falam de amores..., mentem!

E tu, que mentir não sabes,
(não se mente a quem se estima!)
e tu, que brilhas na terra,
mandas-me olhar para cima!

Não me apontes as estrêlas
que brilham nos céus serenos:
talvez que estrêlas da terra
brilhem mais e miatam menos...

O BERÇO

(Ao Visconde de Carnaxide)

Como ella se remira, a desvelada mãi,
no fúlgido cristal de uns olhos de criança,
cristal em que se espelha o astro da esperança,
cristal em que o porvir se vai mirar também!
.....

Criança! fôsses tu a lingua do futuro!
e, dêsse mesmo leito erguendo a tua voz,
pudesses nova luz mostrar a todos nós,
e os olhos mergulhar pelo horizonte escuro!

Veriamos o céu que um dia se abrirá
ao fim do teu caminho, e que hoje mal se avista!
seria belo erguer os olhos á conquista
da prometida luz que nós sonhamos já!

Se se vão abalando os velhos pardieiros,
onde as aves da noite abrigo iam buscar,
se já se alicerçou da liberdade o altar,
e escorre inda o suor de apóstolos e obreiros;

Se o derradeiro alento, o derradeiro ai
de um passado que morre é quase esmorecido,
se o mal cedeu ao bem, e recuou vencido;
se a noite cede à luz, e o sol surgindo vai;

ainda a voz do amor não abateu o braço
que a sombra do passado estende sôbre nós;
ainda recostado ao túmulo de avós
alguém vai maldizer o sol que rompe o espaço!

inda o felá e o guebro, erguendo a vista ao céu,
suspiram por que chegue a aurora que os redima;
e os Cresos desta idade ainda estão acima
do pariá sem irmãos e que entre irmãos nasceu!

Ó! mas virá um dia, em que o maná do povo,
caindo, será dado a todos por igual;
ver-se-á, unindo o mundo, amplexo fraternal,
e, sòbre um velho culto, erguido um culto nôvo!

E tu, loira criança, hás de viver talvez
na terra, de que fala a voz das profecias;
em nova Canaan, tu passarás os dias,
e eu morro, vendo além o sonho de Moisés!...

Vejo a abundante messe a loirejar ondeante,
e Ruth erguendo o trigo e semeando a paz;
vejo a mentira e o mal fugir, voltando atrás;
vejo a verdade e o bem erguer-se, andar ávante!

Ó sonho venturoso, esplêndido ideal!
embala-me a existência! e, se és uma mentira,
não queiras apagar a crença em quem suspira
por êsse novo sol de um éden perenal!

Mas não! a noite passa! e o astro precursor
de lúcida manhan não é mentida imagem,
não é subtil visão, nem é falaz miragem,
mas o núncio fiel da paz, da luz, do amor!

Levanta-te, criança! A estrêla de alva agora
convida-te a marchar! Descerra-me o porvir!
quero, ao rasgar-se o véu, por sôbre mim sentir
os fúlgidos clarões dessa brilhante aurora!

Vai! o caminho abriu-se! os passos teus conduz
a estrêla que assomou além sôbre a montanha!
Vai, pois, criança, vai! chama-te voz estranha,
a voz que Deus soltou, quando se fez a luz!

JORNADA IV

O POEMA DA MISÉRIA

(Extractos)

ADVERTÊNCIA

De todos os meus livros de versos, *Poema da Misèria* foi o mais diversamente apreciado.

A par de uma grande e geral benevolência, que reverteu na extracção de duas edições da obra, o livro susitou reparos, e até críticas um tanto apaixonadas. Não era a fórma literária o que dava ausa a èsses reparos e críticas: era a ideia, profundamente democrática, talvez revolucionária, que repassava toda a obra. Alexandre Herculano, nas palavras que adeante se reproduzem, honrava-me com amigáveis conselhos, receando talvez que o prurido democrático me arrastasse até á injustiça. E o meu confrade Fernandes Costa, vendo no livro um repto ás

suas convicções de conservador, azedou-se devéras e com o seu azedume encheu não sei quantos folhetins do *Diário Ilustrado*, dizendo do *Poema da Misèria* o que Mafoma não disse do toicinho — desculpem a vulgaridade do paralelo. Apodou-me de comunista, anarquista, carbonário . . .; e, se não tingiu no meu sangue a sua espada de capitão, foi porque, aproximando-se mais de mim, verificou, talvez não sem espanto, que o autor do maldito livro era a criatura mais pacifica e inofensiva dos quatro bairros de Lisbôa e quintas adjacentes.

Com opostos fundamentos, o meu caro Silva Pinto, que, passando por Coimbra, ali ouviu ler entusiasmado a *Introdução* do *Poema*, e dele disse maravilhas na *Actualidade* do Porto, virou de rumo, quando se publicou o livro, porque a *Introdução* era o que era, mas o resto do livro era todo lirismo e sentimentalidade, — coisas que não ficam bem a um revolucionário que se preza.

Não sei, — nem me compete a mim afirmá-lo, se o livro era bom ou mau. Que não era obra de revolucionário, no sentido pejo-

rativo desta palavra, sei-o eu, que nunca daria uma gota de sangue do meu próximo por um eldorado social; mas era, talvez, obra de socialista moderado, que aprendera em Michelet a amar o povo, e que na Universidade recebera desafogadas noções sôbre a filosofia do trabalho, sôbre a eterna luta do operariado e sôbre a história da miséria através dos séculos. Ao autor, moço de vinte e cinco anos, entusiasta e commovido, não deveriam ficar mal, como nem aos velhos ficam, sentimentos de revoltada piedade, para com os fracos, os oprimidos, os miseráveis; como a ninguém fica mal a aspiração a melhores tempos, sobretudo se êles podem chegar por evolução, ou sem as convulsões politicas e sociaes, em que a fera chega a encarnar-se no homem.

À parte pois melhor conceito, e embora em desacôrdo com dois ou três dos meus amigos, julguei sempre que o *Poema da Miséria* é livro inocente... e humano.

1903.

C. DE F.

Palavras de Herculano

Ill.mo Snr.

Val-de-Lobos, 20 Maio, 74.

Teve V. S.ª a bondade de me remeter o seu *Poema da Miseria*, que eu desejaria agradecer logo, o que não pude fazer por sobradas occupações. Apenas tinha alcançado dedicar-lhe uma leitura incompleta e interrompida.

Reduzido hoje á condição quasi de profano em materias litterarias, não seria da minha parte sufficientemente modesto dar a V. S.ª opinião sobre o seu livro, e ainda menos quando ainda nem sequer o li todo.

O que é patente aos olhos mediocremente

perspicazes é a unidade de pensamento que dá nexo a essas diversas poesias. E' um pensamento generoso e justo que predomina em muitos escriptores da nova geração, mas cujas manifestações são frequentes vezes exageradas e por consequencia menos justas. Quando interesses até certo ponto oppostos traduzem as mútuas repugnancias em convicios acerbos e em factos de bruta ira, parece-me que a poesia e a sciencia deviam servir de instrumento de conciliação e de paz, e não avivar chagas que manam sangue, e excitar paixões já de sobejo ardentes.

Os homens da geração que trouxe a esta terra a liberdade e mais alguma justiça dormem pela maxima parte nos braços da morte. Os poucos que restam não tardarão a imitá-los. Aconselhando os inexperientes, não defendem os seus interesses: defendem os dêstes. Dá-lhes direito a fazê-lo a dolorosa experiencia das convulsões sociaes, experiencia bem provada de amarguras, e, o que peor é, de desenganos.

De todos os progressos que a liberdade tem feito desenvolver, nenhum talvez maior

do que a desenvolução do talento acima do vulgar. São disso bom documento a nossa epoca e a nossa terra. Pela força das cousas, nas mãos da mocidade intelligente, dos espiritos superiores que surgem, estará dentro de duas ou tres decadas o regimen do paiz. Quizera eu por isso que elles tivessem sempre presente uma verdade, que por ser antiga e trivial não deixa de ser a verdade: Quem semeia as ventanias recolhe as tempestades.

Desculpe V. S.ª estas sinceridades de um velho que, se ainda prestasse para alguma cousa, se offereceria gostoso ao seu serviço.

A. Herculano.

INTRODUÇÃO

(Ao Dr. Bernardino Machado)

Gênio! dilecto filho da verdade,
eterno campeador das leis eternas,
que os espaços e os séculos governas,
encarnação talvez da divindade;
tu, que no longo caminhar da história
tens levantado marcos miliários,
por celebrar vazios cinerários,
onde passou o gládio da vitória;
tu, que tens construido altas peanhas,
em que os guerreiros das passadas eras
mal escondiam o ódio das panteras
sob as memórias de ideais façanhas;
gênio! tu, que exalçaste o nome e a fama
dos Xás e de Ramá, de herói troiano,
e de quantos o cego culto humano
em aras e panteões memóra e aclama:
dize-me, — ¿onde é que se escondia acaso
o povo que não viste, e que olvidaste?

¿porque, através dos tempos, o julgaste
para os aromas teus impuro vaso?
¿porque o não levantaste da poeira
em que o pé dos heróis e esmigalhava,
e em que se contorcia a raça escrava,
comprimida por férrea gargalheira?

Li Valmiki, Firdúsi, e li Homero,
Vergilio, o meu Camões, os trovadores,
e os cantos de escurris aduladores
que incensavam dos reis o vulto austero.
E a face afogueou-se-me de pejo,
pelo desprêzo a que votaste, ó gênio,
os interlocutores de Menênio,
que se elevaram, no mais nobre adejo,
por sôbre o esterquilinio nauseante,
em que o patricio, o impávido romano,
se rebolcava senhoril e ufano,
á sombra dos laurêis da Roma ovante!
Fez-me vergonha a grande voz da história,
que de Alexandre eternizou o nome,
e não disse uma vez: — Jacques Bonhome,
compartilha de heróis a justa glória! —
Senti que a dor me lancinava o peito,
quando vi que da história o ingente brado
deixava em sombra escura o desherdado,
o que é faminto e o que não tem um leito!
Nunca tiveste, espesinhado povo,
quem te arrancasse às trevas dêsse olvido

e instilasse em teu seio dolorido
confôrto, bençam, luz de um dia novo!
Mas... não importa! às grandes epopeias
contrapõis tu, perante o herói que passa,
o poema infinito da desgraça,
rico de profundissimas ideias;
poema tinto em sangue de innocentes,
doirado pelos raios da esperança,
raios fagueiros que a justiça lança
na escuridão dos màrtires e crentes.

Traçaste com teu sangue o teu poêma:
cobriste cada estrofe com teu sangue;
quando surgiu o Cristo, ergueste um canto;
sôbre as Pirâmides gravaste um lema;
e oiço ainda o gemido rude e triste,
que para sempre reboou no espaço,
quando os sangrentos arraiais de Crasso
o pé te falsearam e caiste.
Aquela grande estrofe, — a Jacqueria, —
arrebata de dôr e sentimento;
e, a cada instante, um sublimado acento
ergues na tua dolorosa via.

Admiro o teu poêma, povo obscuro;
andei deletreando-o, fòlha a fòlha,
e, por que o meu espirito o recolha,
recompô-lo na integra procuro...
Meu canto é para ti, màrtir sublime!

Nas horas longas da estação gelada,
tenho escutado a queixa amargurada
da mãi que ao seio os filhos nus comprime.
Tenho visto a misèria confundida
nos puros ósculos do amor materno;
e tenho visto no caudal do inverno
arrastada a cabana derruida.
Tenho pensado no profundo estigma
que a fome crava em faces macilentas;
e, do futuro ás portas nevoentas,
tenho implorado a solução do enigma.
Tenho visto os prostibulos patentes,
como voragem negra e irresistivel,
onde o anjo do mal, anjo invisivel,
num sôpro extingue luzes esplendentes.
Tenho ouvido no esconso da caserna
os murmúrios pungentes do soldado;
e os condoidos olhos mergulhado
nos mistèrios do jôgo e da taberna.

Inteligências nobres, afogadas
no fel da corrupção e da ignorância;
cuspido o velho; desvalida a infância;
a mentira e a doblez galardoadas;
da oficina ao bordel, perdida a féria;
prostrada a turba ás plantas do argentário;
morto de aspirações o proletário
na mansarda insalubre da misèria:
são as imagens que tu, povo, estampas

na necrópole immensa, em que a desgraça
tantos estira e friamente abraça,
como um vampiro a doidejar nas campas.

E estas imagens surgem fantasiosas,
descerram alta noite as minhas portas,
e conversam comigo a horas mortas,
no meu leito espargindo pranto e rosas.
Meu canto é para ti, mártir sublime!
Tu hás de compreender o amor immenso
que do seio me brota, quando penso
na escura noite que a tua alma oprime!
Tu hás de soletrar cada palavra,
donde a justiça, o amor por ti, ressumbre:
e hás de achar em meus brados um vislumbre
do incêndio enorme que em teu peito lavra.

.....

Meu canto é para ti, mártir sublime!
Chamam-te ocioso e débil os avaros;
julgam-te ignaro e vil os vis e ignaros,
e ultrajam-te os idólatras do crime;
se te acendem a febre do delirio,
nomeiam-te assassino os que te esmagam;
e, quando os lustres nos salões se apagam,
pisam, na sombra, a cruz do teu martirio.
E eu quero, em teus momentos de amargura,
dar-te o confôrto de uma voz amiga,
e o bálsamo suave que mitiga
no teu colmado a tua dor obscura;

quero desenrolar o teu sudário
por sôbre os quatro ângulos da praça,
e levar os clamores da desgraça
às portas do opulento e do usurário.

Não ergo a vista ao sólio resplendente,
onde a humana ambição pleiteia glórias:
ao paginar teu livro de memórias,
eu, desta glória só, fico contente.

NOVA MUSA

(A Guerra Junqueiro)

Tu que, avoejando á immensidão dos ares,
cantas de amor em páramos distantes,
e habitas nêsses mundos coruscantes,
— ilhas de luz em bonançosos mares;

estende sôbre a terra os teus olhares,
deixa a região das águias triunfantes,
e presta ouvido ás queixas lancinantes
que soam, cada hora, em nossos lares.

Sólta o verbo de apóstolo, poéta;
lança ao porvir um brado de profeta;
dá luz á sombra e espirito á matéria!

Feriu-se a luta em baixo! Desce, e escuta!
seja parnaso a choça; glória, a luta;
pálida musa o arcanjo da miséria!

HISTÓRIA VULGAR

(A D. Mafalda Mousinho de Albuquerque)

— Sentada ao pé dessa esquina,
andrajosa, semi-nua,
¿não sentes fria a nebrina,
frias as pedras da rua?

— Sinto.
— E que fazes então,
por estas noites sombrias?
— Senhor, estendo as mãos frias,
pedindo agasalho e pão.

— Aqui é tudo deserto;
alevanta-te da lama
e procura abrigo certo.
— Não tenho casa nem cama.

— Ergue-te ao menos.
— Não posso;
quebra-me o corpo o cansaço;
a fome prende-me á terra,
o frio tolhe-me o passo.

— Pobre mendiga! No mundo
¿ não tens carinhos de mãi?
de irmãos o afecto profundo?
não tens familia?
— Ninguém!

— Pois nesta vida de espinhos
¿ nunca achaste, desgraçada,
a flôr dos doces carinhos,
o perfume do amor?
— Nada!

— ¿ E nem ás vagas escuras
da vida, mar irrequieto,
num momento de venturas
confiaste o teu afecto?

— Confiei, ó! confiei!
a serpe da sedução
adormentou-me, e acordei
no abismo da perdição.

*

— Mas dêsse abismo de horror
podia salvar-te o brilho
de uma lágrima de dôr
ou de um sorriso de filho!

— Perdão, senhor! êsse nome
vem agravar a ferida
que jorra sangue na história
da pobre mulher perdida.

— Tiveste filhos?
— Um tive,
mas... Deixai que mais não diga!
— É morto?
— Não sei se vive,
mas... Dai esmola á mendiga.

— Que fizeste de teu filho?
— Fiz o que fazem aquelas
que, sendo impuras, procuram
mostrar-se honestas e belas.

Que era mãi reconheci;
mas o ser mãi era crime,
que só o crime redime;
com outro crime o remi.

Tomei meu filho nos braços,
(sorria a criança nua !)
dei para fora dois passos,
e expu-lo á porta da rua.

Em quanto eu estremecia
entre cruel e medrosa,
a criança desditosa
abraçava-me, e sorria.

Perdi meu filho. A clemência
fugiu do seio materno;
mas a clemência do Eterno
abeirou-se da innocencia;

e, dispensando-lhe afagos
de caridade e de amor,
velou de misèria e dôr,
os meus dias aziagos.

— ¿ Esmaga-te a expiação ?
que admira, se Deus não dorme !
Nunca falta a um crime enorme
o estigma da maldição !

¿ Tu sabes o que é um filho,
nos braços de sua mãi ?
¿ Sabes de cifras que abranjam
todo o valor que êle tem ?

A criança que no mundo
recebe a primeira luz,
vendo o mistério profundo
que a teus peitos o conduz,

é cadeia diamantina
que religa a mãi ao pai,
cadeia que a mãi ferina
póde espedaçar num ai;

é uma gota de nèctar,
que do seio do infinito
orvalha uns lábios unidos
por um òsculo bemdito.

Se ergues dêle os olhos teus,
desvia-los deshumana
de um pensamento de Deus,
encarnado em fórma humana.

Vós, mãis, sois a estrêla de alva
para quem entra na vida;
se a luz vossa nos não salva,
¿ quem nos há de dar guarida?

¿ Que será de quem, nascendo,
cái nas lages da cidade,
e recebe amparo estranho,
á sombra da caridade?

O coração, a centelha
que lhe empresta o Criador
há-de apagar-se nas trevas,
sumir-se á mingua de amor.

E o homem, tornado fera,
não terá para ninguém,
carinhos, que não tivera
nos braços de sua mãi.

E aquela alma solitária,
em perpétuo paroxismo,
irá de abismo em abismo,
á mercê da sorte vária.

Eis o teu crime! Expiando-o,
de teu filho te hás lembrado,
tu, definhando de fome,
dêle..., morto, ou desprezado!

Á mãi, que em seio impoluto
recebeu o sol do amor,
disse Deus: — Pálida flôr,
abençoado o teu fruto! —

Foste surda á voz celeste
que em ti se repercutira:
seduziu-te a van mentira,
e a flôr e o fruto perdeste.

E não tens hoje um esteio,
porque o quebraste, mulher!
ninguém no mundo te quer,
ninguém te aconchega ao seio!

Ninguém? Se tens muita fome,
se a noite é fria e sem brilho,
se o remorso te consome,
ergue-te... Serei teu filho!

Não respondes? pois não crês,
não tens fé na voz amiga?
Já me não ouves talvez?
Morreste! Pobre mendiga!

UM GRUPO

(Ao Conselheiro Julio de Vilhena)

I

Eu tenho á cabeceira do meu leito,
não um poema, como o herói antigo,
mas dois retratos que em convivio estreito
conversam alta noite a sós comigo.

Ás vezes, quando a insónia me descerra
as pálpebras cansadas,
contemplo essas imagens adoradas
de seres que não vejo sôbre a terra.

São dois vultos que vivem na memória
das gerações libertas dos tiranos,
e que só morrerão quando os gusanos
carcomerem as páginas da história:

Tinham por nome Espártaco, Bonhome;
màrtires ambos, ambos torturados,
da opressão entre os braços bronzeados,
da deshonra e da fome.

II

Espártaco sentiu profundo o travo
do fel de escravidão:
tentou um golpe nos grilhões do escravo,
e resvalou exànime no chão.

Caiu vencido! O sangue do valente
foi para a humanidade
ubèrrima semente
de luz e liberdade.

Os séculos branqueiam as ossadas
das vitimas de Crasso;
mas de entre essas necròpoles caladas
de Espártaco se eleva o hirto braço;

marco erguido nas sombras do passado,
mostra bem alta uma legenda eterna:
— Protesto! — eis o que lê, passando ao lado
a geração hodierna.

III

Protesto! — é a bandeira levantada
no braço de Bonhome,
ao expandir a mágoa que o consome,
vendo a sua cabana incendiada;

vendo os algozes vis da liberdade
violarem-lhe a filha estremecida,
assolarem-lhe a herdade,
roubarem à consorte a luz da vida.

A dôr fez-te gigante,
ergueste a consciência recalcada,
e caminhaste àvante,
soltando a voz que ainda hoje brada!

IV

Alçai a fronte nobre,
filhos augustos de uma era ingrata;
e possa herdar de vós o escravo e o pobre
a fôrça que alevanta e que resgata.

Aos vossos cinerários,
cobertos de sarcasmo e esquecimento,
vão hoje em romaria os proletários,
para adorar o santo monumento;

e vão os oprimidos,
os pariàs, os ilotas, o enjeitado,
famintos, mal vestidos,
dar-vos o preito que vos foi negado.

E êstes romeiros, êste povo misto,
irão salvar do olvido a vossa glória,
como o Bouillon da história
foi libertar o túmulo de Cristo.

NA SOMBRA [1]

(Ao General J. E. Moraes Sarmento)

Quem me diria, ó pálida Dolores,
que os perfumes da tua mocidade
haviam de evolar-se como as flôres,
cortadas pela mão da tempestade?

Levou-te o gèlo os pristinos viçores,
e um frio tumular teu seio invade;
desconheces os cândidos amores,
não sentes esperanças nem saudade.

---

1 Estes versos lograram a honra da seguinte tradução sueca:

Bleka Dolores, kunde väl jag ana,
att så snart din ungdoms doft skulle fly
likt rosens, då den strör vid stormens gny
böjd till jord sina kronblad på vår bana?

Choras? Ninguém condena as tuas lágrimas,
e eu abençôo a lágrima que inunda
a desempenhada flôr do tamarindo.

Sofram anátema pesado e infindo
os que te lançam na voragem funda,
e que passam além, cantando e rindo.

Den oskuld, förr jag såg din tjusning dana,
af dödskall vårfrost svedts och sänkts i dy.
Kysk kärlek kan ej i din själ mer gry.
Framåt som bakåt skyr din blick att spana.

Du gråter? O, jag signar dessa tårar!
Vid deras dagg en sista fläkt jag spårar
än från den tid, då du ej bruten var.

Men ve den, som sin ofärd djerfdes valla,
ve ock dem, som i dyn nu qvar dig hålla —
straffri hord, som själsmord till nöje har!

Portugals Samtida, pag. 49.
GÖRAN BJÖRKMAN, *Ur*

O ESQUECIMENTO

(Ao Dr. Magalhães Lima)

É pobre e é pai. Abrasa-se na febre,
naquela febre que a misèria ateia.
Caminha triste, e pára ao fim da aldeia,
á porta de um casebre.

É negra a frontaria.
Há nos ombrais um ramo de loireiro;
e os vapores da orgia
lançam cá fora nauseante cheiro.

E êle entra, sôfrego. A alegria inunda
as faces sensuais da taberneira,
que, num recanto da locanda immunda,
se sorri prazenteira.

Há umas cartas velhas, ensebadas,
ao pé dos cangirões.
Saem de um canto glaciaes risadas,
e de outro... imprecações.

Perto de uma guitarra, que inda geme
nas mãos do adormecido tocador,
a candeia de ferro oscila e treme,
pendurada no antigo velador.

Um grupo de caturras temulentos
alguns vintens arrisca,
jogando a velha bisca,
no meio dos comparsas sonolentos.

— Lugar ao recém-vindo, — diz alguém.
O recém-vindo abeira-se ao balcão,
empunha um cangirão,
e bebe, e diz: — Quero jogar também. —

E jogou. E perdeu,
— Olá, parceiro,
se há fraqueza, dão fôrça estes tonéis...
Resta-me algum dinheiro...
Fiquem os dedos, percam-se os anéis. —

E tornou a jogar.
— Tórno a perder,
se esta sota de paus, magrinha e triste,
que parece... talvez minha mulher,
aos azars da sorte não resiste.

E perdeu, outra vez.
— A sorte é bem cruel! Mas... Cambaleio!...
Venha de lá mais um copito cheio.
Quem perdeu duas vezes, perde três.

Dois trunfos! e este ás de oiros é bonito!
rosado! Faz lembrar
o meu José, aquele pequenito...
Vai-me fazer ganhar.

E perdi! E há quem diga, se me afundo
no abismo que se cava ao pé de mim,
que a mulher e a criança são no mundo
anjos da guarda! Histórias! mas em fim...—

E adormeceu na ourela do balcão.
E em ermo albergue a espôsa unia ao peito
faminta prole; e, nesse amplexo estreito,
dava em amor o que faltava em pão...

Um diálogo, no entanto, se derrama
pelo espirito do ébrio sonolento:
— Quem és?
— Ninguém!
— E que vês tu?
— A lama.
— Que procuras ai?
— O esquecimento...

ALVORADA [1]

Ao Dr. Sousa Viterbo)

Levanta-te! A alvorada
desponta alegremente!
o rio é transparente;
a margem perfumada!

Oiçamos a linguagem
da intima ventura,
e apreste-se a romagem
aos templos da espessura!

---

1 O grande lusófilo e humanista Wilkelm Storck fez dêstes versos a seguinte tradução aleman:

MORGENGRUSS

Steh auf! Im Ost die Luft
Erschimmert röthlichhelle;
Klar fliesst des Baches Welle,
Sein Rand ist voller Duft.

A verde trepadeira
aos templos fecha o cume!
exala-se um perfume
de flôr de laranjeira.

O vasto pavimento
é todo de esmeralda!
a cada lado o vento
baloiça uma grinalda!

adejam os amores
entre as folhudas naves;
cantam em côro as aves;
erguem incenso as flores!

Komm, lauschen wir zu Zwei'n
Der Liebe Lust und Lallen
Und wandeln durch die Hallen
Im laub'gen Tempelhain!

Die Winden rank'umhüllt
Das Thor mit blum'gem Kranze;
Vom Hauch der Pomeranze
Ist all der Raum erfüllt.

Ringsher am Boden liegt
Smaragdenes Gewebe;
Umgrünt ist Stütz'und Strebe
Und sanft vom Wind gewiegt.

*

e as trémulas virgultas
do sinceiral frondente
inclinam-se, ás ocultas,
no seio da corrente...

Vamos! A primavera
vem pompeando galas,
chove rubis e opalas,
inflora-nos Citera!

Levanta-te! A alvorada
è bela, resplendente!
a margem, perfumada;
o rio, transparente!

Schiff und Gewölb'entlang
Hinwallt Geseufz der Liebe,
Weihrauch der Blütentriebe,
Der Vögel Chorgesang.

Die Weid neigt gemach
Ihr Haupt hinab zum Boden
Und beut geheim die Loden
Zum Busse dar dem Bach.

So komm! im Prachtgewand
Betritt der Lenz die Wiese;
Opale, Gold, Türkise
Streut er mit voller Hand.

e pela ondeante margem
revoam indecisos
gênios de amor, que espargem
aromas e sorrisos!

Sigamo-los! ¿Quem hà-de
furtar o seio às chamas,
que pródiga derramas,
eterna claridade?

Steh auf! Der Morgen glüht
Im Ost mit hellem Strahle;
Klar rinnt der Bach zu Thale;
Sein Ufer steht erblüht.

Dort schweifen ohne Ziel
Umher der Liebe Geister,
Scheu diese, jene dreister,
Und treiben Scherzund Spiel.

So komm und lass uns gern
Der Flamme weih'n das Leben,
Die allem Sein gegeben
Reichlich die Huld des Herrn.

(Aus Portugal und Brasilien *aus gewählte Gedichte, verdeutscht*, von Wilhelm Storck, 1892, Munster, p. 233).

LOUVERTURE E BONAPARTE

(Ao Dr. Júlio César Ferreira de Mesquita)

Nas tristes solidões do monte Jura,
que a fronte cinge de glacial diadema,
vagam os sons perdidos de um poema
e os ecos froixos de uma história obscura.

Estrondeava além a artilheria,
que abalava a granito das Piràmides;
pasmava o mundo; a Europa estremecia;
e o fumo, que das hostes irrompia,
dos Alpes ensombrava as niveas clâmides!
Passava sôbre a terra o enorme gládio,
que, medindo o universo, a cada estádio
partia um ceptro, levantava um trono,
e tentava evocar do eterno sono
as águias, que no túmulo de Arcádio
tinham buscado o extremo paradeiro,
cansadas de correr o mundo inteiro!

Nas tristes solidões do Monte Jura,
num recesso de lôbrega enxovia,
um mártir longas horas consumia,
vitimado aos caprichos da ventura.

Nascera escravo ao pé de irmãos escravos;
no berço o iluminara o sol da América;
e encantaram-o, bravo entre os mais bravos,
as seduções de uma conquista homérica.

Êle vira oprimidos seus irmãos,
nas terras onde a pobre liberdade
esmorecia nas ferinas mãos
dos que albergavam ódio e crueldade
no manto de franceses e cristãos.

Dentro da sua pátria, era estrangeiro;
seu berço, um patrimônio de invasores;
e os brancos eram surdos aos clamores
da negra escravidão, que sucumbia,
entre os braços ferozes do negreiro.

E nas faces crestadas ressentira
a indignação que os fracos robustece;
e dos roxeados pés erguêra a mira
ao sol que os horizontes esclarece

O escravo tornou-se homem. A verdade
mostrou-lhe a lama do aviltante ecúleo;
e a salvadora mão da liberdade
ungiu-lhe o peito e armou-lhe o braço hercúleo.

O estrênuo herói lutou, arca por arca;
mas no relógio, que os destinos marca,
não havia soado a hora extrema
do império atroz do látego e da algema.

Venceu-o a França. O negro Louverture
dobrou o colo ante o poder dos brancos,
rolou ainda no cairel do abismo,
e viu feita pedaços a secure
que resvalara pelos nédios flancos
da fera consular do despotismo...

Chamaram-lhe traidor; e, após um dia,
roubavam-lhe a familia, a pátria, tudo;
e o desditoso herói esmorecia
num recesso, como êle triste e mudo,
num recesso de lôbrega enxovia.

Em uma noite, (a noite não findava
na gélida mansão do prisioneiro!)
quando o nobre cativo contemplava
as álgidas visões do cativeiro,
às portas do seu cárcere assomava,
estranho vulto, audaz e sobranceiro.

E entrou.

— Quem ès? — interrogou altivo
o bravo Louverture, erguendo a fronte.
— Bonaparte.

— Nos gelos dêste monte,
¿ a quem procuras tu?

— Ao meu cativo.
Tu eras um valente, Louverture;
eu estimo os valentes e infelizes...
procuro vê-los... e há quem assegure
que os valentes me prezam... Tu que dizes?
— Nada!

— Bem sei: a voz é-te oprimida
pela consciência da traição infame...
Quem quer que contra mim horrores trame,
nas minhas mãos depositou a vida...

— Insultas um escravo, Bonaparte;
¿ e sabes quanto vale quem o insulta?
vale menos do que êle em toda a parte,
porque um escravo ainda póde dar-te
o dó, a trôco de uma ofensa inulta...

— Porque te irritas, negro? A ira tua
não curva o semi-deus: à claridade,
que precede o ribombo do trovão,
tenho desafiado a tempestade,
e a tempestade, trémula, recúa,
se eu lhe respondo em vozes de canhão...

Sou maior do que tu : seguro o leme
do galeão alteroso do presente ;
alevanto o meu braço omnipotente,
e, sem tremer, digo à Europa : treme !

— E eu vejo-te pequeno, Bonaparte ;
ès feliz, e guerreiro : nada mais !
A mão, que os ceptros e as nações reparte,
deixa em teu rasto maldições e ais.
Sobes alto num sólio de esqueletos
que descarnas, vampiro, em tuas mãos ;
e eu quis salvar os réprobos, os pretos,
salvar o berço de meus pais e irmãos.

Tu, não salvas ninguém ! a tua espada,
ignea rasoira, flamejante passa,
ceifando a vida aos filhos da desgraça,
correndo o mundo, torva, ensanguentada.

¿ Ès grande pois ? triste grandeza a tua !
A verdade que, timida, flutua
ao longe, em céus distantes, há de um dia
poisar serena e olimpica entre o bando
dos teus aduladores, fulminando
num golpe o semi-deus e a idolatria...
E, ao esplendor de rápida favila,
verão que o teu coloso era... de argilla ! —

Disse, e ficaram em silêncio os dois.
Bonaparte saiu. Anos depois,
o mundo absorto, extático, saudava
do moderno Alexandre o poderio;
e o negro, a insonte vitima, expirava
no seu cárcere escuro, á fome e ao frio.

AOS HIPÓCRITAS

Paráfrase evangélica

(Ao Dr. José Carlos Rodrigues)

E prègava Jesus aos seus discípulos :
—Sentaram-se na cátedra mosaica
os míseros hipócritas
da turba farisaica.

As iludidas multidões agregam,
e, com palavras sans, as edificam :
recebei a verdade que êles pregam,
mas não o que praticam.

Fardos impõem aos hombros de seus servos,
dos famintos, dos simples, dos pequenos ;
porém nunca sobraçam os protervos
um fardo, o mais somenos.

Alardeiam ciência e piedade,
e ostentam-se vaidosos,
arrastando nas ruas da cidade
a fimbria dos vestidos preciosos.

E rindo aceitam reverências públicas;
recamam de oiro e pérolas as togas;
amam a ceia lauta, e refestelam-se
no primeiro lugar das sinagogas.

Vós que me ouvis, ó turbas e discipulos,
tomai diverso trilho:
o que se humilha exalta-se;
e aquele, que se exalta, é quem se humilha.

Mas ai dos fariseus, raça de viboras!
que andam pulindo o exterior da taça!
e deixam dentro a iniquidade e o vicio
que o coração trespassa.

Não sentem fome, não se expõem ás chuvas,
e dominam os frágeis corações,
devorando o alimento das viúvas
a trôco de orações.

Imita o seu espirito falaz
as tumulares pedras branqueadas:
um túmulo formoso á vista apraz,
mas tem no seio podridão e ossadas.

MURMÚRIOS NA CASERNA

(Ao Dr. Trindade Coelho)

— Que horas serão, camarada ?
— Meia noite, pouco mais.
— Se já rompesse a alvorada...
— Porquê ?
— Não se dorme nada
nestas enxêrgas fatais.

Deita-se a gente com fome,
enrola-se nesta manta,
e, antes que o sono nos tome,
vem o cuidado, que espanta
quanto sono possa haver.

— A bem dizer, o bocado
não é lá de apetecer.
Mas que queres ? O soldado,
quando sabe obedecer,

dizem que tem o bastante,
porque lhe basta o dever
e as ordens do comandante.

—Isso é velha ladainha
de bonecos galoados.
Servir o rei e a rainha
será dever de soldados;
mas, homem, eu tenho lido
ai por essas gazetas
que isto de reis são muletas
de um sistema entorpecido.

Demais, não compreendo bem
que eu tenha um dever estreito,
e a final de contas ninguém
me reconheça um direito.
Lá fóra, em alguns paises,
de outra forma as coisas são:
o cidadão é soldado,
e o soldado é cidadão.

Isso sim, que é acertado;
mas ver-se um homem no campo
amanhando as suas leiras,
livre, feliz, sossegado,
enxugando com cuidado
as lágrimas derradeiras

de alguma extremosa mãi;
e chegar-se a nós alguém,
dizendo: «Em nome da lei,
larga a enxada, a tua herdade,
o prazer, a liberdade,
e passa a servir el-rei»;
palavra de honra, eu não sei
se os bois, a que eu punha o jugo,
são mais livres, mais ditosos
que os batalhões numerosos
de que o Estado é verdugo!
Se não, dize-me tu lá
como te chamam?
— Tem graça!
eu era Antonio, mas cá,
depois que eu assentei praça,
de Antonio que me chamava
fiquei o *Nove da oitava*.

— Ai tens! os meus bois, ao menos,
mais regalias logravam:
uns, *Cabanos* se chamavam;
Chamavam-se outros, *Morenos*.
Tu, depois de te roubarem
ao seio de tua mãi,
e depois de pearem
em nome do patriotismo,
roubam-te o nome também
e chamam-te... um algarismo.

— Tu falas bem, *Vinte e um;*
mas se o *Quatorze da quinta*
ouvisse agora o que eu oiço,
aquela rez de má pinta,
espião como nenhum,
levava-te ao calaboiço...
Ainda hontem o *Trinta*,
só por queixar-se ao sargento
de que, há não sei quantos dias,
lhe davam pão bòlorento,
lá foi para as enxovias;
e o sargento das escolas,
todo pimpão, todo ancho,
farejou as caçarolas
e achou magnifico o *rancho*.

— Coitado de quem não mostra
quatro *divisas* no braço:
é trazer sempre o baraço
atado ao nó do pescoço.
Se o desespêro nos prostra
na trabalhada carreira,
lançam-nos a gargalheira
como se lança a um molosso!
Ninguém pensa em fazer guerra,
podre de paz, tudo cai;
e no entanto a gente vai
percorrendo toda a terra,

sôbre espinhos e entre dores,
como em cata de invasores
que estejam batendo á porta
de alguma cidade morta.
E, no entanto, as nossas várzeas
vão ficando sem cultura :
crescem arbustos daninhos,
os escalrachos e espinhos,
onde o trigo com fartura
dava trabalho aos moinhos.

Calam-se emfim as azenhas,
cerra as portas o moleiro,
e fazem teia as aranhas
na parede do celeiro.
E quanto mais cresce a fome
mais o govêrno consome
com dècimas e tributos
os pobres, minguados frutos
de fadigas impotentes :
arranca ao povo a camisa ;
e porque não? se precisa
de *exèrcitos permanentes !...*

(*Nota.* — Consta-nos agora
que o palrador *Vinte e um*,
apenas rompeu a aurora,
foi pelo general Boúm

metido em dura prisão :
tinham-lhe ouvido a palestra,
e fôra denunciado
como indòçil e implicado
em negra conspiração).—

ÚLTIMOS ADEUSES

Episódio

(Ao Padre Francisco Marques Dinis Henriques)

I

Entorna êsse teu pranto, flôr de neve,
que o pranto da innocência é puro e santo!
Sim, chora, que os teus prantos, branco lirio,
hão-de esmaltar-te a c'rôa do martirio!
Chora! que acima do celeste manto
há Alguém que pesa as bagas do teu pranto!
.....

II

Toda a tarde esmolou de porta em porta
a innocente Luisinha, e sabe Deus
como escutaram os gemidos seus
e viram suas lágrimas! — que importa,

que importa a muita gente que a desgraça
mate de fome ou cubra com andrajos
a quem na rua passa!...

III

Lá vai ela caminho do casebre,
que além se avista ao fim da sua aldeia.
É ao cair da tarde. O fumo ondeia,
erguendo-se das choças e casais;
dos montes do levante, a lua cheia,
coando-se por entre os pinheirais,
vem projectar seus raios prateados
no tecto dos colmados.

IV

Expira emfim a tarde melancólica.
A penumbra indecisa do crepúsculo
já domina o casebre solitário,
silencioso e triste como um túmulo!
Se o visseis nessa hora,
talvez dissêsseis que dali a vida
fugira espavorida,
açoitada da morte assoladora!

Mas era engano! — Dentro do casebre,
cansada da vigilia diuturna,
esmorecia a luz

de uma vida que a febre
alimentava, — como a frágil urna
que, junto de uma cruz,
resguarda os clarões baços
de um triste lampadário,
e espera trémula o roçar do vento,
por se fazer pedaços
contra os degraus de fúnebre moimento!
.....

V

Entremos com Luisinha
ao casebre. Quem vê a rude ombreira
para logo adivinha
a miséria que lá por dentro móra.
Entremos. Na lareira
esfriaram as cinzas, desde a hora
em que arderam os ultimos gravatos
que a pobre mãi da pobre innocentinha
trazia em tempo dos maninhos matos.
A candeia apagada
estava pendurada
em a parede denegrida e nua!
O casebre outra luz não recebia
senão a luz do dia,
que entrava só pelo portal da rua.
Se os olhos buscam mais, apenas vêm,
por móveis, a pobreza a cada canto;

por jóias, os aljófares do pranto
os cilios orvalhando á triste mãi,
que tinha por colchão
húmidas palhas no gelado chão!

VI

—«Vem na paz do Senhor, meu pobre anjinho;
vem matar as saudades que me dás,
quando não gózo, filha, o teu carinho,
quando de mim bem perto não estás!
Tu bem viste o innocente passarinho
buscar as balsas, e ainda agora vens!
Talvez adormecesses no caminho,
já cansada das noites que tu tens
passado desveladas,
a murmurar-me falas abençoadas,
e com teus beijos de innocência e amor
a refrescar-me as faces abrasadas
da febre no calòr...»—
—«Mãi, não adormeci; a caridade
é a que me parece
que ás vezes adormece
e que de nós se quece
sem dó e sem piedade!...
Toda a tarde esmolei de porta em porta,
mas dentro não entrava a minha voz,
que dentro a gente estava surda ou morta...»
.....

VII

Uma noite de Janeiro
em terras do Portugal,
quando o castelo roqueiro
e o mais humilde casal
namoram a branca lua
que nos céus, de anil flutua ;
quando reina doce paz
nos céus, na terra e nos mares,
e tudo em silêncio jaz,
— gândaras, montes e algares :
uma noite de Janeiro
em terras de Portugal,
quem a não viu é o primeiro
que bem póde, por seu mal,
dizer que a alma, enregelada
por uma descrença fria,
nunca a sentiu bafejada
pelo arcanjo da poesia...

Mas o que já uma hora,
nessas noites de luar,
escutou embevecido
o murmurinho sentido
da cascata a tintilar;

quem um momento estendeu
até lá acima um olhar,
como querendo contar
os lampadários do céu :

diga o que sentiu então
nessa hora misteriosa,
em que o nosso coração
não sabe se pena ou goza.
Eu não sei bem se é tristeza,
nem sei bem se é alegria
o que nossa alma extasia,
quando nossa alma está prêsa
ao iman da natureza.

Curvemo-nos ao mistério,
e a crença fique de pé! —
Seja pena ou alegria
o que a nossa alma extasia,
silêncio! porque a poesia,
ninguém diz o que ella é!
.....

E como a noite vai linda!
As torrentes de harmonia
de cúpula azul e infinda
ressumbram cá para a terra
êsses jorros de poesia,
que nos astros Deus encerra.

E do belo panorama,
alumiado pelo alvor
da lua que a luz derrama
sôbre as obras do Senhor,
ressalta um grupo de amor;
que, por noites de luar
ò amor chove, gota a gota,
e não sei que voz ignota
a gente convida o amor.

Pelas fendas de um colmado
entra o luar prateado,
aliando o seu palor
ao palor que triste brilha
nas faces da tenra filha,
unida suavemente
ao seio da mãi doente,
refrigerando-lhe o ardor
da febre que lh'a devora.
Não vos menti, vède agora:
eis o meu grupo de amor!

Diga-me alguém se o escopro
de Canova talharia
grupo de tanta magia
como êsse outro, a quem um sôpro
de Deus ajuntado havia.

Deitada sobre o seu leito
de palhas, em terra fria,
a mãi unia ao seu peito
a filhinha que dormia,
e, a dormir, a mãi beijava.

E a triste da mãi velava;
velava, sim, porque a febre
as noites lhe amargurava;
mas se, á rèstia do luar
que alumiava o casebre,
visseis seus olhos incertos
a divagarem nas òrbitas...;
se dos lábios meio-abertos
ouvisseis o murmurar,
e apalpásseis êsse fogo
que as faces lhe ia queimar,
certo, não dirieis logo
se estava a triste a velar!

E velava, — se alguém vela,
quando a febre do delirio,
revelando atróz martirio,
a loucura nos revela!...

A pálida lua, ermando
na abòbada azul e erma,
refrangia um raio brando
por sôbre o rôsto da enferma...
.....

E nos cerros do levante
repontou a madrugada,
erguendo-se radiante,
— toda timida e córada,
pudibunda e preguiçosa, —
do seu leito de escarlata,
toda vestida de rosa,
toda toucada de prata.
. . . . . .

O AGIOTA

(Ao Conselheiro J. M. de Alpoim)

I

Quando eu, vencendo escrúpulos, me achego
ao vampiro famélico da usura,
faz-me êle recordar pela figura
o escudeiro fiel do herói manchego.

Contemplo aquêles bócios e o refêgo
que lhe ondula a ciclópica estatura,
e a face que, na côr e na gordura,
tráz á ideia o presunto de Lamêgo.

Insinúa, na voz, falaz doçura,
em estilo parente do galego,
e joga a bisca com o padre-cura;

passeia só, á beira do Mondego;
e, se traja capote em noite escura,
dil-o-eis envolto em asas de morcego.

II

De livros, leu em tempos o *Lunário;*
fundo na sua peculiar ciência,
colhe os frutos da velha experiência
e nem lê as noticias do *Diário.*

Tráz consigo arqueológico rosário,
vai á missa, é beato na aparência,
e costuma lavar a consciência
ao pé do expurgador confessionário.

Em feliz e invejável indolência,
explica ao filho, em volta do larário,
lições de economia e de prudência.

Nunca dá cinco reis a um proletário,
mas fala muita vez da Providência,
e nunca falou bem de um usurário.

A FOME

Canção popular em França

(Ao Dr. Zeferino Candido)

Quando na margem do rio
a azenha é silenciosa,
e o jumento dos moleiros
sossêgo constante goza,
a penúria em pleno dia
penetra nos nossos lares,
o céu tolda-se de negro,
e os ais perdem-se nos ares.

Nada embarga ao povo a queixa,
quando a fome o curva ao chão;
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

A fome corre as aldeias,
a cidade, toda a terra;
ide lá tolher-lhe o passo
com vossos clarins de guerra!
Ela abre as asas e vôa
sôbre pólvora e metralha,
e firma o seu negro lábaro
sôbre a mais alta muralha.

Nada embarga ao povo a queixa,
quando a fome o curva ao chão,
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

Que valem vossos exércitos?
A fome dá disciplina,
e dá fôrça e fornece armas
á multidão campesina:
o sino toca a rebate,
há foices, pás e forcados;
e até mulheres comprimem
fuzis aos peitos nevados.

Nada embarga ao povo a queixa
quando a fome o curva ao chão;
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

Tirai a foice e a espingarda
de entre as mãos da populaça,
e levantai guilhotinas
sôbre os ângulos da praça;
quando o machado sangrento
vidas mil haja cortado,
aos olhos das turbas tristes
do sangue sairá um brado!

Nada embarga ao povo a queixa,
quando a fome o curva ao chão,
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

Como a água, o ar e o fogo,
o pão é preciso á vida;
o pão é divida santa
pelo Criador contraida.
Deus pagou a sua divida.
pois nos deu a terra inteira;
e o sol, que no alto esplende,
secará o pão na eira.

Nada embarga ao povo a queixa,
quando a fome o curva ao chão;
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

TREVAS

(A. F. Ramos Paz)

Quis ver o cárcere. Só nele havia
uns vultos pálidos de torvo aspecto;
respirava-se a custo, e parecia
que me esmagava o ennegrecido tecto.

Era um mar de paixões em calmaria;
mar outrora revôlto e irrequieto;
apenas pela abóbada sombria
revoava, a zumbir, nocturno insecto.

Cheguei-me à turba vil, encarcerada,
em cuja face se cravara o estigma
do crime, que nos faz estremecer.

E preguntei: — ¿Que dolorosa estrada
vos trouxe aqui? — E a turba, a esfinge, o enigma
rugiu na sombra: — Não sabemos ler...—

VOZES LONGINQUAS

(A Delfim Guimarães)

¿ Que vales tu, escravo, sob o látego
do teu senhor brutal ?
¿ Que vales tu, colono, junto aos plintos
do castelo feudal ?

¿ Que valem os teus brados mal distintos,
em luta desigual,
misero proletário, recalcado
pelo gênio do mal ?

— Nada ! — responde a sombra do passado.
— Nada ! — uma estranha voz inda responde,
além, do poente escuro.

— Tudo ! — clama a justiça em alto brado.
— Tudo ! tudo ! — repetem não sei onde
os ecos do futuro.

---

*

NO CAMPO

(A Alberto Pimentel)

— Bom dia, Jacques; estás hoje triste!
— É fruto do trabalho, meus vizinhos;
cansa-se a gente a desbravar maninhos
e nem a planta nem o grão resiste
á aridez do terreno.
— Ainda assim,
tu amanhaste os campos do morgado;
deram boas searas, e por fim,
salva a renda, terias compensado
a despesa, as fadigas e o cuidado.
— Graças a Deus, o trigo nasceu bem;
correu-lhe favorável a estação;
porém a aveia amesquinhou-lhe o grão,
e, como aos pobres um só mal não vem,
rebentou uma negra tempestade
e das espigas rechaçou metade.

Quando nas eiras se mediu o pão,
correu-me pelo corpo um calefrio
e a tristeza cobriu-me o coração:
é que eu tinha de dar ao senhorio
um moio e dez alqueires de pensão,
e, depois mesmo de estremado o joio,
vi que, joeirado, apenas tinha um moio.
Procurei o morgado. Dizem dele
que tem nobreza na alma e nos brasões;
expus-lhe as minhas tristes condições,
e pedi-lhe que ao menos, por piedade,
só me exigisse o pão que deu a herdade.
Não quis ouvir-me. Quando entrei em casa,
meus filhos dormiravam na soleira,
cansados já de trabalhar na eira.
Despertei-os. Tomaram sôbre os ombros
o pão que êles haviam joeirado;
levaram-no aos celeiros do morgado,
e uns miseros lençóis dei à pinhora,
por completar a renda espoliadora...
Na primavera e no verão calmoso,
trabalhei, dia a dia, mas, ao fim,
não há para o trabalho, para mim,
uma hora sequer de paz e gôzo.
Por isso eu entristeço. A fome e o frio
vão sentar-se comigo no meu lar;
e, quando vir meus filhos esfomeados,
eu, triste pai, só poderei... chorar!

DEZEMBRO

(Ao Conselheiro Albano de Melo)

Pára o mendigo em sitio solitário.
Não acha quem o acoite.
E ao longe o campanário
tristemente anuncia a meia noite.

A neve cai em flôcos na calçada,
desdobrando um lençol alvinitente;
e lá se estira o misero indigente
nessa cama gelada.

Dorme? Não sei. O sono é-lhe talvez
como o que afaga a estátua de um moimento.
Hirtos os membros e nevada a tez,
flutúa entre a vida e o passamento.

O silêncio apavora,
engendrando visões luciferinas;
só, donde em onde, a ave nocturna chora,
de um negro pardieiro entre as ruinas.

Ao longe, numa gòtica janela,
de argênteo candelabro esmaia a luz.
É findo um baile, e um camarim se estrèla
sôbre a ventura que ali chove a flux.

Cai a neve incessante,
transformando-se em alvos pavimentos.
Tudo silêncio. Mas, após momentos,
passa nas trevas um rumor distante.

Faustosa sege se aproxima em breve
do entorpecido vulto
que entre montões de neve
repoisa meio oculto.

Mas a sege não pàra um sò instante,
ao tropeçar no vulto miserando.
Ouve-se o extremo ai do agonizante,
e a sege... vai rodando.

PROGREDIOR

(A Bulhão Pato)

O templo estava aberto, o templo do trabalho!
brilhavam sôbre o altar — cinzel, escopro e malho;
e os cânticos da indústria, erguendo-se até Deus,
falavam-nos de paz, e enchiam terra e céus!
O mundo, então feliz, das suas cinco partes
romeiros enviava ao panteão das artes:
filhos de estranho clima e raças desiguais
vinham trocar ali amplexos fraternais!
— Vinha o felá do sul, os servos do occidente,
os èsquimos do norte, os pariàs do oriente!

I

De entre a piedosa turba, em que sorria a fé,
um velho resaia, altivo, erguido em pé,
às portas do santuário! O olhar, profundo e vivo;
neve o cabelo e a barba; o aspecto, nobre e altivo;
as falas, de vidente!
E a turba preguntou:

— Quem és? Donde vens tu?
— Quem sou? Não sei quem sou!
Sei que aos vossos avós eu embalei o berço,
e que tenho seguido os povos do universo!
Venho de toda a parte! É sestro meu andar
correndo toda a esfera, a ver, a preguntar
se o mundo vai marchando; e a interrogar as campas
que à enxada abrindo vai, desde os extensos pampas
da América florente, até junto aos ombrais
do indico pagode, e aos gelos boreais,
onde Imer, Freda, e Odin tiveram culto e altares. —

Fixaram-se no velho atónitos olhares!
A turba ouvia atenta o encanecido ancião;
deixava-se tomar de assombro e admiração,
e tudo preguntou:
— Acaso és tu Ahsvero? —
— Que vos importa um nome? ouvide-me, eu só quero
que, á luz da fé mais pura, o vades soletrar
na biblia do progresso. Ao meu peregrinar
não sei marcar principio! — Inda o judeu da lenda
espinhos não trilhava em sua eterna senda,
e já no meu caminho as flôres, mil e mil,
dobravam-se aos meus pés; e, todo um mar de anil,
o céu estrelejado a mente me enlevava!
e, do homem ao surgir, a natureza escrava
curvava-se ao poder do rei da criação,
formando no seu seio a tribo e a nação!

O homem seus olhos de águia estende pelo espaço,
e contra a selva rude alevantou o braço:
onde medrava a çarça, a messe loirejou;
e onde rugia o tigre, um canto se escutou!
Depois, aonde a vida estremecia apenas,
Palmira a fronte ergueu, Cartago, Roma e Atenas!
dos meandros florestais, coalhados de reptis,
surgiu Tiro, e Numância, e Tebas, e Menfis!
e, em meio de areais, no esbraseado Egipto,
entronizou-se a indústria em moles de granito!

O homem havia lido a sua grande lei!
a natureza olhou, como senhor e rei,
e disse-lhe: — Descobre o seio teu profundo,
quero marchar e ver! quero abraçar o mundo!
.....
E tudo caminhou! À vida, à luz, à ideia,
rasgam-se novos céus! — nos ermos da Caldeia,
às nuvens se remonta em asas de condor
e os astros conta e observa incógnito pastor!

Vaguei por nações mil, e ouvi em cada uma
falar ora Confúcio, ora Licurgo e Numa!

E com o tempo andei! e a sombra, a mais e mais,
o seu lugar cedia a esplêndidos fanais:
hoje, era no Occidente o Sócrates sublime;
ámanhan, na Judeia, o que expiou o crime
de ter amado muito e ter prègado o bem!...

Não pude inda parar! Chamavam-me dalêm
as luzes da ciência, o resplendor das artes!
Raiavam novos sóis! — o gênio de Descartes
pôde abarcar a terra, e a terra iluminou!
Kepler, olhando o céu, a órbita marcou
ao mundo que gravita em volta de outro mundo!
e Herschell, devassando o céu azul, profundo,
em pós de ignoto deus, seguiu com passo igual
Newton e Galileu, Copérnico e Pascal!

Dilata-se a ciência, ao arraiar da imprensa!
o espirito remonta á liberdade, e pensa!
e, á voz de Guttenberg, os astros do saber
nos céus da imprensa vêm, mais vivos resplender!

Vi renascer a indústria! A velha autoridade
tinha cedido o passo á jovem liberdade!
e, em novo panteão, triunfante erguer-se vi
o mártir do trabalho, o grande Palissy!
O artista sobe a um trono; e da arte o manto régio
exorna Rafael, Camões, Tasso e Corrégio!

Recresce a fôrça humana! O impetuoso mar
parece ante essa fôrça agora recuar!
— acurva o dorso ingente á voz que o gênio aclama,
deixa passar Colombo, e Laperouse, e Gama!

Depois, era na França! era lá onde vi
em dias de tormenta a *Saint-Barthèlemy!*
Era no mesmo solo, onde já foi gigante
o dèspota embalado em braços de bacante!
Era na mesma terra, onde a àrvore do mal
cobria ao mesmo tempo o trono e a saturnal!
Era na França! embora! — o tempo tinha andado,
e, ao fim de larga noite, o sol tinha raiado.

O sol? Não era o sol! — Dos céus na vastidão
rompeu estranho, immenso, esplêndido clarão!
Inunda-se de luz o velho e o novo mundo,
e cái o despotismo, e arqueja moribundo!
levanta-se a justiça, e traz ao povo rei
as tábuas, onde Deus traçara a nova lei!

Rousseau e Montesqieu, que já no pó dormiam,
na sua obra gigante, em sonhos, se reviam...
Espalha-se e resplende o fogo da razão!
a voz de povos mil é voz de irmão a irmão!
e o verbo salvador, como evangelho novo,
instila vida nova e nova luz no povo!

De Fulton e de Watt o improbo labor
rouba ás fôrças do mundo a fôrça do vapor!
Rasga a electricidade a vastidão do espaço,
á ideia, ao pensamento, acelerando o passo!
e, em tôrno ao pedestal do século da luz,
flôres de eterno Abril o céu derrama a flux!

Hei de ver mais ainda! — Os braços do progresso
hão de entrar do casal no incógnito recesso,
abraçar a indigência, e dar-lhe luz e pão,
dar flôres ao deserto e vida á solidão!
E eu hei de me banhar nesses immensos brilhos,
e, levantando a voz, contar aos vossos filhos
que amastes o trabalho e a luz que é sua irman,
que enflorastes o berço aos homens de ámanhan!

Chamam-me novos sóis e mundos que adivinho!
Comigo caminhai! segui o meu caminho! —

E o velho caminhou! viram-no sempre andar,
transpôr os alcantis, o vale, a selva, o algar,
e os passos dirigir ao lúcido Oriente
donde costuma erguer-se a aurora resplendente!
Saudemo-lo, o bom velho! Esqueceremos nós,
ó filhos do progresso, aquela augusta voz
que diz ás gerações — amor, futuro e glória?

A voz do peregrino era o pregão da história!

JORNADA V

NICTAGÍNEAS

(Extractos)

PALAVRAS PRÉVIAS

Os versos, contidos no volume NICTAGÍNEAS, publicado em 1883, eram precedidos das seguintes linhas do autor:

Ao fim do dia, quando a penumbra do crepúsculo espalha silêncio e mistério nas pradarias em flôr, abre timidamente as suas pétalas a modesta nictaginea.

Em quanto o sol estira os seus raios de oiro nas alfombras alegres e vivazes; em quanto no ar se cruzam os murmúrios e as vozes que denunciam a vida, a felicidade e a esperança: conserva-se a nictaginea oculta, retraída, como que homisiada entre os esplendores da natureza.

Adormecida durante o dia, acorda á noite para os suaves mistérios da sua existência desambiciosa, tranquila e casta. O lampejar das estrêlas, o palidejar da lua, o canto amoroso e vago de algum rouxinol ao longe, o frémito das auras perfumadas que a embalam cariciosamente, o orvalho que lhe prateia e lhe constela as fôlhas, cercam-lhe a existência de uma simpatia doce e calma, e dão á sua tristeza e á sua soledade o indefinido encanto das venturas intimas, e a estranha fascinação das lágrimas silenciosas.

Os versos que vão lêr-se,—pobres nictagineas,—nasceram na obscuridade e não procuram o sol da glória. Viçaram suavemente nas sombras, mais ou menos densas, de uma existência escassamente alumiada pelos sorrisos da fortuna, e rudemente batida de temporais e lutas.

Devo a essas nictagineas alguns momentos de paz.

Por isso lhes quero e as guardo.

C. DE F.

AD ASTRA

(No alto do Marão)

(Ao Dr. Paolo Mantegazza)

Quanto mais eu contemplo os céus e a terra,
e afundo os olhos no que não existe,
mais ermo o coração de si desterra
as velhas ilusões que o peito encerra;
e o *Nada* exclama: — Ó natureza! és triste!

Tenho salvado a aresta dos rochedos,
e mergulhado a vista nos algares,
e dormitado à sombra de arvoredos,
e ouvido os melancólicos segredos
que às ermas praias vão dizendo os mares;

e em cada fôlha que aos meus passos range,
em cada nota que o oceano exala,
no monte que se alteia e se confrange,
em tudo quanto a minha vista abrange,
apenas oiço um coração que estala...

*

Ó doida fantasia, pomba errante,
que demandas uns mundos que entreviste,
não te canses no vácuo!... a alma do Dante
já não busca a Beatrice deslumbrante;
que é morta a crença, e só o *Nada* existe...

E há quem diga que a fé nos alumia,
se ao alto nos erguemos das montanhas!
Olha no abismo a dúvida sombria,
encolhe as asas, doida fantasia,
e abraça o musgo que reveste as penhas...

1874

AOS PÉS DA DEUSA

(Num aniversário liberal)

(A Anselmo Vieira)

Imaginai um túmulo gigante
no centro de floresta impenetrável,
onde nunca parou o caminhante
a contemplar o nada,
o nada profundissimo e impalpável,
que prende a fantasia extraviada.

Imaginai que em roda dêsse túmulo
soltam as feras um rugir feroz,
e andam os ventos imitando a voz
que fere como o anàtema,
a voz que só a consciência exprime
depois de um grande crime.

O mundo era a simbòlica floresta.
Nesse tùmulo enorme e solitàrio
jazia morta a consciência humana,
amortalhada em rùbido sudàrio.
A injustiça folgava. A sua festa
era a do canibal sanguissedento,
que à sua pobre victima
almeja ouvir o derradeiro alento!

Porém, um dia, entrou na selva densa
o audaz, o austero, o impàvido direito;
e flamejante como o sol da crença,
ergueu as pedras do funèreo leito,
e disse à consciência: — Ressuscita!
Surge! Caminha! Eu seguirei teu rasto!
não importa que o mundo seja vasto!
dominarás quanto no mundo habita! —

Ergueu-se a consciência. A liberdade,
sua dilecta filha,
foi espalhando foros de cidade
em cada continente e em cada ilha,
até que o mundo inteiro, resgatado,
de polo a polo repetiu um brado,
o brado da vitòria,
que vive em ecos através da história!
. . . . . .
Quem te não ama, eterna claridade,

que abres o céu em cárceres sombrios,
que enches de amor e fé a mocidade,
e nos velhos acendes velhos brios
que lhes relembram a primeira idade!

Tu és a mensageira
da paz e da ventura que anelamos;
os ramos da tua árvore são ramos
da propicia oliveira
que se reclina sôbre a nossa festa,
e que a nós todos carinhosa presta
a sombra hospitaleira.

Tu dás fôrça á palavra
e asas ao pensamento:
a ardente fé, que em nosso peito lavra,
expande-se, transcorre num momento
a terra, o mar profundo,
os hemisférios ambos, todo o mundo!

Tu, inundada de uma luz divina,
alumias os fracos e oprimidos;
surgindo tu, rolam grilhões partidos;
prestes se apaga a lutuosa crina
do cometa fatal do despotismo;
extinguem-se as alâmpadas da orgia;
os fariseus ocultam-se nas trevas;
e só tu, deslumbrando-nos, te elevas
sôbre as cinzas da velha tirania!

No templo da justiça, eis-nos curvados
perante a auréola que te cinge a frente!
Lá fora, os vendilhões e os renegados!
Cá dentro, a fé e a aspiração do crente!
E a aspiração altissima, que invade
o seio generoso de quem te ama,
o voto que os teus crentes mais inflama,
é morrer em teus braços, Liberdade!

A PASTA DE UM MINISTRO

(Ao Dr. Gama Pinto)

I

Ela saia triunfante, cheia,
alegre, rubicunda e satisfeita,
tomando pela rua mais direita
que leva ao real paço, onde pompeia,
entre festões e púrpuras e rendas,
a chancéla das graças e prebendas.

II

E todos estendiam olhos ávidos
para o bojo da pasta, são, repleto;
e, sofreando o coração inquieto,
abriam alas aos corcéis impávidos,
que levavam a pasta deslumbrante
como um raja num dorso de elefante.

III

E as alas murmuravam em segrêdo:
— « Que leva a pasta? Não haver quem entre
naquele estranho e avermelhado ventre! » —
E uma viúva suspirava a medo:
— « É talvez a pensão! talvez... » — E um padre:
— « Tem mais um bispo a nossa Santa Madre... »

IV

— « Em fim vou ser barão! » — outro dizia,
poisando as mãos na refegada pança.
Um patriota: — « Firma-se a aliança
de Albion com a nossa monarquia! » —
Um politico: — « Eu já o tinha dito:
vai Astreia reinar no meu distrito. » —

V

Um servidor da pátria: — « Os meus serviços
vão ter o galardão, o justo prêmio! » —
Uma elegante. — « *Êle* perdeu no *Grêmio*
uns quatro contos, mas os meus feitiços
conquistaram da sábia ditadura
para nós dois a perenal ventura. » —

VI

Um traficante: — «Temos já Govêrno
que remunere amigos prestadios;
entro na alfândega; e o cunhado e os tios
lá entrarão, quando chegar o inverno.» —
Um proletário: — «Mesmo assim *servente*,
já se póde ter casa e cama quente.» —

VII

Um sábio, quase a crer na Providência:
— «Até que em fim houve um ministro amigo,
que me viu e que disse lá consigo:
— não é bonito esfomear a ciência! —
e por decreto vai mandar-me em breve
tratar de bombas, que é oficio leve!» —

VIII

E a pasta prosseguia em seu caminho,
serena, impermeável... Quando a abriram,
um rato e uma gran-cruz dela sairam,
um cônego, um fiscal, um barãozinho,
um sino, três comendas, uma estrada,
um escândalo reles e... mais nada.

ATALANTA

(A Gonçálves Viana)

Era uma vez um rei. Tinha uma filha,
tão formosa e galante rapariga,
que era a mais decantada maravilha
de toda a Grécia antiga.

Além das graças, era ennobrecida
de tanta agilidade e tanta fôrça,
que decerto excedia na corrida
a rapidez da corça.

Requestavam-na mil; mas entre todos
¿ quem seria o feliz, o espôso eleito?
Cismava o rei, buscando traça e modos
de decidir o pleito;

e resolveu-o em fim desta maneira:
— Se algum de vós possúi destreza tanta,
que vença minha filha na carreira,
possuirá Atalanta. —

Ei-los a postos. Cada qual se empenha
por correr mais que a esplêndida princesa.
Mas é debalde: ninguém há que tenha
a mesma ligeireza.

Hipómenes, um moço dessas eras,
provado atleta, donairoso e amante,
receava, e pungia-lhe deveras,
não sair triunfante.

Consultou tudo: o amor, a ciência, o agoiro;
e, à voz do amor, secreta e lisonjeira,
sobraçou um cabaz de pomos de oiro
e lançou-se à carreira.

Corre a par Atalanta, acompanhando
os largos passos do sagaz vizinho,
que a pouco e pouco os pomos vai largando
ao longo do caminho.

¿Quem póde resistir a pomos de oiro?
Distrái-se a velocipede garbosa,
e, sem temer derrota nem desdoiro,
os pomos colhe ansiosa.

E, em quanto ela os apanha, o moço atleta
sofregamente os passos agiganta,
do percurso ajustado chega à meta,
e... venceu Atalanta.

Venha a moralidade. Vós, leitoras,
perante quem nós, homens, nada somos,
¿serieis por ventura vencedoras,
perante aqueles pomos?

1875.

ALMA VIÚVA [1]

(Ao Conselheiro L. G. Reis Torgal)

Passaste junto de mim,
e não me esqueceste, crê:
no mundo, que te não vê,
nunca vi tristeza assim!

Nos olhos, bagas de aljòfre,
o sêlo da dôr na face...
Custa crer que alguèm passasse,
sem ver que tua alma sofre!

---

[1] Êstes versos lograram uma bela tradução aleman do Dr. Wilhelm Storck. É a seguinte:

VERWAIST

Gingest rasch an mir vorüber,
Doch ich merkte wer du bist;
Auf der Welt, die dein vergisst,
Sha ich nie ein Wesen trüber.

Só o pobre cantador,
que espreita as dores e os ais,
póde ver que, entre os demais,
não há lugar para a dôr.

Um ai é grito imprudente,
que vai desfolhar as rosas
das alegrias ruidosas
de um tripúdio permanente.

Passa! Não chores aqui,
no meio da multidão!
não abras o coração
aos que se riem de ti!

Deine Perlenaugen tragen
Eingeprägt dein Schmerzgeschick:
Wer dich streift mit flücht'gem Blick,
Ahnt, dass Weh'n dein Herz zernagen.

Nur der Sänger, der hienieden
Mitempfindet Leid und Last,
Weiss, dass solchem Grame Rast
Unter Menschen nicht beschieden.

Seufzer sind verhasste Hauche;
Wo sie weh'n, da werden matt
Und verwelken Blüt'und Blatt
An der Weltlust Rosenstrauche.

Vai! As solidões procura,
onde habitam as panteras:
talvez as bárbaras feras
te respeitem a amargura!

E, quando a noite surgir
do fundo da solidão,
chora, expande o coração,
que as feras não sabem rir!

Geh vorbei und birg die Leiden
Vor der Menge, kalt wie Erz;
Klagst du, wird sie deinen Schmerz
Doch verlachen unde dich meiden.

Fern bei Panthern und Hyänen
Suche Ruh'und Aufenthalt,
Ob vielleicht das Wild im Wald
Habe Mitgefühl für Thränen.

Wenn alsdann auf Höh'n und Thalen
Liegt gebreitet düst're Nacht,
Weine nur! kein Wesen lacht
In der Oed'ob deinen Qualen.

(Aus Portugal und Brasilien, *Angewahlte Geddchte*, p. 235).

A UMA PIANISTA

¿ Não vez aquele *Erard*, um monstro de madeira,
abandonado, triste, ao canto de uma sala ?
Parece dormitar ; não ouve, não te fala ;
descansa ali, talvez, prostrado de canseira.

Pois bem ! Escuta-o agora : estremeceu ! suspira !
e cisma ! e devancia uns intimos segredos !
O monstro chora e ri ! exalta-se ! delira !...
É que sentiu no dorso os teus formosos dedos.

CONSOLAÇÕES

(Á minha Dora)

Tem estrêlas no seio a noite fria;
a nuvem negra beija o sol na altura;
no cárcere penetra a luz do dia,
e o pirilampo na caverna escura.

Aonde haja uma sombra ou amargura,
desce um confôrto, um raio de alegria,
pois até a algidez da sepultura
sente o calor dos beijos da poesia.

Só eu... Dirieis que um azar daninho
anda estendendo em todo o meu caminho
sombras tristes de tristes mancenilhas...

Mas não! sei que é feliz quem tem ao lado
o côro alegre, meigo e descuidado
de umas crianças a que chame filhas.

DÍSTICO

(Á MINHA ANTÓNIA)

O teu pintor foi infiel; já sabes?
delineou-te, é verdade, a face pura;
não esqueceu o olhar que refulgura
e em que o meu pobre coração abrasas;
copiou fielmente cada linha,
cada suave curva do teu rosto,
teu cabelo a ondear; mas... adivinha!
mas occultou-te as asas.

ESPOSA [1]

I

Venho do mar... Escuta-me! sou náufrago,
que vem cumprir um voto, e descansar.
É sagrado o meu voto; se é sagrado!
Ter fé, mal sabe quem não há lutado
com as tormentas em revôlto mar...

---

[1] O admirável poliglota e poeta italiano Marco Antonio Canini honrou êstes versos com a seguinte tradução, no seu monumental *Libro dell'Amore*, (vol. II, p. 178):

Vengo dal mar: m'ascolta... Sono un naufrago,
Che vuol compiere un voto e riposar.
Oh, come sacro è il voto ch'ho formato!
Mal tiene fede chi non ha lottato

II

A vida é o mar cavado, o negro vórtice,
em que se abisma a flôr das ilusões;
e é dêsse mar que eu falo, ó minha santa!
mar que amiúde ruge e se alevanta
nas suas infinitas solidões.

III

Sempre aos ouvidos um concêrto horrisono,
ondas e ventos, raios e escarcéus,
ó! lutei, lutei muito! e nos escolhos
a noite era tão densa, que meus olhos
em vão se erguiam, procurando os céus!

Con le procelle di sconvolto mar.
Profondo è mar la vita, è negro vortice,
Ove d'ogni illusion si perde il fior.
Da questo mare, o mia santa, vengo io,
Che turge con immenso fragorio,
Ne'cui vasti ermi pian sede ha l'orror.
Il terribil concerto udia, che i fulmini,
I gonfi cavalloni e i venti fan.
Molto ho lottato!... Alzando gli occhi miei —
Si densa era la notte — non potei

IV

Algumas vezes, um fugaz relìmpago
rompia a custo a cerração fatal;
e a voz distante de ignorada ondina
penetrava no seio da neblina,
quase impondo silêncio ao vendaval.

V

È que em teu seio virginal, castissimo,
ecoára do náufrago a oração;
e quando, extenuado, semi-morto,
alcancei o sereno e amigo porto,
meu olhar não buscou os céus em vão.

Scorgere il cielo, e l'ho cercato invan.
Talora il tenebroso aere un fuggevole
Lampo fendeva a malappena, e in sen
Della nebbia la voce penetrava
Di sconosciuta ondina: impor sembrava
Ala procella che venisse men.
Nel tuo petto castissimo di vergine
La preghiera del naufrago trovò
Un'eco, e allor che stanco, mezzo morto,
Il tranquillo raggiunsi amico porto,

VI

Cumpro o meu voto; e, como ofrenda humilima,
todo o meu ser deponho em teu altar.
Pertenço-te! e os joelhos dobrar quero
junto a teus pés, no santuário austero,
no templo augusto, que se chama — o lar!

L'occhio mio il cielo invano non cercò.
Compiendo il voto, l'esser mio, qual umile
Offerta, ecco depongo sul tuo altar;
E chinare i ginocchi ora a'tuoi piedi
Me nell'augusto santuario vedi,
Che tetto conjugal suolsi chiamar.

IRMANS?

(Ao Conselheiro Venceslau de Lima)

I

Eu vejo-as tão diferentes
no rosto e no coração,
que èstes pequeninos entes
parece que irmans não são.
Uma, — Lili, — a mais velha,
tem nos olhos transparentes,
azues como o céu de um lar,
a suave ondulação
e aquela fugaz centelha
que a superficie do mar
casa aos beijos do luar
e aos beijos da viração.

Quem a vir dirá que é feita
de rosas e de marfim.
Alta, esforçada, perfeita,
não admira se é vaidosa;
e tenho até para mim,

que ela própria se deleita
por se conhecer formosa.
É volúvel, caprichosa,
observando as tradições
do seu sexo.
Ambiciosa,
ela entresonha salões,
palácios, diamantes, sóis,
e embriagam-na os festões
que a fama vota aos heróis.

No seu cálculo há frieza
e ambição profunda e rara:
ás vezes, põi-se a medir
a distância que a separa
dos paços de uma duquesa,
e a ver se há de preferir
aos arminhos da realeza
o turbante de um emir!

II

Outra, a mais nova, — Corina, —
modesta como as violetas,
guarda nas pupilas pretas
a luz casta e diamantina
que constela e que ilumina
a solidão dos ascetas.

O seu rostinho moreno,
docemente contornado,
relembra o traço inspirado
de um Velásquez retocando
um belo quadro pequeno
para um templo venerando.

Meiga, timida e singela,
os bardos do romantismo
eram capazes de pô-la
junto de alguma gazela,
e ao lado de alguma rôla.

Ambições, bem poucas tem:
o seu mais vivo desejo
cifra-se ás vezes num beijo
de seu pai ou sua mãi.

Outras vezes, se procura
diversões em ponto estranho,
toda se prende e medita,
vendo um formoso desenho,
uma gravura bonita.

Tem uma esquisita essência
como a flôr do sentimento:
treme e descora, se o vento,
açoitando com violência

as miosotes dos canteiros,
espalha no firmamento
como que um triste lamento
de pássaros agoireiros.

Devaneia, é cismadora
e tem suspiros na voz ;
ás vezes, medita a sós,
parece quase senhora,
ela, que pede aos avós
contos para adormecer,
e a bençam consoladora
que ditosa a há de fazer.

III

Estas duas criancinhas,
tão diferentes em tudo,
vêde, são irmans contudo,
e, vêde, são ambas minhas.

O sangue fê-las irmans ;
ao meu braço ambas se amparam ;
são duas frescas manhans
que ao mesmo sol arraiaram ;
como se eu fôsse um pintor
de dúas diversas telas,
o amor que sinto por elas
é só um e o mesmo amor.

DEUS

(De um «poema das escolas»)

(A Alberto Osório de Castro)

I

Ser dos seres, grande, immenso,
omnipotente Senhor,
a ti o sagrado incenso
do nosso cândido amor.

Tu, que espalhas luz em tudo,
do universo na amplidão,
alumia o nosso estudo,
acende a nossa razão.

Tu, que és sábio sem segundo,
mostra-nos, deixa-nos ver
os precipicios do mundo
e os caminhos do dever.

Tu, que a terra e os céus dominas,
escuta-nos com amor,
que as nossas mãos pequeninas
para ti se erguem, Senhor.

II

À noite, em funda abóbada,
a lua palideja,
como suave làmpada
em solitária igreja;

e, num sonhar dulcissimo,
as timidas crianças
elevam-te a alma ingênua
num côro de esperanças.

De dia, entre o murmúrio
que a vida denuncia,
a nossa voz é cântico
de estranha melodia;

harpejo de innocência,
dulcissima quimera,
que vai unir-se ás músicas
da celestial esfera.

III

É magestoso e desmedido o oceano;
do etéreo espaço ninguém viu a méta;
não tem limite o pensamento humano;
não tem confins a aspiração do poéta.

Porém mais vasto que a amplidão do espaço,
mais magestoso que o oceano immenso,
maior que a ideia com que o mundo abraço,
és tu, que o mundo tens na mão suspenso!

O LIVRO DE CORINA

Eis o teu livro, filha : estuda, aprende
quanto êle em si contem,
que dêsse estudo é que talvez depende
o teu único bem.

Aqueles livros grandes, em que estudo
a vida, o enigma, o xis,
não dizem, meu amor, não dizem tudo
o que o teu livro diz.

Êles tiram a fé, tiram o alento,
para o vácuo deixar ;
e o teu livro avigora o pensamento
para crer e lutar ;

crer nos milagres que o trabalho opéra
aos olhos da razão;
lutar para vencer da sorte fera
o ignóbil histrião.

Para que cedo no teu livro colhas
a ciência do bem,
o livro tem apenas duas fôlhas,
— teu pai e tua mãi.

O MEU POEMA

(A Manuel Duarte de Almeida)

I

São duas fôlhas de rosa
as tuas faces, Lili;
e, ao mesmo tempo, são fôlhas
da epopeia gloriosa
que em letras de oiro escrevi...

II

És o meu melhor poema,
e nunca li outro assim:
Lésbia, Leonora, Beatrice,
Carlota, Haidéa, Iracema,
valem menos para mim.

III

Essa plèiade brilhante
das glórias que te apontei,
desde Tibulo atè Goethe,
e desde Homero atè Dante...
admiro-as! nunca as amei.

IV

Ès o poema que eu leio
com efusão, com amor;
e, quando mais te comtemplo,
e quando te apèrto ao seio,
confundem-se obra e autor.

V

Teus radiosos olhares
são episódios, aos mil,
em que as doces serenatas
das noites peninsulares
elanguecem no arrabil.

VI

São dois versos os teus làbios,
de rima tão natural,
que atè, por si só, seriam
no conceito dos mais sàbios,
um perfeita madrigal.

VII

A tua voz argentina
resalta, vibra, seduz,
mais fresca, mais perfumada
que a toada campesina
de um trovador andaluz.

VIII

Os raios azues, etèreos,
do teu doce e casto olhar,
são cordas de uma harpa estranha
ou invisiveis saltèrios,
de uma harmonia sem par.

IX

Os teus dedos pequeninos
— e não se ria ninguém! —
são primorosas quintilhas;
e mais delicados hinos
Safo e Pindaro não têm.

X

O teu cabelo, tão loiro
como os trigais do verão,
é a harmonia que há muito
se expandiu em chuva de oiro,
na aurora da criação.

XI

Até dormindo, parece
que irrompe do teu sonhar
uma toada tão santa,
como um murmúrio da prece
à hora crespuscular.

XII

¿Não ès pois o meu poema?
o melhor que ainda li?
Lèsbia, Leonora, Beatrice,
Carlota, Haidèa, Iracema...
todas esqueço por ti.

XIII

Na tua cútis de seda
encadernado a primor,
tenho o meu livro sagrado,
— o *Alcorão*, a *Biblia*, o *Veda*,
que me enche de fé e amor.

XIV

Quando na hora suprema
meus olhos não possam ler,
eu quero, filha dilecta,
nas fôlhas do meu poema
reclinar-me e adormecer.

OUTRA HERO

(A José Maria dos Santos Junior)

Bem sei : tens nesse olhar o facho deslumbrante,
a fatídica luz, o mágico esplendor,
que às ondas arrastou Leandro, o pobre amante.

Mas êle era um ousado e destro nadador,
e eu mal conheço o mar, descomunal gigante,
que o sangue me enregela e me enche de pavor.

Apaga, apaga pois esse farol brilhante,
que eu não sei sopear das ondas o fragor,
e nunca chegarei á tua luz distante.

Não me estendas o olhar ; que, se atrás dêle eu fôr
por êle e para êle, hás de no mesmo instante
sentir que naufraguei no mar do teu amor.

UM PRÓLOGO

(Ao Padre António José de Almeida)

Um versista, na época presente,
vê-se em apertos sérios, e eu que o diga.
A questão é de assunto. Toda a gente,
há tempos a esta parte, nuta e briga
por encontrar o *xis* de mil problemas,
entre os quaes sobresái, valha a verdade,
descobrir excelência e utilidade
em versos e poemas.

Se alguém se lembra de cantar a lua
ou o subtil aroma das violetas,
apenas sái á rua
é pôsto na irmandade dos patetas.

Se outro poêta, menos visionário,
aceita o mundo como êle é, e o canta,
é tal o borborinho que levanta,
que o pai à filha diz : — Não leias, pomba ! —
E o realismo, seguindo o seu fadário,
maldito pelas damas, solitário,
atira ao vento imprecações de arromba !
e o côro angelical
das *Filhas de Maria*
opõi a flôr do *Bem* à flêr do *Mal* ;
em horas de dulcissima ironia,
joêlha nos estrados do oratório ;
e, erguendo as mãos ao céu,
suplica para o ateu
a luz do purgatório.

Se alguém invoca a musa socialista
a musa desgrenhada dos combates,
apelidam-no logo de utopista,
se o não metem na casa dos orates.
Dizem que a liberdade preciosa
não marcha ao son de rancidas cantigas ;
querem que o bardo faça ao estro figas
ou que se explique em prosa !

Se outro, guiado pelo deus da parra,
cruza, alta noite, os becos e as vielas,
tirando da guitarra
uns queixumes que sobem às janelas,

os sinistros agentes da policia
não o perdem de vista;
sofre do baço e morre da ictericia
o lânguido fadista.

Mas não pensem que tômo aqui a peito
uma causa em que há tantas desavenças:
juiz em causa própria, sou suspeito,
não devo neste caso dar sentenças.
Eu quisera vingar-vos, ó poétas,
cingir-vos de esplendente claridade,
quebrando impàvido as ervadas setas
dos vis iconoclastas desta idade.

Quisera, mas não posso!
não sài das trevas a inimiga gente,
e ninguém rezaria um padre-nosso,
por alma do valente!

O que eu posso è abrir o vosso nome
no meu àlbum das intimas memôrias,
e confiar que o tempo côrte ou dôme
as jubas irrisôrias
de uns pobres histriões,
que vêm ao circo em traje de leões.

Visto que os deuses e os heròis antigos
deixaram as piérides viùvas,
sereis, ó meus amigos,
os meus heròis de chapéu alto e luvas.

O assunto não é velho, é dos mais novos;
respeita as crenças, não escandaliza;
não envenena o coração dos povos,
e não é fútil, porque não sois brisa.

Talvez que assim algum burguês rotundo,
de rubra face e túmidos redenhos,
demore a vista, ao menos um segundo,
nos rápidos desenhos,
que eu descuidoso traço
sobre umas tiras de papel almaço.

Nelas hei de esquadrar umas figuras,
que eu não julgo retratos, francamente;
tão pouco as chamarei caricaturas,
que façam rir a gente:
serão perfis de certas criaturas,
cujos avoengos deram volta ao Pindo,
passaram as vertentes do Piério
e pelo mundo foram desparzindo
o som, que ao nosso ouvido inda retumba,
da lira, da teorba, do saltério,
e talvez do realejo e do Zabumba.

TRANSFORMISMO

(A Silva Graça)

Vacila-nos a razão,
ao ver que a filosofia
vai de teoria em teoria,
da dúvida à negação
e da negação à crença,
deixando um ténue clarão
no espirito de quem pensa.

Por seu lado, a natureza
guarda nos seios profundos
aquele cadinho mágico,
em que os átomos e os mundos
se transformam, sob o império
de misterioso alquimista
que os não deixa perecer :
quando os perdemos de vista,
apenas mudam de ser !

A estrêla, a nuvem, a planta,
o rochedo, a fera, o homem,
a alma vil e a alma santa,
a matéria e a consciência,
não morrem, não se consomem :
são as eternas crisálidas,
da mais variada essência,
que, no espaço de um segundo,
passam de um a outro mundo,
e de uma a outra existência !

....

Á ! quando esta lei suprema
os nossos lares invade,
e despadaça o poema
da nossa felicidade,
levando-nos cruelmente
um filho do nosso amor :
aquele ser innocente,
ao deixar-nos na ansiedade,
segue a eterna e fatal norma :
— transforma-se... na saudade !
mas esta... não se transforma !

OUVINDO MÚSICA

(Á MINHA FLÁVIA)

Astros cadentes do meu céu de estio,
nuvens erguidas de letal paúl,
frêmitos de alma em virginal cicio...
perdei-vos, notas, na amplidão azul!

Música, essência de ignoradas flôres,
silfo subtil que ninguém póde olhar,
oiço-te ás vezes suspirando amores;
outras, te sinto de prazer arfar.

Escuto Verdi, e ao alto creio erguer-me;
Bellini escuto, e eis-me cismando a sós:
¿ onde te escondes do terreno verme,
gênio que inspiras a terrena voz?

O gênio existe! há uma fôrça ignota,
vibrando as cordas que nossa alma tem!
no tênue harpejo e na sublime nota
mistérios há, que nunca viu ninguém!

Mas eu, ó gênio, leio os teus segredos
no livro oculto, onde poisaste a mão;
e pàro absorto, a contemplar uns dedos
que sôbre as teclas adejando vão!

JORNADA VI

O LIVRO DE JOB

(Extractos)

Palavras de Bulhão Pato

Hontem, Coelho de Carvalhão, com os *Salmos;* hoje, Candido de Figueiredo, com *O Livro de Job*. Tivera eu pulso, que ainda me deitava ás visões de Isaias:

«Ai! da multidão de numerosos povos, semelhante ao estrondo do resonante mar; e desgraçado o tumulto das gentes, que é como o sonido de muitas aguas!»

Como os versiculos do genio, que inspirou a Miguel Angelo uma das suas mais arrebatadoras figuras, deviam sobresair nos nossos amplos e resonantes decasylabos! O livro de Job é o reportorio de todas as tristezas humanas. Salteadores levam o gado e passam a ferro frio os famulos do *homem justo*. O

fogo do céu abrasa-lhe as ovelhas e fulmina-lhe os pastores. Um desgarrão, improviso, arrasa-lhe a casa, onde se banqueteiam os filhos, e sepulta-lhe a prole. Agora leâmos estes masculinos e formosos versos de Candido de Figueiredo:

E disse: — « Nú sai do ventre maternal,
nú deixarei a vida, e não me admira:
Deus concedeu-me muito, e Deus o tira.
Se é, pois, de teu agrado que o mortal
gema submerso em dôr,
bendito seja o nome do Senhor! »

E em tudo quanto disse,
nunca dos lábios seus
saiu uma palavra
Contra Deus!

Quando as serpentes, em fogo, mordem a carne viva de Job, a fibra humana não póde com a dôr incomportável, e, o proprio exemplo da paciencia rompe em gemidos. Que bellos versos, estes do auctor do *Tasso* e das *Parietárias*, lyrico eminente, e mestre da lingua:

Como um escravo, a quem o sol requeima,
sombra procura;
como o trabalhador, que anela o termo
da faina dura,
assim eu tenho, cheias de agonias,
noites e dias.
Oxalá, quando ao sono inclino a face,
não despertasse!

. . . . . .

Quem trabalha sabe do esforço que empregaram os traductores dos *Salmos*, e do *Livro de Job*, no lavor da sua obra. O grandioso d'estes extraordinarios poemas está principalmente na concisão e na simpleza; duas das mais difficeis.

Condição da arte, a que se reune uma terceira: a clareza. Concisão, simplicidade e clareza, na arte — ia a dizer em tudo — é o segredo do genio. O nebuloso, ainda que se torne perceptivel, á força de empregar attenção, não póde jámais hombrear com a transparencia, que nos deixa vêr claro o pensamento, como o lago limpido entremostra, lá no fundo, a areia loira, a vegetação, os seixos polidos, ou os coraes e as perolas,

se as tiver. D'ahi, para os traductores dos *Salmos*, do *Livro de Job*, de *Jeremias*, de *Isaias*, do *Cantico dos Canticos*, numa palavra, muitas vezes impossibilidade de bater e aprimorar o verso, por que d'essa feitura resultaria um relevo nocivo á naturalidade do assumpto.

Ainda, nesta ementa, offereço alguns versos aos leitores da *Tarde:*

Sorris-lhe um pouco e, após, lanças sobre elle
negro tormento!
Quando permitirás que eu sinta alivio
por um momento?
Pequei! Tu, cujo olhar o mundo abraça
dize o que eu faça.

Por que é que a ti contrário me fizeste,
e a mim pesado?
Por que não queres expungir clemente
o meu pecado?
No pó irei dormir: de madrugada,
não serei nada!

Job implora a Deus que o não aterre:

Tira de sobre mim a vara que me esmaga,
não me prenda o terror, que a inteligência apaga,

e falarei então, deixando de tremer,
que, cheio de pavor, não posso responder.

Apesar da estagnação do mercado, nos ultimos meses a corrente de versos tem sido abundante.

Haja, ao menos, alguns devotos verdadeiros na religião da arte, já que na do templo a maior parte dos beatos... são falsos!

Monte de Caparica — Torre.

(No jornal *Tarde*, de 20—VII—24.

BULHÃO PATO.

Palavras de Trindade Coelho

É dever de nós todos felicitarmo-nos pela difficilima obra emprehendida e levada a cabo pelo sr. Candido de Figueiredo, e agradecer-lh'a muito. A tradução em versos portuguezes da historia de Job constitue um verdadeiro monumento, erigido na história litteraria de Portugal á fama e á gloria dum poema que, tendo de existencia quasi três mil annos, pussue, todavia, a actualidade das eternas maravilhas do espirito humano.

«Traduzido embora em quasi todos os idiomas antigos e modernos, — diz o sr. Candido de Figueiredo, — é certo que a poesia portuguesa ainda o não transplantara para as suas fórmulas, como tem feito aos *Salmos*

ao *Cântico dos Cânticos*, ou fôsse porque a muitos se afigure inglório o mister do tradutor, ou porque muitos hajam hesitado perante as enormes dificuldades de uma acceitavel tradução, em verso, do livro de Job.»

Fez, porém, rosto á difficilima e honrosissima tarefa o sr. Candido de Figueiredo, e honra lhe seja pela coragem. São hoje muito numerosos, é certo, os trabalhos de erudição interpretativos da historia de Job. Mas tão difficil é ella de entender, e tão divergentes, em muitos pontos, os juizos dos exegetas, desde S. Gregorio de Nauzianzo e S. Jeronymo, até Renan e Hirzel, que é difficuldade critica, cheia de temerosas responsabilidades, adoptar esta ou aquella exegese, entre tantas e de tamanha auctoridade!...

Sòmme-se com isto, ademais, a difficuldade accidental, mas litterariamente de primeira monta, de vazar *em verso* o obscuro texto, — e a impressão que nos advirá do trabalho do sr. Candido de Figueiredo ha-de render-nos, deante d'elle, na mais justa e perduravel admiração.

Quem conhece o illustre escriptor sabe,

de antemão, quanto elle é meticuloso em assumptos litterarios, — e tem, por isso, a convicção antecipada da superioridade e excellencia da sua obra. Erudito alem de poëta, e philosopho alem de erudito, ninguem com effeito, melhor do que o sr. Candido de Figueiredo, podia, entre nós, cometter aquella empresa. E pelo que respeita á execução litteraria do poema, aguentado de principio a fim, numa coragem que orça pela temeridade, em versos sempre rimados, basta dizer que o proprio João de Deus, o genial adivinho do *Cantico dos Canticos* e dos *Proverbios*, subscreveria sem objecções a grande maioria das suas paginas, e as mais difficeis...

O advento, por conseguinte, do *Livro de Job*, tão castiço e formoso na sua linguagem, como correcto e commovido na sua poesia, marca na moderna historia litteraria de Portugal uma das suas ephemerides mais notaveis. A ella fica indissoluvelmente ligado o nome do sr. Candido de Figueiredo, e pode contar, por isso, com bem perduravel fama.

TRINDADE COELHO.

O LIVRO DE JOB

CAPITULO III

Job amaldiçôa o dia em que nasceu, e lamenta-se

Job, depois disto, os labios desprendeu,
amaldiçoou o dia em que nasceu,
e lastimou-se assim:

— « Malditó seja o dia,
em que eu ao mundo vim,
e a noite em que se dtsse,
falando-se de mim:
— foi concebido um homem!

Tal dia as sombras tomem,
sombra mortal lhe assista,
e Deus, do alto céu,
não poise nele a vista,
nem êle se ilumine.

Cerque-o o mais denso vèu,
e envolva-o a amargura.
Uma tormenta escura
pese naquela noite!
entre as noites e os dias
não seja nunca inscrita,
e a mesma noite seja
solitária e maldita!

.....

Nenhuma clara estrêla
lhe rasgue a escuridão;
não tenha um só clarão,
espere-o a toda a hora;
e espere sempre em vão
o repontar da aurora;

pois não cerrou as portas
do ventre em que eu estava,
nem desviou meus olhos
do mal que me esperava.

¿ Porque é que não morri,
antes que visse o dia?
¿ Porqué não morreria
no dia em que nasci?

¿ Porque é que me tomaram
nos joèlhos com cuidado?
¿ Porque é que alimentaram
com leite o recém-nado?

Morrendo então, o triste,
que se lastima e chora,
descansaria agora
onde só paz existe.

Descansaria em paz,
ao lado de argentários,
e até do rei que jaz
em amplos cinerários;

ao lado dêsses principes,
que, opulentados de oiro,
de prata a casa encheram,
formando o seu tesoiro.

Ou não existiria,
como escondido abòrto,
e inda como o que é môrto
sem ver a luz do dia.

Ali, não tripudia
o impio nesse remanso;
ali achou descanso
quem fatigado ia;

e quem penado há
em lôbregas prisões
ali não sente já
ruido de grilhões.

Tem o pequeno e o grande
ali igual valor,
e o escravo se liberta
das leis do seu senhor.

¿ Porque foi concedida
a luz ao desgraçado ?
¿ Porque è que se deu vida
a um amargurado,

a quem anda esperando
a morte, sonho de oiro,
como os que andam cavando
em busca de um tesoiro ;

e que se vê contente, -
da alegria mais pura,
se encontra finalmente
a sua sepultura ?

a um homem, que não sabe
o trilho que tomou,
e a quem o seu Senhor
de trevas rodeou ?

Vou a comer, e o pranto
inunda-me em torrente,
por dar-se exactamente
o que eu temia tanto.

Nunca abriguei na mente
uma ideia ruim;
nem ruim tentação
me veio ao coração;
contudo, sobre mim
pesou a indignação!

CAPITULO X

Humilha-se Job deante de Deus e pede-lhe que, antes da morte, lhe dê algum alivio.

Sinto o tèdio da vida, e contra mim me volto;
e, na amargura da alma, os meus queixumes solto.

Deus, não queiras ferir-me, e condenar-me a mim;
ou dize-me porquê sou eu julgado assim.

¿Será justo oprimir quem segue os teus mandados,
e impios favorecer, do bem extraviados?

¿Acaso o olhar de Deus é como o humano olhar,
que só pòde o exterior das coisas observar?

¿Acaso os dias teus são como a humana idade,
para inquirires tu da minha iniquidade,

conhecendo que o mal não me entra ao coração,
embora sem cessar me esmague a tua mão?

Obra do teu poder, ¿ deixas-me, e me despenhas,
e em reduzir-me a pò, Senhor, assim te empenhas ?

O teu carinho e amor ao nada me arrancou,
de ossos e nervos, pele e carne me formou.

Fizeste ainda mais : piedade me outorgaste,
e, sem me abandonar, minha alma custodiaste.

Inda que no teu seio ocultes coisas tais,
creio que delas não te esquecerás jámais.

Se contra ti pequei e perdoaste logo,
dèste longo penar liberta-me, eu t'o rògo.

E, se eu me tornar mau, desgraçado de mim !
se fôr justo, a cabèça abaixarei por fim.

Se eu fôr soberbo, então, meu sèr amaldiçôa,
faze-me perseguir, como à feroz leôa !

Oiço aos amigos meus falsas acusações,
e ao meu lamento a ira e as penas contrapòis.

Oxalá que eu da mãi no ventre sucumbisse,
ou morresse ao nascèr e que ninguèm me visse !

Do ventre maternal ao túmulo descer,
seria não ser nado, ou ter sido, e não ser.

*

¿Não há de findar breve êste viver em fráguas?
Deixa-me pois que eu chore um pouco as minhas
mágoas,

antes que á terra eu vá, cheia de escuridão,
donde não voltam mais os que para ali vão;

a miserável terra, aonde a morte habita,
a confusão, e a treva, horrorosa, infinita.

CAPITULO XL

Continúa Deus a mostrar a distância do Criador á criatura.

Do nimbo, respondendo a Job, Deus continúa:
— Dispõi-te para ouvir-me, e vê se a ciência tua
responde ao que eu pregunto. ¿Acaso mostrarás
que é vão o meu juizo, e me condenarás
para provar que és justo? ¿Assim como eu, bracejas?
e, com voz semelhante á minha voz, trovejas?

Ergue-te em alto sólio, enche-te de esplendor,
de glória te circunda, e adorna-te a primor;
com tua ira aniquila os grandes e os valentes,
e, com um só olhar, humilha os insolentes;
para os soberbos olha, e abate-os sem cessar,
e os impios atormenta em seu próprio lugar;
esconde-os sob o pó, lança-os na cova a esmo;
e então conseguirás salvar-te por ti mesmo.

Repara no elefante, o qual criado foi
contigo, e se repasta em feno, como o boi.
A fortalêza dele está no seu costado,
e, o seu vigor, do umbigo e ventre é derivado;
a sua cauda é rija, iguala o cedro até,
e cada nervo seu como uma corda é;
seus ossos são de bronze, e em comparar não êrro
as cartilagens dele a lâminas de ferro.
Nos caminhos de Deus, tem principal lugar,
e Deus, que o criou, sabe a espada dele usar.
Nasce erva para êle em cada monte ou boiça
e outro animal qualquer sôbre êle se retoiça.
Em húmido lugar, entre os canaviais,
dorme, e fazem-lhe sombra os verdes salgueirais.
Póde absorver um rio e a sêde não mitiga;
e espera que o Jordão lhe caiba na barriga.
¿Com um simples anzol, póde-o alguém apanhar
e com agudos paus as ventas lhe furar?
¿E quem há de pescar, com anzol, a baleia?
¿E quem, com uma corda, a lingua lhe encadeia?
¿De pôr-lhe em o nariz argolas és capaz?
¿E furar com anel seus queixos poderás?
¿A ti dirigirá seus rogos por ventura,
e contigo terá palavras de ternura?
¿Com ela poderás acôrdo algum fazer?
¿Póde ela, para sempre, escrava tua ser?
¿Contigo brincará como avezinha mansa?
¿Por ti atada em casa, ao pé de ti descansa?
¿Acaso amigos teus a saberão partir,

e os homens de negôcio a podem dividir ?
Dize se a tua rede a sua pele abraça,
e se a cabêça dela abarcas numa naça.
Põi nela a tua mão ; não deixes de lembrar
o que pódes valer, e deixa de falar.
Que ela, apesar de quanto em si confia e espera,
dos homens na presença há de acabar, a fera.

CAPITULO XLII

E, quando Job orava com fervor
pelos amigos seus,
compadeceu-se Deus
da sua grande dôr,
e em dobrada porção lhe restituiu
quando êle noutro tempo possuiu.

E todos os irmãos, irmans, e aqueles
que antes o conheceram,
dêle se aproximaram
com êle pão comeram;
de tudo, que sofreu, o consolaram,
brindando-o com ovelhas
e pondo-lhe arrecadas nas orelhas.

Foi Job, pelo Senhor, abençoado,
no seu último estado,
ainda mais que no seu tempo antigo,
chegando a ter consigo
quatorze mil ovelhas, mil jumentos,
e inda seis mil camelos
e mil juntas de bois.

Teve também depois
filhos sete, e três filhas em que havia
graças tão opulentas,
que a uma chamou *Dia;*
á segunda, *Canela* nomeou,
e *Vaso de perfumes*, á terceira.

Ninguém de facto achou
formosura maior na terra inteira,
do que a daquelas filhas,
ás quais Job deu partilhas
com os irmãos em tudo que deixou.

Ainda depois disto,
por cento e quarenta anos Job viveu,
com a consolação
de a seus filhos ter visto,
e com as alegrias
de ver, até á quarta geração,
os filhos de seus filhos. E morreu
velho, cheio de dias.

JORNADA VII

CRISÂNTEMOS

(Extractos)

VAGA LUNA

(Ao Conde de Felgueiras)

Sôbre a minha noite, immensa
como uma noite polar,
irradiou êsse olhar
que me tem a alma suspensa;
e a noite, sem luz, sem crença,
fez-se noite de luar...

Luar que resplende e afaga,
luar que beija e palpita,
como luminosa vaga,
que anseia, e suspira, e afaga
uma aridez infinita...
Luar, de uma luz bendita,
luar que o sol não apaga...

Não apaga o sol do estio
os raios do teu olhar,
nem póde o inverno sombrio
encobrir o meu luar...

Luar que resplende e afaga,
luar que beija e palpita,
luar que me banha e alaga
de uma doçura infinita...

Tu, que me prendes e elevas
nos raios do teu olhar,
não me arremesses ás trevas,
de que me foste salvar;
que eu tenho medo da noite,
dessa noite sem luar...

INTERCEDENDO

(A D. Amélia Janny)

Sabes? Eu tenho pena, muita pena,
do coração que algemas em teu peito;
e não sei afinal com que direito
tua razão despótica o condena.

Nasceu livre e sentiu em cada fibra
ardor intenso de ideal ventura;
e quis librar-se na azulada altura,
em que o condor impávido se libra!

Na febre de um desejo esbraseado,
sonhou auroras de esplendor infindo;
e, em sonhos encantados, foi subindo
a um paraiso estranho e constelado!

Nascera para a luz esplenderosa,
que alaga o èden onde o amor floreja;
e, onde mais alto a aspiração adeja,
êle pairou em nuvens côr de rosa!

Mas, vãos desejos! mas, fatal contraste!
Se todo o mundo lhe era espaço estreito,
¿como foi que, lá dentro de teu peito,
o oprimiste cruel e o encadeaste?

Embalde lhe desnuda a primavera
a tentação de divinais aromas;
embalde clamam inspirados gnomas
que a ventura não é uma quimera;

e embalde vê que das espêssas frondes
a harmonia o seduz e o amor lhe acena.
Sabes? Eu tenho pena, muita pena,
do coração que no teu seio escondes!

OUTRO MAR...

(A D. A. Madalena de Albuquerque da Camara Leme)

Deram-me por destêrro a larga pradaria,
onde floreja o amor e onde palpita o gôzo;
e, ao lado do prazer, do fausto e da alegria,
achei-me triste e só, Tântalo desditoso.

Corri o continente, a ver se encontraria
região, em que eu não visse alheio amor ditoso:
cheguei à beira-mar, mas...— pérfida ironia! —
o mar beijava a rocha, èbrio, febril, nervoso!

Ergui a vista ao alto; e, no dossel flamante,
que abrigava do mar o tàlamo gigante,
a viração tecia os cantos nupciais...

Senti fugir-me a vista; andei um passo àvante:
era o pontal da rocha! e, como a Safo amante,
afundei-me no mar dos loucos ideais!

MICROLOGIA [1]

La vrai mesure du cœur c'est la capacité d'aimer.

BALZAC.

Nas horas tristes, em que a dòr escreve
longos poemas num trovar plangente,
meço e comparo atònito
ao meu profundo coração ardente
teu pequenino coração de neve!

---

[1] Estes versos mereceram a Wilhelm Storck a seguinte e esplêndida tradução aleman:

MIKROLOGIE

In trüben Stunden, wenn das herbe Weh
Lange Gedichte schreibt im Ton der Schmerzen,
Mess' und vergleich'ich staunensvoll
Mit meinem tiefen, gluterfüllten Herzen
Dein winzigkleines Herz vòn Eis und Schnee!

Tão pequenino que, se bem o meço,
vejo que nada tão pequeno existe;
pois que, nos seus mimosos penetrais,
apenas cabe uma lembrança triste,
o tédio... e nada mais!

So winzigkein, dass nichts, wenn recht ich messe,
Ilwn gleicht, wohin sich rings die Blicke lenken;
Denne dierem niedlichen Gemach gebrichts
Au Platz; drin birght sich kaum ein träb Gedenken,
Der Ueberdruss... sonst nichts!

Münster, (Westfalen), 2 de Janeiro de 1867.

VILHELM STORCK.

ROSA BRANCA

(Ao Dr. Gonzaga Filho)

Tenho uma rosa branca na lapela,
e tu, ao ver a rosa,
dizes, sorrindo: — É bela! —
E eu, ao ver-te sorrir, digo: — És formosa! —

Ambos temos razão:
porque a rosa, que eu trago na lapela,
não é mais branca nem é mais formosa,
do que tu, flôr singela,
que me encheste de amor o coração,
ungindo-me de essência preciosa...

Discordamos num ponto: — Em teu conceito,
a flôr, que eu trago ao peito,
seria a flôr das flôres, um primor,
se não tivesse espinhos..., um defeito!
E eu, minha rosa branca, meu amor,

amo-te toda e tanto, que não minto,
dizendo que, feliz e sem temor,
irei colar os lábios, se quiseres,
sôbre os espinhos que entrevejo e sinto,
sôbre os espinhos, com que tu me feres!

PENSAMENTOS DE MUSSET

(A H. Lopes de Mendonça)

Loira dos olhos negros, se eu dissesse
quanto te amo ¿ quem sabe o que dirias?
O amor è um mal, e, quem o tem, padece;
por isso, quando a confissão fizesse,
creio que tu jamais me perdoarias,

Se eu te contasse as ànsias, o tormento
que, em te não vendo, me è punhal agudo,
tu, que ès fada e penetras num momento
o mais misterioso pensamento,
respondias talvez: — Bem sei... sei tudo! —

Se eu te dissesse: — Sou a tua sombra,
e no teu ser o meu vejo fundido, —
tu, a quem a tristeza cobre e ensombra
da tua mocidade a verde alfombra,
dirias melancòlica: — Duvido! —

Se eu te dissesse: — Guardo na alma quanto
teu lábio exprima e meu ouvido abrace, —
ofendida e trocando o doce encanto
do teu olhar em raios de ira e espanto,
mandarias talvez que eu me afastasse...

Se eu te dissesse: — Noites tormentosas
vêlo, pensando em ti, na soledade, —
tua boca entreabrindo, como as rosas
aos beijos das abelhas voluptuosas,
havias de sorrir; ¿não é verdade?

Mas nada saberás! Quando te falo,
digo-te tudo, menos... Tenho medo!
Se a tua voz me dá prazer e abalo,
tu poderás sorrir, adivinhá-lo...
mas teus olhos não vêm o meu segrêdo!

Quando de ti á noite me separo
e volto á solidão, levo presente
a tua imagem, um tesoiro raro;
e no silêncio, a sós, descerro avaro
meu coração, cheio de ti sómente...

Amo, e sei revelar indiferença;
amo, e só eu o sei, ninguém o alcança.
E contudo bendigo a chama intensa
que me esbraseia; e, na mais pura crença,
jurei amar, amar sem esperança!

Sem esperança, sim, não sem ventura,
porque te vejo ao menos, e iluminas
com teu olhar a minha noite escura,
em quanto o meu abraça com doçura
tuas suaves formas peregrinas!

Não nasci para mais! É-me vedada
a suprema ventura, as alegrias,
o viver a teus pés, ò minha amada,
o morrer em teus braços e... Mais nada!
Se eu te dissesse tudo ¿que dirias?

LAUSPERENNE

(Ao Visconde de Castilho, Júlio)

Aberto e iluminado o santuário,
onde de há muito a minha crença habita,
o orgam geme, e o plangente Stradivário
tem suspiros, comove-se, palpita...

Casta e serena luz se ateia e agita,
envolvendo o meu santo relicário,
e espargindo-se em tôrno ao cenobita
que, no silêncio, a adora solitário.

À luz, que assim me beija docemente,
êrgo-me em êxtases, devoto e crente,
nas asas de uma prece dolorida;

e aos pés da hóstia santa e redentora
ficára eternamente, se não fôra
para tão longo amor tão curta a vida!

CORRESPONDÊNCIA

(Ao Visconde de Sanches de Frias)

I

Bilhete postal

Hoje, passou-me ao lado alguèm que eu aborreço,
— se è que aborreço alguèm, — e em tua casa entrou.
Sempre que encontro o tal, aflijo-me, entristeço,
porque... porque afinal bem sabes o que eu sou.

E fui, pè ante pè; cheguei à tua porta,
à ombreira me encostei, e à escuta o ouvido pus.
Havia de dizer que era uma casa morta,
se no teu camarim não avistasse luz.

¿ Falavas em segrêdo? ¿ Estavas dormitando?
¿ ou estavas ouvindo alguèm de confissão?
Tremi, perdi a côr; e, o braço alevantando,
toquei da campainha o elèctrico botão.

Abriu João a porta ; e eu, cheio de respeitos :
— A Viscondessa está ? — Não, meu senhor, saiu. —
João, o bom porteiro, observa os teus preceitos,
e è sempre tão fiel, que, sem còrar, mentiu !

2

Telegrama

Á Viscondessa de A., Rua da Cruz, Lisbòa.
Não negues. Certo è que eu nada ouvi nem vi ;
a comèdia porém, que apenas exprimi,
meu coração presago e triste adivinhou-a !

A dar-te ora um conselho o caso me conduz,
e nosso amigo è quem nos avisa e exorta :
— Em circunstância igual, e antes que eu bata à porta,
abaixa um pouco a voz, e apaga sempre a luz.

3

Por mão própria

Ofendes-te ? De quê ? Olha que tinha graça
veres que sempre fui mais do que teu amigo,
que por amor de ti a mágoa me trespassa,
e acabares em fim por te zangar comigo !

Que culpa tenho eu das dúvidas sombrias
que tu, meu anjo mau, no seio me inoculas ?
Eu *vejo mal,* bem sei : são noites os meus dias,
e com mistérios sempre os dias me atribulas.

Se eu não descanso, há muito, em busca da verdade,
se, por sondar-te o peito, em febre me consumo,
entorna sobre mim a doce claridade
que dos teus olhos mana, e irei por outro rumo.

Não mais te ofenderás de uma suposta injúria
ou de uma acusação, que eu não tivera em mente ;
e, em vez de acusações, de queixas e lamúria,
terás canções de amor, e amor principalmente.

O ÚLTIMO CHARUTO

(A D. Branca de Carvalho)

De cima do balcão, emmoldurado
de verdes parietárias,
espraiavas o olhar enamorado
através das devesas solitárias.

Esmorecia o sol languidamente;
e, dando ao céu franjas de opala e rosa,
tecia uma corôa luminosa
nos cêrros do ocidente.

Eu comprimia a tua mão de fada
a pequenina mão, que mal se vê,
e inclinava a cabeça esbraseada
no teu ombro, a cismar... não sei em quê.

O meu olhar seguia o tênue fumo
do meu charuto tèpido e olorante,
como querendo acompanhar o rumo
da minha louca aspiração de amante.

De súbito, uma nuvem pequenina
daquele fumo ousado e petulante,
num bafejo de aragem vespertina,
desviou-se um instante
e foi turvar-te a lúcida retina.

Uma lágrima então surgiu á beira
dos teus formosos cilios;
uma lágrima, — sabes? — a primeira
que eu vi banhar a flôr dos meus idilios!

Doeu-me tanto a lágrima, arrancada
por um fútil charuto impertinente,
que o arrojei á estrada,
para que toda a gente
esmague o vil, que desastradamente
te fez chorar, ó minha doce amada!

AUTÓPSIA

(Ao Conselheiro Sousa Monteiro)

Não sabes? Aqui há dias,
de uma estranha enfermidade
morri...
— Morreste?
— É verdade;
não te assustes, nem te rias...
— Mas conta lá!
— Eu te digo:
desde que um dia te vi,
desde que falei contigo,
nunca mais tive descanso:
cismei, cismei e... morri!
— Ninguém chorava por ti?
— Ninguém! ninguém!
— Pobre amigo!
até na morte os carinhos
te faltaram, malfadado!
E depois?
— Os meus vizinhos

correram de cada lado,
curiosos, levianos,
a saber do caso estranho.
Dizia um deles: «Coitado!
não foi o pêso dos anos!»
Juntava outro: «Talvez
amarguras... desenganos...»
E todos eles, bem vês,
queriam sondar arcanos
que nem tu sondas... Na dúvida,
foram chamar o doutor
para me fazer a autópsia...
— Autópsia, dizes? que horror!
uma autópsia! e consentiste?
— Certamente, meu amor!
um cadáver não resiste
à vontade dos estranhos
que dele querem dispor.
Veio o médico. Auscultou-me,
e, com ar de sabichão,
desdenhoso, grave e mudo,
começou a operação...
— Não digas mais!
— Ouve tudo:
Ergueu-se, apertou na mão
o bisturi reluzente,
para rasgar friamente
o meu peito ainda quente,
e ver bem o coração.

— E viu-o?
— No mesmo instante,
os golpes do bisturi
deixaram-lhe ver ali
um coração de gigante...
— De gigante?
— Exactamente!
Um coração que assombrava,
e ninguém acreditava
fôsse coração de gente!
— E o doutor?
— Êsse apontou
o bisturi aos ventriculos
e de um só golpe rasgou
o coração em fasciculos!
— Por Deus, cala-te!
— Medrosa!
Concluida a operação,
viu-se tudo, viu-se então
lá dentro do coração,
como em urna preciosa,
uma imagem deslumbrante...,
a criatura mais formosa
que eu ainda conheci:
viva, inteira, palpitante,
eras tu quem estava ali!

Quando o doutor se esforçava
por separar-me de ti,

trucidando o filamento
que ao meu peito te ligava,
meu cadáver, que hirto estava,
soltou enorme lamento,
um grito immenso, profundo,
de quem vai deixar o mundo,
após suplicio infinito!

O doutor ouviu o grito
e ponderou com frieza:
« Está vivo..., catalèptico;
e a imagem que lhe está prêsa
è que lhe conserva a vida. »
Depois coseu a ferida,
recompôs o coração
e a imagem nele contida;
fez-me aspirar não sei quê,
e abri os olhos por fim.

Surge o Lázaro, e caminha!
Mas, se eu vivo e falo assim,
è porque eu, ò vida minha,
te guardo dentro de mim!

ANDORINHAS

(A Julio Dantas)

Como um bando de alegres andorinhas,
ao suave calor da primavera,
as minhas esperanças virginais
poisaram nos beirais
do palácio encantado das quimeras.

Nêsse momento, vinhas
assomando á janela emmoldurada
de jasmins e baunilha perfumada,
e das mais viridentes trepadeiras.

Ouvindo as harmonias,
o côro das alegres forasteiras,
disseste-lhes: — Bons dias,
minhas amigas, gratas mensageiras. —

E as minhas esperanças virginais
quedaram-se tranquilas nos beirais,
levando tardes e manhans inteiras
a construir uns ninhos ideais...

Mas um dia acordaste bruscamente;
e, chegando à janela emmoldurada
de jasmins e baunilha perfumada,
ergueste a mão nervosa, indiferente,
e derribaste, fria e cruelmente,
aqueles ninhos tèpidos e cheios
de intenso amor e matinais gorgeios!

E, ao debandar das pobres avezinhas,
as minhas esperanças maltratadas
fugiram pelo espaço, amedrontadas,
como um bando de tristes andorinhas.

MEMÓRIAS

(A António Feijó)

Quando eu morrer, e se algum dia fores
lançar na minha campa algumas flôres
nascidas do remorso e da piedade,
pede á tua memória,
na ausência da saudade,
que dos meus tristes e últimos amores
te conte a breve história.

Tu, só tu a conheces, tu a ouviste
e tu a paginaste descuidada,
como se lesses de algum bardo triste
a estranha e melancólica balada.

Foi uma história curta: os seus capitulos
tinham a duração de uma volata,
que prende num *allegro* estreitamente
o amor que salva com o amor que mata!

E essa história passou, como a corrente
que leva ao mar, ao vórtice fremente,
em folha sôlta, um nome e alguma data!
vibrára como a nota viva e ardente,
desferida por mão de Paganini;
e expirou num murmúrio tristemente,
como uma melodia de Bellini.

Quando eu morrer, e se algum dia fores
do meu sepulcro á borda,
pensa no que eu senti, abre, recorda
a história dos meus últimos amores.

CASTELOS

(A Silva Pinto)

Que castelos soberbos e risonhos,
que formosos castelos construi
na areia movediça dos meus sonhos,
dos sonhos que falavam só de ti!

Os cavoucos de mármores de Paros,
de pórfiro os bastiões e barbacans,
os meus castelos, monumentos raros,
eram inveja a altivas castelans.

As pontes levadiças eu fundira
de preciosos e nitidos metais,
que o amor, mineiro intrépido, extraira
das encantadas minas orientais.

Ao sol, merlões dentados chamejavam,
sendo, cada um, fenomenal rubim;
e as tôrres de menagem pompeavam,
fabricadas de nácar e caulim.

Encrustações de onix e de ametista
mosqueavam seteiras de cristal;
e dos balcões de jaspe a minha vista
abrangia paisagem sem igual.

De um lado, o oceano múrmuro; galeótas
áquém e àlém; barqueiros a cantar;
ondas espreguiçando-se; e as gaivotas
traçando curvas entre o céu e o mar;

do outro, jardins e bosques ondeantes;
o tintilar de arroios; palmeirais,
sândalos, caneleiras odorantes,
adansônias e loiros triunfais!

Lá dentro, dos castelos no recinto,
luz estranha alagava os penetrais,
colunas de ágata, em graciosos plintos,
ogivas de ambre, góticos vitrais.

Em panóplias, alfanges damascenos,
montantes, bacinetes e saiões,
adagas e turbantes agarenos,
crescentes, signas, lábaros, balsões.

Dragões e hipógrifos de aspecto bélico
esguardavam das quadras o limiar,
e dos torsos de mármore pentélico
manar parciam résteas de luar.

Lapislazúli os tectos revestia;
e a púrpura fenicia e os brocatéis
mesclavam-se em profusas laçarias,
sob a seda persiana dos dosséis.

Nuvem ténue de mirra e de heliotrópio
das caçoilas se erguia em espirais;
e, evocando as visões do haxixe e do ópio,
os narguilhés fumavam sensuais.

Cabeçais, otomanas e triclinios
convidavam a flácido torpor;
o em jarras de Nifão cactos sanguineos
febricitavam de entranhado amor.

Mas... Uma noite, temporais medonhos
sôbre minha cabeça ouvi rugir;
e a areia movediça dos meus sonhos
meus castelos então deixou cair.

LEGADO

(A Fernando Leal)

Sol, que no meu inverno irradiaste esplêndido,
mas frio, glacial, como o luar do norte,
Galateia de gêlo, ò bela flôr de marmore,
tu não podes tremer, se eu te falar da morte!

Escuta pois! — Ao dar-te as despedidas últimas,
faço o meu testamento, em trevas redigido;
e a ti, que me feriste o coração sem mágoa,
deixo, como lembrança, o coração ferido.

Com uma condição: — Na urna rescendente,
em que encerres, amor, o fúnebre legado,
esta simples legenda hás de gravar sòmente:

— « Repoisa nesta urna o coração gelado
do escravo mais fiel, do trovador plangente,
que amou até à morte e nunca foi amado! » —

A...

(Ao Conde de Monsaraz)

Nome que não se diz, nome que não se escreve.

A. de Quental.

I

É levemente pàlida e franzina,
como visão de lenda escandinava,
como as Virgens que Angèlico sonhava,
no ardor da sua inspiração divina.

Cintilam como a estrêla vespertina
os seus olhos, que abrasam como a lava;
e um sorriso, que tem minha alma escrava,
resalta-lhe da boca pequenina.

No seu andar, gracioso e nobre, imita
o volitar da timida andorinha,
e a sua voz é música bendita.

Tem ares de princesa ou de rainha;
e, junto à perfeição que nela habita,
só lhe encontro um defeito: — Não é minha!

II

Se eu pudesse chamar-lhe minha um dia,
minha como êste amor infurtunado,
como a tristeza de não ser amado,
como esta doida e cega idolatria;

se eu pudesse escutar-lhe a melodia
de um *amo-te* febril e segredado,
que, ao sair-lhe do lábio perfumado,
me inundasse a existência de poesia;

havia de abraçá-la doidamente,
mirando-me em seus olhos radiosos,
como num céu immenso e transparente;

e os seus lábios vermelhos e mimosos
sentiriam poisar-lhes de repente
um enxame de beijos sequiosos.

III

Abandona o teu mundo resplendente,
ó doida fantasia, ó águia ousada,
que procuras um astro, uma alvorada,
donde a vida dimane eternamente!

E tu, que me surgiste no ocidente,
ao fim da minha dolorosa estrada,
acolhe em tua clâmide nevada
minha última lágrima candente,

Ao descer um gelado nevoeiro,
do meu outono ás derradeiras flôres,
da minha vida ao alento derradeiro,

colheu-me a noite ao pé dos teus fulgores,
porque êste adeus é o último e o primeiro
dos meus primeiros e últimos amores.

IV

É levemente pálida e franzina;
e os seus olhos, que abrasam como a lava,
eram farol divino que eu buscava,
e são agora o raio que fulmina.

Daquèla formosura peregrina,
do espirito gentil que me enleava,
das minhas esperanças ilusòrias,
daquele ser que o belo e bem resume,
resta-me ainda o mistico perfume
nas fôlhas do meu livro de memórias!

Não se evapora tão suave aroma,
nem se aniquila essa criação divina
que, ao mais leve rumor, treme e desmaia:
auras propicias, bafejai-lhe a coma,
quando o sol nasce e quando o sol declina;
ondas que rebramis de praia em praia,
vendavais e tormentos, respeitai-a,
que è levemente pàlida e franzina...

JORNADA VIII

ESPARSAS

I

MORTE

DE

IAGINADATA

EPISÓDIO DO POEMA ÈPICO INDIANO

— O « RAMÁIANA »

Palavras de Camilo

Ill.mo Ex.mo Sr.

Este opusculo, com que V. Ex.a brindou os amantes da boa poesia, é com effeito uma formosa copa cheia de lagrimas. É poesia que faz poetas, porque punge, eleva, desata a alma das dores triviaes, e concilia cada coração com as suas proprias. Os versos são singelamente maviosos. A agonia immensa estala em expressoens de simplicidade tragica. É V. Ex.a duas vezes poeta nestas paginas: identificou-se na antiga inspiração e feriu as cordas mais gementes da harpa moderna. Não levante mão deste grande intento. Dê-nos estes paineis do passado,

a ver se por este modo consegue crear leitores de versos.

Aperta-lhe a mão com affectuosa cordealidade e admiração o

Seu collega e amigo,

Porto, 1 de Dezembro
de 1873.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Palavras de Viale

Ill.mo Sr.

Estou em divida para com V. S.ª Ha huns quinze dias, recebi pelo correio, com offerecimento mui gracioso, hum exemplar do folheto intitulado: «*Morte de Iaginadata*», traducção em verso de hum interessante episodio da *Ramayana*.

Não sou indianista, e por tanto só pelas versões de Gorrezio e de Fauche tenho algum conhecimento (na verdade imperfeitissimo) da immensa epopèa de Valmiki. Pelo pouco que della tenho lido, e ainda mais pelo juizo que della fazem os eruditos orientalistas, principalmente Eichkoff, estou per-

suadido de que muito ouro se pode extrahir de mina tão rica, ainda que pouco accessivel á maior parte dos litteratos. Vejo que V. S.ª assim o entende, e procura attrahir para taes estudos os cultores das boas letras, dando-lhes louvavel exemplo. Quanto ao desempenho da tarefa que V. S.ª se impoz, parece-me ter-se havido como se devia esperar do seu talento, de que já tem dado brilhantes provas. Na realidade, he difficil, se não absolutamente impossivel, verter em verso huma obra poetica, de huma maneira que satisfaça cabalmente o appetite dos leitores fastientos e severos. Assim o experimentei com as minhas tentativas homericas e dantescas. Continue, porem, V. S.ª as suas: eu lhe presagio os mais felizes resultados. Todavia, permitta-me que tambem aqui lhe exprima hum voto, que me he inspirado por hum espirito de parcialidades, de que aliás não me envergonho, antes me ufano. Nenhuma litteratura antiga possa fazer-lhe esquecer ou preterir as duas litteraturas classicas por excellencia, a grega e a latina. Relativamente ao proprio excerpto por V.

S.ª primorosamente nacionalizado entre nós, ahi está no VII livro das Metamorphoses de Ovidio a narração do tragico fim de *Proeris*, tão semelhante á do asceta indiano, e, segundo o meu gosto, ainda mais bella e mais pathetica. Mas eu devia hum agradecimento, e ia-me deslizando em hum conselho. Sirva-se V. S.ª aceitar com benignidade os meus agradecimentos, e dê ao conselho a importancia que lhe merecer a auctoridade do velho fossilista, que tem a honra de se subscrever com a maior consideração

De V. S.ª

Ven.or e Cr.o Obd.te e Obrg.o

Lisboa, 10 de Dezembro
de 1873.

ANTONIO JOSÉ VIALE.

MORTE

DE

IAGINADATA

(A Max Muller)

Quando Ramá, dos homens o mais bravo,
partiu para as florestas, Daçarata,
— aquele rei outrora tão ditoso, —
deixou-se possuir de mágoa enorme.
Exilados seus filhos, o monarca,
tão alto como Indra, escureceu-se
nas trevas do infortúnio, como quando
a sombra de um eclipse os céus invade,
tapando ao sol a face.

Após seis dias
de prantos e saudade, o rei egrégio,
acordando uma vez á meia noite,
lembrou-se de uma falta cometida

em afastado tempo, e dirigiu-se
desta fórma a Caoçàlia, sua espôsa;
—Se és também acordada, ouve-me atenta,
Caoçàlia. Quando um homem, dama ilustre,
faz uma acção, ou bôa ou má, não póde
evitar no porvir os frutos dela.
Qualquer que em suas coisas não distingue
o bem e o mal, e ás cegas vai obrando,
os sábios apelidam-no criança.

Nos bons tempos da minha adolescência,
em que eu, moço imprudente, me ufanava
de frechar toda a fera que avistasse,
cometi uma falta... por acaso.
A desgraça presente é fruto acerbo
dessa culpa. Caoçàlia, como a morte
é fruto de um veneno que se bebe.
Mas filha de ignorância foi a culpa,
como a morte talvez de envenenado.
Ainda tu não eras minha espôsa,
e eu era apenas da corôa herdeiro.
Nesse tempo, a estação das manhans frescas
entornava alegrias na minha alma;
o sol, que havia esbraseado a terra
e bebido a humidade das campinas,
cansado já de procurar o norte,
mudara de hemisfério. Graciosas,
as nuvens espalmavam-se nos ares,
e os grous, e os cisnes, e os pavões folgavam

repletos de alegria. Os aguaceiros
obrigavam os rios a espalharem
água lodosa em cima das alpondras.
Os campos, sorridentes sob a chuva,
ostentavam seus virides relvados
em que as aves, alegres, volitavam.

No correr de estação tão prazenteira,
tomei sôbre meus hombros dois carcazes,
empunhei o meu arco, e fui-me andando
em direcção às margens do Çaraio.
Ao abeirar-me do formoso rio,
levava em mira, consoante os hábitos,
ás feras atirar, que um rumor leve
denunciasse, sem que eu mesmo as visse;
e escondi-me na sombra, de arco armado,
ao pé dos bebedoiros solitários,
que ali dessedentavam, alta noite,
os animais que habitam as florestas.
E era o caso, que ás vezes despedia
alguma frecha para aquela banda
donde rumor saira, e assim matava,
um búfalo da selva, um elefante,
ou qualquer fera que buscasse as águas.

E nessa hora, quando os meus olhares
nenhum objecto distinguir podiam,
ouvi o som confuso de uma bilha

que alguèm enchia de água; som que imita
o múrmuro beber de um elefante.
E prestes cavilhando no arco a frecha,
frecha assàs empennada e penetrante,
cego pelo destino, despedi-a
contra o lugar donde o rumor saira.
Mal a frecha voara, uma voz de homem,
lamentosa, chegou a meus ouvidos:

— Morto! estou morto! ¿Como despedir-se
um dardo contra mim, contra um ermita?
¿De quem será o braço deshumano
que despediu a seta? Vim de noite
a bilha encher no solitário rio:
¿quem o assassino? ¿a qúem tenho ofendido?
Oh! esta frecha, tendo penetrado
o coração exânime do filho,
irá cravar-se no magoado seio
de um velho anacoreta, pobre e cego,
que ai vegeta à sombra da misèria,
no meio dèstes bosques. Chóro menos
o desastrado fim da minha vida,
que a sorte de meus pais, dois velhos cegos.
Avergados ao pêso dos invernos,
e por mim amparados tanto tempo,
¿como viverão êles, sós e cegos,
sem o amparo do filho? ¿Quem seria
o homem sem alma, cuja frecha aguda

matou a todos três, a mim e a êles,
que de frutos, raizes e legumes
numa paz innocente aqui viviamos? —

Disse. E, perante a minha estranha falta,
eu, abalado, comovido e trêmulo,
deixei cair das mãos carcaz e arco.
Corri, e achei, postrado na água, um jovem
que trajava de peles de antilòbio
e usava o ilustre jata [1] dos ascetas.
Mortalmente ferido, ergueu os olhos,
e, cravando-os em mim, num desgraçado,
dirigiu-me, rainha, estas palavras,
como querendo me abrasar nas chamas
da sua radiante santidade:

— ¿Que ofensa contra ti hei cometido,
ò xàtria, [2] eu, habitante das florestas,
para que recebesse a tua frecha,
quando no rio eu mergulhava a bilha
por que meu pai dessedentasse os lábios?
Os dois velhos, autores de meus dias,

---

1 Cabeleira especial e honorífica.

2 Indivíduo da casta militar e real.

sem um apoio nas desertas matas,
aguardam minha volta; pobres cegos!
De uma só vez, com uma frecha apenas,
três seres vitimaste: eu, a mãi terna,
e o pai! Porquê? se nunca te ofenderam?
A virtude e a ciência não produzem
na terra fruto algum, segundo creio,
pois que meu pai não sabe que me matas!
E, dado que o soubesse, ¿que faria,
êle que nada póde, porque é cego?
Assemelha-se a uma árvore sem fôrça
para amparar outra árvore, arrancada
pela buida secure do lenheiro.
Vai, filho de Ragú, vai, sem detença,
ter com meu pai, e dá-lhe a fatal nova,
antes que a sua maldição te abrase,
bem como o fogo abrasa as sêcas urzes.
O atalho, que tu vês, leva ao retiro
onde habita meu pai! fala-lhe, abranda-o,
antes que te maldiga em sua cólera!
Mas... vem, arranca-me do seio a frecha:
êste dardo, cravado no meu seio,
é, como um raio, ardente, e mal respiro.
Arranca-me êste dardo; que eu não morra
com êle no meu peito. Eu não sou brâmane [1];

---

1 Indivíduo da casta sacerdotal.

não te possuas do terror que inspira
o assassinio de um brâmane. É verdade
que de um brâmane, que érma neste bosque,
eu filho sou, mas minha mãi é çudra. [1] —

Eis o que disse o moço, a minha vitima.
Á vista dêste pobre adolescente,
que, entre queixumes tais, se reboleava
nas águas do Çaraio, despenhei-me
na mais estranha prostração de espirito;
e, alheado de mim, tirei a frecha
do extenuado seio do mancebo,
com um cuidado igual ao meu desejo
de conservar-lhe a vida. Mas apenas
o dardo se extraiu, o moço ermita,
exalando um suspiro entrecortado
por golfadas sangrentas, tremeu todo,
e estranhamente os olhos revolveado,
exalou o suspiro derradeiro.

Quando o filho do santo anacoreta
expirou, abatendo a minha glória
e a mim mesmo, fiquei-me consternado,
á vista do incurável infortúnio.

---

1 Indivíduo da raça servil e da raça infima.

Extraida que foi a seta ardente,
fatal como o veneno de uma serpe,
tomei a bilha, e dirigi os passos
para a mansão do asceta. Os pobres velhos,
lá estavam sòzinhos, tristes, cegos,
sem ninguém que amparasse os desgraçados,
como dois pássaros que as asas perdem.

Aguardavam seu filho, e eram sentados,
falando dêle aflitos, os dois velhos:
aqueles que eu ferira em sua prole
ansiavam a dita, que seu filho,
voltando, lhes daria! Neste lance
é que eu, na consciência remordido,
achei, ermando os pálidos ascetas!
O ermita, ouvindo passos junto dêle,
diz: — Filho meu, porque tardaste tanto?
Traze-me a bilha já. Iaginadata,
meu bom amigo, há tanto que te andavas
brincando na água! dava-nos cuidado,
á tua boa mãi e a mim, meu filho,
tão longa ausência. Se eu acaso ou ela
num momento sequer te magoàmos,
perdôa, e nunca mais por tanto tempo
te detenhas no ponto aonde fores.
Não posso andar... tu és as minhas pernas;
não posso ver... tu és a minha vista:
esta minha existência em ti descansa!
¿Porque não falas tu? —

A estas vozes,
lentamente abeirando-me do velho,
a quem o amor de pai tanto inspirava,
e com as mãos o peito comprimindo,
disse-lhe, sufocado de soluços,
e numa voz tremente, balbuciante,
mas que a minha firmeza reanimava:
— Eu... eu um xátria sou, não sou teu filho;
meu nome é Daçarata; e eis-me contigo,
depois de cometido infando crime,
de que a virtude tem horror e espanto.
Eu, santo asceta, havia demandado,
com o arco em punho, as margens do Çaraio,
por espreitar os animais bravios
que, da sêde obrigados, ali fôssem,
e que eu frechasse sem os ver. No entanto,
o estridor de uma bilha que se enchia
tocou-me o ouvido, despedi a frecha
e assassinei teu filho, imaginando
matar um elefante. Aos gritos dêle,
tirados pela frecha que o varara,
corri trêmulo ao ponto donde vinham,
e vi então um jovem penitente.
É certo que eu pensava, anacoreta,
ter em frente de mim um elefante,
e atirar a uma fera não a vendo,
quando cravou teu filho o férreo dardo.
Arranquei-lhe do seio a minha frecha,
e êle expirou, subindo ao céu; mas antes

havia lastimado longamente
à sorte de seus pais. Involuntário
foi o assassinio de teu filho amado...
Curvado assim ao pêso desta culpa,
mereço contra mim a tua cólera.—

Nisto, ficou petrificado o velho;
mas logo após, recuperando alento,
estas palavras proferiu, em quanto
eu as mãos juntas conservava humilde:
—Se, criminoso de uma falta enorme,
tu m'a não confessasses espontâneo,
mesmo sôbre teu povo caïria
o castigo tremendo; e o meu anàtema
havia consumi-lo como o fogo!
Xàtria, se tu soubesses que era ermita
aquele que matavas, êsse crime
faria despenhar Bramà do trono,
que èle no entanto ocupa inabalàvel;
a sete descendentes e a outros tantos
dos teus maiores cerraria as portas,
ò mais vil dos mortais, o paraiso,
se consciência houvesses do teu acto.
Foi crime inconsciente; de outra sorte,
não viverias já, e a raça inteira
dos raguidas[1] havia de apagar-se,

1 Descendentes dos reis da raça solar.

tanto valor se prende à vida tua!
Vamos, cruel! conduze-me depressa
aonde assassinaste o infeliz moço
que era um bordão de cego, e que sabia
guiar minha cegueira. Eu quero ainda
tocar meu filho morto, se a existência
me não abandonar, antes que o abrace.
Quero, com minha espôsa, tocar inda
o ensanguentado corpo de meu filho,
solto o jata e os cabelos em desordem;
corpo de que a alma resvalou agora
sob o poder de Iamá.[1]—

Guiei os cegos,
do intimo abalados, a essa estância
e nela os dois esposos abraçaram
o estirado cadáver de seu filho.
Mal sustendo uma dôr que os avergava,
ao tocarem apenas no cadáver
ergueram da alma doloroso grito,
caindo sobre o corpo ensanguentado.
O esmaiado semblante de seu filho,
a mãi beijou-o e desatou-se em prantos,
e em lamentos tão tristes, que lembravam
os da mãi do novilho, a que furtassem

[1] Juiz dos mortos, o Plutão indiano.

*

a estremecida prole: — Iaginadata,
dizia ela, — ¿não me queres tanto
como à própria existência? Filho augusto,
¿porque não falas tu, quando te partes
para essa viagem que è tão longa?
Beija-me, e partirás em me abraçando!
¿Já me não queres bem? ¿porque não falas?

O pai aflito, dèbil, alquebrado,
falou também como se vivo fôsse
o filho, a quem tocava os membros gèlidos:
— Meu filho, ¿não conheces minhas vozes,
nem as de tua mãi? Ergue-te agora!
vem! em teus braços nos aperta a ambos!
De quem ouvirei eu nestes desertos
uma voz grata que me leia os *Vedas*,
na noite próxima, co'o mesmo empenho
que tinhas em saber os santos dogmas?
¿E quem, meu filho, levará dos bosques
à mansão nossa frutos e legumes,
sempre que a fome dominar os cegos?
E esta ceguinha, carregada de anos,
tua mãi, esta bôa penitente,
como a sustentarei, eu que sou fraco,
que sou cego como ela e sem amparo?
Não queiras deixar hoje estas paragens;
àmanhan, filho, partiremos todos.
Depressa a dôr obrigará os velhos

a deixar esta vida pela morte:
a sentença, meu filho, está lavrada.
Apenas eu de Iamá entrar nos reinos,
infeliz pai, mendigarei eu mesmo;
para o filho do Sol levando os passos,
eu lhe direi, por ti acompanhado:
—dá esmola a meu filho, ò deus dos mortos.—
Depois das santas orações da tarde,
depois de feita a matutina prece,
depois do banho e da oblação piedosa,
¿quem tocará meus pés com as mãos suas,
para enlevar-me em sensações tão gratas?
Ao mundo dos heróis que não regressam
sobe, meu filho, que és um innocente
vitimado a imprudência deshumana.
Alcança o eterno mundo dos ascetas,
dos sacrificadores e dos brâmanes
que as funções de guru preencheram dignos;
o mundo destinado aos penitentes
que leram, linha a linha, os santos livros,
os *Vedas* e os *Vedangas;* e onde habitam
Iasti, Nahusa, e outros reis piedosos;
mundo aberto aos bons chefes de familia,
que nunca o sensual prazer procuram
longe dos braços da consorte amada;
seres modestos e almas generosas,
que a plenas mãos armentos distribuem,
e alimentos e terra aos desherdados.
Vai, meu filho, acompanho-te em espirito;

sobe ao eterno mundo, aonde sobem
aqueles que firmaram entre os povos
a paz e a segurança, e cujo verbo
foi a voz da verdade. Almas eleitas,
que nascem numa casta como a tua,
a inferior condição não baixam nunca.
Expulso ora daqui, vai a êsses mundos,
onde o mel em regatos serpenteia. —

Tanto que o solitário êstes lamentos,
e outros inda, soltou com sua espôsa,
triste cumpriu a ceremônia da água
em honra de seu filho.

Após instantes,
de uma celeste fôrma revestido,
e alçado num soberbo carro aéreo,
o filho apareceu do santo ermita,
e assim falou aos pais : — Em recompensa
do puro amor que vos sagrei, obtive
condição valiosa : dentro em pouco
sereis neste logar tão anelado.
Não lastimeis do vosso filho a sorte,
nem crimineis o rei ; era destino
que eu sucumbisse ao tiro do seu arco. —

Disse ; e, transfigurado em corpo aéreo,
erguido, entre esplendores, sôbre um carro
de uma beleza extrema, sublimou-se

o filho do richi ao céu. E em quanto,
juntas as mãos, eu era ao pé do ermita,
que havia terminado com a espôsa
a ceremônia da água em honra ao filho,
falou-me assim o santo penitente.
— Eu pasmo de que, sendo vil e fátuo,
tu contes por avós os Icsvaquidas,
reis santos, gloriosos e magnânimos.
Entre nós jamais houve desavenças,
nem pleiteámos campos ou mulheres.
Sendo assim, ¿porque a vida tu me roubas
e a da consorte minha com teu arco?
Mas, já que és innocente no teu êrro,
não te maldigo, mas atento escuta:
— Assim como chegou para meus dias
inesperado termo, pelas mágoas
que me instilou a perda de meu filho,
assim, ao cabo da carreira tua,
hás de deixar a vida pesaroso,
e chamarás debalde por teu filho. —

Debaixo deste anátema pesado,
voltei para cidade. Dentro em pouco,
á sua dôr o asceta sucumbia,
áquella tão violenta dôr paterna.
A maldição do brâmane por certo
se cumpre agora em mim: pois os pesares,
e as saudades que tenho de meu filho,
a seu termo conduzem minha vida.

Os meus olhos, rainha, não vêem nada,
mesmo as ideias vão-se-me apagando:
são êstes, dama ilustre, os mensageiros
da fatal morte, que me apressa a marcha.
Se viesse a mim Ramá [1], ou se eu apenas
ouvisse a sua voz, eu rehaveria
a minha fôrça, como um moribundo
que ambrosía bebesse. Esta saudade,
filha da sua ausência, estala os elos
da minha vida, como a onda rasga
a ramaria umbrosa que crescera

de um rio sôbre as margens. Venturosos
os que, ao termo de exílio de meu filho,
passado nas florestas, Ramá virem
voltar para Aiodia, como Indra [2]
descendo lá do céu. Não serão homens,
mas verdadeiros deuses, os que um dia,
quando à cidade êle voltar dos ermos,
a sua face bela contemplarem,
tão resplendente como a lua cheia.
Ó venturosos vós, que assim puderdes
ver a face a Ramá, a augusta face,
semelhante à rainha das estrêlas,

---

1 O herói do *Ramaiana*, e filho de Daçarata.

2 O rei dos deuses, o Jupiter indiano.

e graciosa e bela, de alvos dentes,
e de olhos como as pétalas do lodam.
Felizes os mortais, que de meu filho
virem a face augusta, cujo hálito
é igual ao perfume que rescendem
as pétalas do lodam, pelo outono.

II

CRIANÇAS

Palavras do primeiro Editor

Dr. J. M. Pereira de Lima

Projectára uma elevada personagem organizar um livro, colaborado pela maioria dos nossos escritores, e cujo produto reverteria em beneficio das *crèches*. Convidado para a colaboração o nosso intimo amigo Candido de Figueiredo, escreveu os versos que adeante seguem. Gorou-se, porém, ao que parece, o projecto daquela publicação, mas conseguimos que o autor dos versos ás *Crianças* nos permitisse a publicação dêles. A aceitação, que esta poesia, logrou, quando apareceu em a nossa **REVISTA DE LISBOA**, assegura-nos que o acolhimento desta edição não nos fará arrepender do nosso

cometimento, que é ao mesmo tempo um preito ás letras e um protesto de sincera amizade ao autor dos versos.

PEREIRA DE LIMA.

CRIANÇAS

(Á Doutora Carolina Michaëlis)

Deixai agora os infantis brinquedos,
deixai agora de folgar e rir,
e assentai-vos comigo
á sombra dêstes tristes arvoredos
que o outono vai despir.

Quero-vos muito! como pai e amigo!
e, em quanto alguma fôlha, ressequida
pelos estivos sóis,
vai caindo e buscando a voz perdida
dos seus emmudecidos rouxinóis,
haveis de estar quietas, silenciosas,
como a sombra dos tristes arvoredos,
que se esqueceram da estação das rosas,
e dizem entre si alguns segredos,
ao antever as noites invernosas...

E ficareis assim mais tentadoras,
minhas gentis amigas,
como aquelas imagens cismadoras,
que tendes visto em catedrais antigas.

É que eu não quero que deixeis de ouvir
uma palavra só das que eu disser:
falando-vos, dirijo-me ao porvir,
ao homem, à mulher,
e a vós mesmas haveis de transmitir,
com as vossas saudades e esperanças,
o que eu disser, crianças.

Não vos hei de contar muitas histórias,
porque são quase sempre mentirosas,
e é pecado enganar almas formosas
com lendas, sôbre absurdas, irrisórias.

Eu falo-vos da vida, — a história enorme,
que não anda nos livros relatada,
misteriosa odisseia, vasta, informe,
sombrio pêndulo entre o *tudo* e o *nada!*

Não me entendeis decerto! mas um dia
devassareis talvez o meu segrêdo,
ao trilhar os çarçais que o mundo cria.
Por ora, ainda é cedo.

Eu falo-vos da vida. Ao entrar nela,
precisais de saber
se o céu da infância, que ora se constela,
terá sempre essa luz e êsse prazer,
sem que os enturve a sombra da procela.

A vida faz lembrar
immensa galeria,
em que uns vultos perpassam sem cessar
em meio de cristais que a luz do dia
faz reflectir as nuvens do pesar
e os astros da alegria.

Esses cristais cambiantes
são os espelhos da comédia humana;
e eu quero que poiseis, alguns instantes,
vossos olhares vivos, cintilantes,
nesses espelhos donde a luz dimana.

Tereis em tais espelhos
proveitosa lição;
e, se apenas aos velhos
é permitido dar vitais conselhos
a quem lhes beija a mão,
por muita vez a juventude iguala
a sensata velhice, quando fala
pela discreta voz dos desenganos,
— chama que abrasa e estiola
a melindrosa flôr das esperanças.

Silêncio pois, crianças :
tendes aqui um velho de trinta anos,
que tem cursado a bem-fazeja escola
da luta e do trabalho,
colhendo a experiência, o doce orvalho
que os sequiosos mártires consola...

¿ Não conheceis ainda os mandamentos
que a vida ensina aos que na vida avançam ?
São tantos como os rápidos momentos
que no infinito por milhões se lançam ;
mas em mui pouco os podereis cifrar,
se sabeis crer e amar :

Amar a grande luz omnipotente
que tendes, e não vêdes,
dentro do vosso espirito innocente,
onde se embatem as contrárias sêdes
do mal e da verdade,
à semelhança de caudal corrente,
que, outra encontrando, o flòreo campo invade.

Amar o bem ! ¿ mas conheceis acaso
o quanto exprime esta palavra, — *bem* ?
Imaginai um cristalino vaso,
que mil essências dentro em si contêm :

no *bem* há mais fragrância, mais perfumes,
atractivo mais casto,
do que em todos os nitidos cardumes
das flôres de um jardim, sumptuoso e vasto.

Delicia, consola e robustece,
aquela estranha essência;
pois quando alguém padece,
e a derrama no altar da consciência,
seca-se o pranto, e o júbilo apparece.
Se alguém vêdes alegre, satisfeito,
festejado, sem ódios de ninguém,
é porque traz consigo, — no seu peito, —
a essência de que eu falo, — a flôr do *bem*.

Do amor ao bem, deriva a san doutrina
que, semeada ao sol da juventude,
há de gerar a planta peregrina
que se chama — *virtude*.

Não pergunteis aos livros onde existe
a augusta planta e os seus benditos ramos:
muitas vezes, se os livros consultamos,
o que neles se colhe é triste! triste!

Se no seio abrigastes com cuidado
o perfume do bem, a eterna essência,
interrogai o livro da innocência,

o vosso coração immaculado,
e êle dirá, sempre que alguèm o estude,
onde existe a virtude,

Amai-vos como irmãos! — eis a legenda
que a mão da natureza grava e estampa
em cada marco da espinhosa senda
que vai do berço á campa.

Somos todos irmãos, escutai bem:
o africano, o chinês,
o selvagem, o indio, o português,
venham donde vierem, todos têm
no banquete da vida o seu lugar,
banquete onde não vemos primazias,
mas comunhão de dores e alegrias,
uma familia em tôrno do seu lar.
Classes, religiões, idades, côres,
desaparecem ante o nosso amor.
O selvagem, que adora com fervor
a luz esplèndida do sol nascente;
o turco, que se inclina
ao ver a augusta signa do crescente;
a cigana andrajosa e peregrina,
que nas linhas da mão lê o futuro;
o catòlico, absorto, extasiado,
ante os enigmas de um mistério escuro;
o protestante, em pertinaz vigilia,

procurando extrair do livro santo
o sentido mais puro,
...não fazem mais do que uma só familia!

Todos somos irmãos! Se alguém vos disse,
— alguém que a vossos olhos revestisse
os trajes de mentor, —
se alguém vos disse que o estrangeiro, o escravo,
o hotentote, o judeu, o negro, o pária,
não vos merecem fraternal amor
nem são vossos irmãos,
por terem raça estranha e crença vária,
não lhe deis fé, porque esse alguém... mentiu-vos!
É mau e hipócrita! das suas mãos
só virão bênçãos que se tornam logo
em fel de maldição! da sua boca
a mais curta palavra é como o fogo:
varre e ennegrece, quando os não devora,
os pontos onde toca.

Todos somos irmãos! O vosso amor
será como a corrente cristalina:
ou transcorra o valeiro ou a campina,
brejo ou algar, por onde quer que fôr,
a tudo há de levar
a frescura que as margens opulenta,
a abundância que os povos alimenta,
a alegria, o bom ar.
E uma corrente, — vêde, —

não mostra preferências por ninguém :
pelas vàrzeas que o sol, queimado tem,
onde apareça a sêde, .
onde a fome desenhe escuros traços,
ela a todos atende :
a um lado e a outro estende
os providentes braços.

Mas assim como a limpida corrente
primeiro beija a rocha donde sái,
assim o vosso espirito innocente
primeiro hà de espraiar-se docemente
dentro dos lares, em que vosso pai
com a espôsa partilha
os abraços de um filho ou de uma filha.

Vós não sabeis decerto quanto val
o inesgotàvel pròvido tesoiro
do afecto maternal ;
nem acharieis oiro,
ou jòia de alto preço, que valesse
de um pai o mais ligeiro pensamento,
um sorriso, um lamento,
um òsculo, uma prece.

Pagai com vosso amor o amor immenso
dos que vos embalaram. Desvelados,
êles pensam por vós ; os seus cuidados
todos convergem para o foco intenso,

aonde, por um sôpro do destino,
se foram confundir e recompor,
num êxtase divino,
duas rèstias da luz do eterno amor.

Mas ¿ tu choras, criança, em quanto as mais
prestam ouvido atento ?
¿ Que estranho pensamento
te ensombra agora as faces virginais ?
¿ Tu não tens pai nem mãi ?
o teu berço, ¿ embalou-o a caridade,
que te encontrou sòzinha, sem ninguém,
a um canto das vielas da cidade ?

Chora, mas não por ti ; chora e lamenta
aqueles que nas aras do egoismo
depuseram a vitima incruenta
do seu fatal amor, como a tormenta
que à beira de um abismo
deixa a vergôntea dèbil, despojada
da verdura e dos mimos da alvorada.

Quando nasceste, a hipocrisia infame
ergueu-se e disse aos dois :
— Escondei-a ! que o mundo raiva e brame,
se vos mostrais quais sois ;
afivelai a máscara, a ilusão,

mostrai-vos sós e livres e impolutos,
que o mundo absolve os maus e os dissolutos.
quando sabem mostrar o que não são. —

E êles, as duas feras sem rivais,
a quem a natureza por engano
um dia tornou pais,
arrancaram do seio deshumano
o mais grato penhor do afecto puro,
e atiraram-no às ondas do futuro,
aos caprichos da sorte, às ventanias,
à fome, ao assassinio, às enxovias,
à vergonha, ao monturo.

Chora, mas não por ti! A humanidade
é mãi que não enjeita a sua prole:
aqui se denomina caridade,
filantropia além; mas, quer console
aqueles que vasquejam na agonia,
quer lance do seu cálix de ambrosia
no cálix do martirio um doce gole;
quer tome a si o luto, a mágua, a sorte
dos desherdados da fortuna vária,
ou entre pela estrada solitária
em que após da misèria vai a morte,
e dê às noites da alma luz e vida,
pão ao triste casal, festas, beleza,
cumpre essa lei que vemos insculpida

no còdigo immortal da natureza,
e que, se alguèm pronunciá-la fôr,
apenas diz — amor!

Amor a todos, por amor ao bem!
vai nisto a paz e a sólida ventura,
e o apanágio tambèm,
da humana criatura.

Amai-vos como irmãos;
e a cada passo deixareis brilhando
o sêlo da bondade;
e, se das vossas pequeninas mãos
hão de sair em misterioso bando
os destinos do mundo, a humanidade,
— destinos que virão,
quais as pombas da lenda,
anunciar a luz da redenção
à humanidade opressa e foragida,
que, em trevas anelando ideal clarão,
anda fazendo e desfazendo a tenda
em que se gasta a vida; —
e, se vós sois o arco da aliança,
que no horizonte escuro
há de espalhar os risos da esperança
e as bençãos do futuro:
deixai que vos repasse a casta essência

do bem e da verdade;
ela é irman dos lirios da innocência
e dá realce á flôr da vossa idade!

Finde a homilia porém.
É pôsto o sol. O fumo dos casais
tolda o poente, além,
subindo em espirais.
Voltam do campo os filhos do trabalho,
a quem fortuna esquiva
negou o pão; mas dá-lho
o suor que das fontes lhes deriva.
A natureza em lânguido cicio
parece convidar
ao descanso nocturno, á paz do lar,
ao brando sono em cabeçal macio.
A fada tutelar dos innocentes
espera-vos além, nas vossas casas;
há de inspirar-vos sonhos sorridentes,
zelará o esplendor das vossas asas,
e velará por vós, anjos dormentes.

Não a vêdes, mas ela vos embala;
não a ouvis, mas as vozes que escutais
em sonhos de oiro, puros, virginais,
são dela, que vos fala
numa linguagem doce, immaculada,
como um gorgeio em fresca madrugada.

Deitai-vos e dormi; mas nem dormindo
deixeis esmorecer a luz bendita
que, acesa da verdade ao sopro infindo,
dentro de vossos corações habita.

E, quando despertardes,
repeti este canto, esta lição.
Em todas as manhans, todas as tardes,
á noitinha, ao serão,
passai pela lembrança
o meu canto de amor e de esperança.

Eu volto á luta inglória,
aos trabalhos que conto pelos dias,
mineiro obscuro de áureas utopias,
que não aspira á história.

Se alguma vez o frio desalento
me quebrantar as fôrças e a coragem,
trarei ao pensamento
a vossa casta imagem;
e o operário cansado, desvalido,
crerá que se lhe arqueia um céu mais puro;
e, revocando o seu vigor perdido,
trabalhará por vós, pelo futuro.

PLATONISMO

(Ao Conde de Valenças)

Esta imaginação é um tormento.
João de Deus.

No meu árido exilio, em que a ventura
nunca roçou as asas columbinas,
e em que a luz de alvoradas peregrinas
nunca varreu a minha noite escura ;

suave e luminosa criatura
caminhou para mim, dentre as neblinas ;
e ergueu nas suas mãos alabastrinas
o farol mago, que o meu ser procura.

Mas, quando a aparição resplandecia
mais próxima de mim, e desvelada
me apontava o arrebol de um novo dia ;

em vez da sua boca perfumada,
nos meus làbios tocou a noite fria,
e os meus braços cingiram... sombras, nada !

VISÃO

(A Caetano Alberto)

Os ciprestes gemiam tristemente
em volta do meu túmulo gelado;
e, na fimbria de um manto constelado,
a lua recortava-se em crescente.

Tudo silencioso e triste! De repente,
assomou o teu vulto idolatrado;
na minha campa, nesse frio estrado,
foste ajoelhar então, piedosamente;

e uma lágrima tua dolorida,
tão doce, tão ardente e tão sentida,
no meu álgido leito se embebeu,

que eu sentiria, na feral jazida,
meu coração bater, se acaso á vida
voltar pudesse quem por ti morreu.

DUAS ANDORINHAS

(DE E. LEGOUVÉ)

(Á VISCONDESSA DE SANCHES DE FRIAS)

Ontem, fui assentar-me junto ao lar;
que as rajadas primeiras
do frio inverno sòem convidar
ao tèpido romanso das lareiras.
E o nordeste me trouxe então os trinfos
de duas andorinhas palradeiras:

— Filha, è mister partir: os parvoncinhos,
o inverno anunciando,
cruzam os cèus em bando;
e dos freixos vizinhos,
desfolhados e tristes, já soou
três vezes nosso grito, convocando
as nossas companheiras. Vem.

— Não vou!
—Vem. Olha tu como o esquadrão primeiro
já se alinha, formando-se em vanguarda!
A hora da partida, vês? não tarda,
deixamos esta noite o paradeiro:

bem sabes tu que a escuridão cerrada
nos oculta de todos, ao partir;
e que, feita ness'hora a retirada,
não nos póde o milhafre perseguir.

— Minha mãi! tua filha não irá
á paragem longinqua, aonde vais;
nesta noite, daqui não partirá,
nem ámanhan, nem ao depois! jámais!

— Porquê?

— No mesmo ninho,
em que tu me criaste, minha mãi,
criando fui também
minha primeira prole; o meu carinho,
bárbara mão foi perturbar-mo ali:
lançou-me fóra, e trépida fugi!

Aquela casa, por bem pouco tempo,
dos meus amores foi quieta estância;
e meus filhinhos, de asas incipientes,
nem sequer chegarão a estas correntes...

— Vem : é timida a infância ;
e tu mesmo, no ano, que lá vai,
receavas partir dêstes lugares,
até que em fim teu pai
te amparou, e seguiste-o :
ampara-os, que êles seguir-te-ão nos ares.

— Repara neles, mãi :
o corpo seu franzino,
bem vês, apenas tem
raro froixel, bem raro e inda mais fino.
— Mas que há de ser de ti, pobre innocente ?
O inverno aqui é áspero, inclemente,
e jámais esquecê-lo poderei :
Um dia, pelo outono, uns caçadores
as asas me feriram ; cá fiquei !
Quanto eu sofri de horrores !
A neve cobriu tudo ! não havia
insectos nem abrigo ! e a cada lado
um pássaro se via
cair no chão, morrendo enregelado.

— Enregelado, mãi ? !

— Viam-se alguns também
percorrer os espaços a gritar,
cair na terra, ao despedir da vida,
e de fome expirar !

— De fome, mãi querida?

— E eu salvei a existência amargurada,
paredes habitando,
coberta de geada,
e faminta buscando
cadáveres de insectos no tear
das aranhas... Teus filhos vai chamar!

— Apenas têm voejado
em volta do telhado...

— Que importa? adeja-lhes em tôrno; ostenta,
suspenso do teu bico, algum insecto.
Quem é pequeno, a gulodice o tenta:
se dá um passo, recuamos outro;
e vai andando empós daquele objecto
que tanto o prende; arroja-se, e por fim
libra-se nos espaços prazenteiro.
Lembras-te? foi assim
que recebeste o ensino meu primeiro.

— Mas se êles, pelas ceifas,
inda não eram nados!

— Ergue-te pois sòzinha a esses ares,
e abandona comigo estes lugares,
coito de ruins fados.

— ¿ Deixá-los morrer, eu ? !

— Mas, se ficares,
¿ escaparão os miseros ?

— É que não morrerão desamparados :
inda que o frio enregelar-me venha
com êles achegados ao meu peito
em nosso ninho estreito ;
inda que, além, do resfriado lar,
reacendendo-se o lume, me viessem,
durante cada dia,
ondas de negro fumo sufocar,
eu nunca os deixaria !

Lá dentro ou fóra, e ou seja dia ou noite,
buscarei sempre, com afan e amor,
que a todos os acoite
este meu corpo... Eu creio que o amor
me há de alargar as asas... Se Deus veda
que o meu sangue lhes sirva de alimento,
não veda que lhes dê o seu calor.
Quero, por cima deles estendida,
soltar assim meu derradeiro alento ;
e, para os defender
mesmo depois de me fugir a vida,
eu quero-lhes fazer
de meus restos mortaes uma guarida !

— Filha, procedes bem.
Como tu, eu seria corajosa
por ti, como êles débil, nestes sitios.
Fica. A turba ansiosa
de meus filhos aguarda sua mãi
naquele freixo, além.
O dever que te prende é o que me arrasta.
É mister separar-nos, desligar
dos teus destinos os destinos meus.
Oxalá que te seja este lugar
propicio sempre. Adeus pois, filha.

— Adeus. —

E não ouvi mais nada.
O bater de umas asas revelou
da andorinha mais velha a retirada;
depois, suspiro tenue resoou.

E eu disse a sós comigo:
— Não tenhas medo, afável andorinha,
que não corres perigo.
Tomarei a meu cargo, em cada dia,
dar-te alimento e aos filhos, andorinha.
Hei de fazer que a tua moradia
bem separada fique
do fumo da cozinha,
por um grosso tabique.

Ao ninho sossegado
há de chegar sòmente
um calor temperado,
suavissimo, innocente.

E como que já sinto aquele júbilo
que hei de na primavera ressentir,
quando te encontrar viva a mãi saudosa;
e quando ela te ouvir,
ainda duvidosa,
a história dos teus dias,
que eu salvei para novas alegrias.

RELIGIO

(Ao Cardial V. Vanutelli)

Bonum est confiteri Domino et psallere...
Salmo xci, 1.

Há um poema enorme, uma epopeia,
que assombra as gerações
mais do que o *Inferno*, a *Iliada*, a *Odisseia*
e o livro de Camões:

em lingua universal está escrito
e em traços immortais;
tem por teatro o mundo e o infinito
e mais, se houvesse mais.

O passado, o presente e a eternidade
a data lhe contêm;
das personagens não se conta a idade;
e a acção, resume-a o bem.

Èste poema immortal, em que fulgura
suprema inspiração,
se a humana lingua o nome lhe procura,
diz-se — *Religião*.

DISTIQUE

Dans l'album d'une jeune fille

(Ao Conselheiro Agostinho de Campos)

L'amour qui, doux et joyeux,
Trésaille gaiement toujours
Dans les yeux
Et dans le coeur naïf, heureux,
Des enfants près de son père,
— Voici le ciel sur la terre,
Voici l'amour des amours!

CONTRASTES

(A Malheiro Dias)

Por ti, sem ti, comigo estou passando
Nas móres alegrias mór tristeza.

Fernão A. do Oriente.

Vem assomando além, festiva, a primavera,
recamada de luz, de pérolas toucada.
O rosmaninho exorna o vale e a cumeada;
nas ruinas verdeja a parietária e a hera;

a amendoeira em flôr, noiva gentil, espera
o orvalho cristalino, o beijo da alvorada;
o sol vai abraçar a terra enamorada;
acorda para o amor o rouxinol e a fera!

Mas... ¿que me importa a mim a natureza em festa?
se um vento regelado as ilusões me cresta!
se nuvem tempestuosa o meu deserto cinge!

se a ventura, que eu sonho, em meu casal não mora
se te não vejo nunca, ó inspirada aurora!
se não queres ouvir-me, ó suspirada esfinge!

SALVÈ

Versos recitados pelo actor Roque, na festa dedicada aos vencedores dos Cuamatas pelo Pedroiços-Club.

(A meus filhos, Reinaldo e Octávio)

Ao longe, muito ao longe, além dos mares,
nossos avôs, honrando a pátria amada,
foram alçar a cruz, brandir a espada,
em terra inóspita, em sertões e algares.

E o selvagem das terras africanas
curvou-se à cruz, rendeu-se à espada ovante;
e, em regiões immensas flutuante,
viu-se o balsão das quinas lusitanas.

Mas, com o tempo, esmoreceu a fama
dos antigos heróis armipotentes;
e o negro, descerrando os alvos dentes,
mordeu a mão que o levantou da lama.

Cumpria mostrar bem ao negro e ao mundo
que, da Europa no último recanto,
existe Portugal, que foi o espanto
dos continentes e do mar profundo.

E mostrou-se! Um punhado de valentes,
heróis de terra e mar, florões da história,
fizeram reviver a fama, a glória,
a bravura de heroicos ascendentes.

À frente deles, através dos matos,
relampagueava uma brilhante espada,
rasgando selvas e apontando a estrada
dos Albuquerques e dos Viriatos.

E essa espada levou-os à vitória!
E os loiros, que a afestôam viridentes,
cobrem esse punhado de valentes,
e hão de levá-los aos confins da história!

NA PRAIA

(Ao Conselheiro Oliveira Simões)

Ela ia partir! De uma galera
reclinou-se saudosa na amurada.
E eu fui dizer-lhe adeus, sem dizer nada,
como se eu presa a minha voz tivera!

Última flôr da minha primavera,
levei-lhe uma miosòte perfumada;
e ela beijou-a, triste, magoada,
e segredou-me: — « Eu voltarei! Espera! » —

Depois, a barca navegou ligeira,
deixando apenas luminosa esteira,
em que o húmido olhar fitando estou!

E fiquei-me na praia, só e amante,
a ver se vejo ao longe a barca errante
que há de trazer-me quanto me levou!

VERGISS-MEIN-NICHT

(A D. Anna Bono Simões Carneiro da Silva)

A *John Hopper* altiva e purpurina,
e as grinaldas da *Spirea* prateada,
não valem da *Miosote* perfumada
a bela flôr azul e pequenina:

de entre a folhagem branda e esmeraldina
resalta a flôr, — a cúpula azulada
de um pequenino céu, onde, enlevada,
minha alma beija o sol que me ilumina...

Vivo, porque ela vive! — se algum dia
a estremecida flôr, que me enebria,
batida fôr dos temporais do sul;

e se eu a vir no frio chão caida,
irei caminho da final jazida,
levando ao peito a minha flôr azul...

ENCONTRO

(Á Viscondessa de San-Caetano)

— Tu, que choras sòzinha, triste e pobre,
¿ que nome tens ?
— Eu chamo-me *Orfandade ;*
e tu, que vais sorrindo, meiga e nobre,
dize : ¿ quem és ?
— Eu sou a *Caridade.*

— Sê bem-vinda.
— Tens pais ?
— A terra os cobre
e os teus ?
— Nasci do Amor e da Piedade.
— A tua pátria ?
— Quanto o olhar descobre !
— Quem é tua familia ?
— A humanidade !

Vivo a semear o bem e me avizinho
da tua estância agreste, por que vejas
enflorar-se o teu árido caminho:

terás em mim, se nada mais desejas,
paterno amparo, maternal carinho
e um grande coração...
— Bendita sejas!

APOLOGIA

(Ao Dr. Ribera y Rovira)

Viva e resplenda o amor! Embora a vida,
de abrolhos ameúde revestida,
nos excrucie..., o amor è sempre o amor!

Èle saúda o sol, como a calhandra;
vive no fogo, como a salamandra,
que a vida cifra-se em morrer de amor!

O Vèsper, que flutua no Ocidente;
O Sol, que alaga em chamas o Oriente,
não brilham mais que a eterna luz do amor!

Copèrnico, afirmando temerário
que o centro do sistema planetário
está no sol, errou: — está no amor!

Em volta dele, há séculos, gravitam
astros, constelações, os sòis que habitam
as infindas regiões que rege o amor!

Obedecem à sua omnipotência
a morte e a vida: o facho da existência
é humilde satélite do amor!

Se se apagasse o amor, voltando ao nada,
— o mundo, a natureza fulminada,
também se extinguiria, como o amor!

Mas não se extingue o que é eterno e immenso,
que nova vida e novo ardor intenso
no andar dos séculos adquire o amor!

Um século de mágoas e tormento
é compensado por um sò momento
de intimo gôzo de profundo amor!

Se a morte queima as flôres da ventura,
¿ que importa a vida, a morte, a sepultura,
apòs um beijo de infinito amor?!

A LILI

(En lui offrant un livre d'A. Daudet)

Lili, quand tu liras ces éblouissantes pages
D'amour et de beauté,
Souviens-toi que tes yeux ont effacé les nuages
Des cieux de mon été.

Et, s'il arrivera que tes larmes bénies
Arrosent doucement le récit du malheur,
Sache que je pleure, en songeant, mon amie,
Que ton coeur bienfaisant réfuse le bonheur.

Mas je crois que ton âme acceptera peut-être
Ce livre, ca temoin d'attachement, de foi ;
Et, puisque je voudrais donner tout, j'ai pu mettre
Dans ce petit cadeau tout ce qui est à moi.

Noel de 18...

NO MONTE DE CAPARICA

(RESIDÊNCIA DE BULHÃO PATO)

As raparigas da Costa,
que sobem até o Monte,
poisam a giga, e defronte
do seu mais nobre freguês,
quedam-se cheias de enlêvo:
— Bonito velho! Não vês?
Vai jantar... chegou da caça...
Pois a sardinha que eu levo,
dava-lha toda de graça! —

Não terem lido as da Costa
um livro, o *Livro do Monte*,
ou não haver quem lhes conte
como o velho delas gosta,
se condói daquela lida,
e em espirito acarinha
a miséria mal vestida,

que do Monte se avizinha!
Nenhuma, certo, adivinha
os afectos que lhe deve!
Aliás, não lhe daria
a cestita de sardinha,
mas de beijos cobriria
aquelas barbas de neve!

HUMORADAS

de Campoamor

(Ao Dr. A. A. de Melo)

Ao dar-te o meu adeus, formosa Iria,
eu quero-te dizer
o que o hebreu dizia:
— « De mim me esqueça eu, se eu te esquecer ».

Embora, por modéstia, não o creias,
as flôres, junto a ti, parecem feias.

Conserva sempre um manto
por sôbre os teus encantos mais valiosos;
que, em matéria de encantos misteriosos,
se o mistério se rasga, adeus encanto!

*

As Graças eram três antigamente;
mas, dês que esta nasceu,
digo e sustento eu
que as Graças não são três: uma sòmente.

Tua virtude é tal, que eu asseguro
ser verdade o que dizem várias gentes:
que, à fôrça de ser puro,
com teu hálito morrem as serpentes.

Como te amava tanto,
alterei a jornada;
pois ia para santo,
e, depois que te vi, mudei de estrada.

Se perturbada a tua paz não queres,
crê muito em Deus, e nada nas mulheres.

Sofre, sofre, traidora que abomino!
A vida, ao lado *dêle*, é-te um inferno!
Já vês que muitas vezes o destino
é juiz e antecipa a voz do Eterno.

Quando começa a falar
da sua virtude rara,
tapo logo a minha cara,
por vergonha, que tenho, de pensar
o que penso, quando ela entra a falar
da sua virtude rara.

Dizia uma feissima velhinha:
— Quanto a virtude, creio só na minha.

Contra a infiel, que esta minha alma odeia,
porque matou as minhas esperanças,
tomei a mais terrivel das vinganças,
pois a deixo morrer de velha e feia.

Quando êle preguntou se o amava, a espôsa
disse que *sim*... pensando noutra cousa.

Pois que tanto te admira
a ciência dos velhos,
quero dar-te o melhor dos meus conselhos:
Nesta verdade crê — tudo é mentira!

Se a compreender aspiras
a ciência das puras realidades,
acharás que, de todas as verdades,
metade pelo menos são mentiras.

De todos é debalde apetecido
teu amável sorriso.
pois não ha paraiso
sem fruto proïbido.

Essa mulher tão bela
foi por mim tão querida,
que, muita vez, para morrer por ela,
penas me faltou perder a vida.

Eu sempre que lhe vejo
o rosto sedutor,
sinto o maior desejo
de ser ainda padre e confessor.

À viração imploro
que te repita a frase consagrada,
que um autor dirigiu à sua amada:
— Maldito seja eu, se não te adoro! —

Não é por deixar um nome,
que deixo o meu nome aqui:
é só para que te lembres
de que me lembro de ti.

Um segredo, que tenho dentro em mim,
me vai enlouquecendo.
Ouve-o... chega-te aqui... mais perto... assim...
— « Inda que velho sou, fica sabendo... » —

Deixa que, suspirando,
te conte os meus âmores,
pois sou, tua beleza contemplando,
árvore velha a desatar-se em flôres.

Quis um dia dizer-te que o meu peito,
de amor por ti, em vivas chamas arde ;
e nada disse, que, para êsse efeito,
eu nasci cedo e tu nasceste tarde.

Se vires mulher feia, mas graciosa,
fica sabendo que é, — regra infalivel, —
mil vezes mais terrivel
que uma mulher formosa.

As mais preciosas instruções me deu
uma devota célebre e instruida,
que na vida dos santos aprendeu
as coisas menos santas desta vida.

Enxuga o pranto amargo;
que a tua doce filha estremecida,
ao deixar esta vida,
passou de um sonho curto a um sonho largo.

É um sonho de amor a sua história:
— nasceu; foi bela; foi ingênua e doce;
amou; deu leis; morreu; abriu-se a glória;
entrou, e, logo após, o céu fechou-se.

— — — —

DIALOGUES INNOCENTS

(A Jaime de Séguier)

I

— Bon jour, Margot!
Comment vas-tu?
Et ton mari? — Le pauvre sot!
Il est battu,
Il est pendu,
E plus encor... Dis-tu le mot.

II

— Tu n'es pas franche;
En jour de fête, un beau dimanche,
Une petite larme arrose
tes yeux de feu... Quelle est la cause?
— Rien de nouveau... Toujours le poids

de mon mènage et d'un mari...
Tu ne peus pas juger, ma mie,
Comment la vie
Est lourde à moi!
Sais-tu pent-être
Le poids d'un maître?
— Je le sais, oui
— Comment? comment? Es-tu mariée?
— Non, helas! mais — et tu le vois, —
Je suis toujours si dediée
à toi, toute à toi,
que je partage
le poids... le poids...
de ton mènage!

TRÊS ÉPOCAS

Versos recitados pelo actor Chaby Pinheiro no teatro «Dona Amelia», no espectáculo de homenagem ao escritor brasileiro Artur Azevedo.

(Ao Dr. Vicente R. Monteiro)

I

ANTES

Na tremulina do meu claro Tejo
palpitam ansiosos galeões.
Irrompem do Levante
os nitidos clarões,
que sobredoiram de uma estranha luz
a frota alegre, ousada, palpitante;
e vê-se flutuar àlém, distante,
uma esperança, um sonho, — *Santa Cruz.*

II

DEPOIS

De faces requeimadas, o europeu
tressua, ao desbravar longas florestas;
da natureza ás esplendentes festas
reúne o grito seu,
que pôi em fuga o tigre espavorido.
Surgem novas idades;
rasgam-se estradas; erguem-se cidades,
campeia a Cruz na selva tropical,
e o selvagem murmura agradecido:
— Bem hajas, Portugal! —

III

AGORA

Vão ondas e vêm ondas, osculando
doiradas orlas de afastados mundos,
e, por sôbre os abismos mais profundos,
perpassa enérgico, de quando em quando,
um hino intenso, hino de amor febril,
mas de fraterno amor,
cuja letra podemos decompor
nestas palavras — *Portugal! Brasil!*

OLHOS QUE FALAM

Uns lábios, que dizem *não*,
valem menos, para mim,
que a doce e muda expressão
de uns olhos que dizem *sim*.

O MAR

Depois do desastre do «Aquidaban»

(Ao Dr. F. Simões Carneiro)

— Minha mãi, ¿que voz é aquela,
que vem das bandas do mar?
— Meu filho, é a voz da procela,
são as ondas a chorar!

— Minha mãi, ¿porque é que choram,
se ninguém lhes foi bater?...
— Meu filho, é porque deploram
os que nelas vão morrer!

— ¿Porque é que o mar se lamenta,
hoje e ontem, sempre assim?
— Porque encerra e representa
prantos e mágoas sem fim;

os gemidos lancinantes
que aos lábios de filhos vêm;
prantos de irmãos e de amantes,
benditos prantos de mãi!

TROVAS DE CASTELA

(A Fernandes Costa)

Nem contigo, nem sem ti,
meus males fim podem ter:
contigo, porque me mátas;
sem ti, porque vou morrer.

Eu quero-te mais que á vida,
que a meu pai e a minha mãi;
e, se não fôsse pecado,
mais do que á Virgem também.

Perdeu-se um dia uma estrêla,
do céu desapareceu,
escondeu-se em tua casa
e em teu rosto se acendeu.

Os teus olhos são, querida,
feiticeiros e ladrões,
que andam nas encruzilhadas
a roubar os corações.

A quem viva como eu,
com a esperança perdida,
não é preciso que o enterrem,
que está enterrado em vida.

Por um beijito, ou por dois,
por três, por quatro ou por cem,
a mulher não perde nada,
e o homem sente-se bem.

Quando as pedras soltem gritos
e o sol deixe de girar,
e o mar deixe de ter água,
deixarei eu de te amar.

Não sei o que têm as flôres
que no cemitério moram,
pois quando as baloiça o vento
parece que todas choram.

Teus olhos são dois tinteiros,
teu nariz pena delgada,
teus dentes letra miúda,
e a boca... é carta fechada.

No dia em que tu nasceste,
nasceram três coisas belas:
nasceu o sol mais a lua
e nasceram as estrêlas.

Quisera ser çapatinho
do teu pequenino pé,
para ver em certas horas
o que o çapatinho vê.

Mulher que namora dois
tem juizo com certeza:
se se lhe apaga uma vela,
inda lhe fica outra acesa.

Estive no purgatório,
vi toda a espécie de pena,
e notei que por amar
nenhuma alma se condena.

Quisera ver-te, meu bem,
trinta dias cada mês,
dez vezes cada semana,
cada minuto uma vez.

Para mim, sempre é de noite,
e noite sempre há de ser,
até que, chegando a morte,
eu comece então a ver.

Dez anos depois de morto,
preguntou-me o frio chão
se eu me esquecera de ti,
e eu respondi-lhe que não.

Caiu na cama da ausência,
doente, a minha esperança.
Prantos, tende paciência,
porque o tempo tudo alcança.

Quisera ser uma aragem
e entrar-lhe pela janela,
para ver se a minha amada
no seu quarto dorme ou vela.

Pomba, que andas pelo monte,
olha que sou caçador,
e, se te encontro e te mato,
só eu sentirei a dôr.

Quem vier aconselhar-me
a que te esqueça, querida,
será o meu inimigo
no resto da minha vida.

INDICE

Pag.

Razão do livro V

JORNADA I — QUADROS CAMBIANTES

Os «Quadros Cambiantes» XIII
Palavras de Castilho XV
Palavras do Bispo de Viseu XIX
Palavras de Mendes Leal XXI
Palavras de Camilo XXIII
Mariposas 25
Margarida 26
Rosa 27
L'Amour c'est la vie 29
Helena. 31
Os meus desejos 36
Saudade 37
Epigrama de Sannazzaro 40
Horácio a Nera 41
Salmo de David 44
Sulle rive del Bosforo. 46
Vinga-te! 49
A fé 51

PAG.

Prisão de amor 55
Adeus 56
A providência dos pobres. 60
Em fim! 65
Último canto 71

JORNADA II — TASSO

O «Tasso» 77
Palavras de Antero de Quental 83
Palavras de Teófilo 87
Palavras de D. Maria Amália. 91
Palavras de Michelet 95
Canto I 97
Canto II 106
Canto III 110
Canto VI 116
Canto VII 120

JORNADA III — PARIETÁRIAS

As «Parietárias» 129
Palavras de Pinheiro Chagas 131
Dedicatória 135
Harpa nocturna 139
A alguém 143
Alvorada 144
A Espanha livre 146
Memórias 150
Deus não dorme 153
Egeu 155

PAG.

Carpe Diem 158
A côr 163
Avê, Libertas 165
A uma criança. 170
Aquela pequena 171
Três véus 173
Rimas 176
Luz perpétua 181
Crenças 182
Estrélas 188
O berço 189

JORNADA IV — O POEMA DA MISÉRIA

Advertência 195
Palavras de Herculano 199
Introdução 203
Nova musa 209
História vulgar 210
Um grupo 217
Na sombra. 221
O esquecimento 223
Alvorada 226
Louverture e Bonaparte 230
Aos hipócritas. 236
Murmúrios na caserna. 238
Últimos adeuses 244
O agiota 253
A fome. 255
Trevas. 258

PAG.

Vozes longinquas 259
No campo 260
Dezembro 262
Progredior. 264

JORNADA V — NICTAGÍNEAS

Palavras prévias 273
Ad astra 275
Aos pés da deusa 277
A pasta de um ministro 281
Atalanta 284
Alma viúva 287
A uma pianista 290
Consolações 291
Dístico. 292
Esposa. 293
Irmans? 297
Deus 301
O livro de Corina 304
O meu poema 306
Outra Hero 311
Um prólogo 312
Transformismo 316
Ouvindo música 318

JORNADA VI — O LIVRO DE JOB

Palavras de Bulhão Pato 323
Palavras de Trindade Coelho 329
Capitulo III 333

PAG.

Capitulo X. 338
Capitulo XL 341
Capitulo XLII 344

JORNADA VII — CRISÁNTEMOS

Vaga luna 349
Intercedendo 351
Outro mar... 353
Micrologia 354
Rosa branca 356
Pensamentos de Musset 358
Lausperenne 361
Correspondência 362
O último charuto 365
Autópsia 367
Andorinhas 371
Memórias 373
Castelos 375
Legado. 378
A... 379

JORNADA VIII — ESPARSAS

I — Morte de Iaginadata 385
Palavras de Camilo 387
Palavras de Viale 389
II — Crianças 411
Palavras do primeiro editor 413
III — Platonismo 428
IV — Visão 429

PAG.

V — Duas Andorinhas 430
VI — Religio 437
VII — Distique 438
VIII — Contrastes 439
IX — Salvè. 440
X — Na praia. 442
XI — Vergiss-mein-nicht 443
XII — Encontro. 444
XIII — Apologia. 445
XIV — A Lili 447
XV — No Monte de Caparica 449
Humoradas 451
XVII — Dialogues innocents. 458
XVIII — Três épocas 460
XIX — Olhos que falam. 462
XX — O mar 463
XXI — Trovas de Castela 465

OBRAS DE CANDIDO DE FIGUEIREDO

LITERATURA

Poesia
- *Quadros Cambiantes*, 1 vol.
- *Tasso*, 1 vol.
- *Parietárias*, 1 vol.
- *Um Anjo Mártir*, broch.
- *O Poema da Miséria*, 1 vol.
- *Nictagíneas*, 1 vol.
- *Ás Crianças*, broch.
- *Morte de Iaginadata*, broch.
- *Crisântemos*, 1 vol.
- *O Livro de Job*, 1 vol.
- *Antologia Poética*, selecta, 1 vol.

Prosa
- *Amores de um marinheiro*, 1 vol.
- *O Bacharel Ramires*, 1 vol.
- *Homens e Letras*, 1 vol.
- *Figuras Literárias*, 1 vol.
- *Pirilampos*, 1 vol.
- *O Cenáculo*, 1 vol.

Duas Viúvas, trad., broch.

Prosa
- *Os Companheiros de Vasco da Gama*, trad., 1 vol.
- *Os Dois Tamanquinhos*, trad., 1 vol.
- *Vamiré*, trad., 1 vol.
- *Vencer ou morrer*, trad., 1 vol.
- *Arminho*, broch.
- *Lisbôa* no *Ano Três-Mil*, 1 vol.

Prosas Modernas, selecta, 1 vol.

LINGUÍSTICA

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 2 vol.
Lições Práticas da Língua Portuguesa 3 vol.
Falar e escrever, 3 vol.
Estrangeirismos, 1 vol.
Problemas da Linguagem, 1 vol.
O que se não deve dizer, 1 vol.
Manual da Ciência da Linguagem, trad., 1 vol.
Subsídios para um Dicionário Geogr., broch.
Tosquia de um Gramático, broch.
O Golpe de Misericórdia, broch.

POLIGRAFIA

História Universal, 1 vol.
História de Portugal, 1 vol..
Manual de Geografia Moderna, 1 vol.
A Liberdade de Indústria, 1 vol.
O Município e a Descentralisação: broch.
Generalização da História do Direito Romano, broch.

Rudimentos de Direito Civil, Direito Público, Direito Administrativo e Economia Política, 4 vol.

Manual dos Jurados, broch.

Usufruto e Fideicomisso, broch.

O Govêrno Civil de Vila-Real, broch.

Um Bacharel em Mística, broch.

O Direito Penal na Índia, broch.

Moral para todos, (trad.), 1 vol.

Rudimentos de Literatura, 1 vol.

Manual dos Direitos e Deveres, 1 vol.

Pequeno Dicionário de Latitudes e Longitudes, broch.

Primeiras Linhas de Corografia, broch.

Noções de Geografia Antiga, broch.

Episódios e Figuras Célebres da História de Portugal, 1 vol.

Notícia Histórica dos Antigos Povos do Oriente, 1 vol.

A Bula da Cruzada, broch.

O Conselho Superior de Instrução Pública, 3 vol. brochados.

Recapitulação da História das Literaturas, broch.

PQ
9261
F52P4

Figueiredo, Candido de
Peregrinações
Ed. definitiva

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 01 08 009 9